

Projeto CIV *Young Storytellers*:
Estudo Exploratório de uma Investigação-Ação
no Colégio Internacional de Vilamoura

por

Teresa Alexandrino

Vilamoura, novembro de 2014

Mestrado em Arte e Educação

Projeto CIV *Young Storytellers*:
Estudo Exploratório de uma Investigação-Ação
no Colégio Internacional de Vilamoura

Teresa Alexandrino

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Arte e Educação

Orientador: Professor Doutor Amílcar Martins

Vilamoura, novembro de 2014

RESUMO

O trabalho de investigação que aqui apresento aborda a criação e coordenação de um grupo de jovens contadores de histórias do Colégio Internacional de Vilamoura (CIV), designado por CIV *Young Storytellers*. A problemática e o objeto de estudo da pesquisa centram-se no desenvolvimento das expressões artísticas, com relevo para a expressão plástica e artes visuais, a expressão dramática, a teatralidade e a *performance*, em contextos de aprendizagem multicultural e linguística de jovens contadores de histórias.

A metodologia teórico-concetual e empírica da pesquisa desenvolve-se através de uma investigação-ação com a duração de três anos, articulados numa teia progressiva de quatro fases: i) a fundamentação teórico-concetual; ii) a conceção; iii) a implementação de atividades formativas expressivo-artísticas; iv) a retroação e avaliação.

O quadro teórico-concetual identifica as linhas de força da figura inspiradora do *ArteNauta*, através de uma constelação das suas funções operativas, aliando-as à figura do *Contador de Histórias* numa perspetiva de diversidade. Os objetivos de aprendizagem destacam uma constelação-guia com os seguintes conceitos: a *viagem*, a *criatividade*, a *liberdade*, o *prazer* e o *tornar-se pessoa*.

Esta detalhada narrativa de arte-educação foi construída, analisada e interpretada a partir de uma panóplia alargada de recursos gerados ao longo desta *viagem formativa*, designadamente de diários de bordo, de portfólios dos participantes no Projeto, de uma imagética iconográfica muito ampla, de vídeos e de fotografias, de escritos nas *newsletters* e *yearbooks* do CIV e, ainda, de depoimentos de encarregados de educação, de outros professores e de auxiliares de educação do CIV.

A interpretação sobre os dados do Projeto CIV *Young Storytellers* evidencia o contributo da educação pela arte – associada ao conjunto das áreas artísticas que mobilizámos numa perspetiva inter e transdisciplinar –, para o desenvolvimento pessoal, linguístico, estético-artístico e cultural dos CIV *Young Storytellers*. Permitiu-me ainda realçar o valor pedagógico, comunicacional e metodológico que emergiu de uma prática de arte-educação que reportamos da maior importância para os CIV *Young Storytellers* e para a redefinição do projeto global do CIV.

É com esta convicção e desejo que aqui partilho esta experiência. Mas, sobretudo, por perspetivar o Projeto CIV *Young Storytellers* como um exemplo de **boa prática educativa, cultural e artística**, à luz dos indicadores internacionais de relevância e de participação, traduzidos nos elevados níveis de fecundidade, de inovação e de energia potenciadora de inspiração para outras escolas e professores, em Portugal, ou em qualquer outro país do nosso mundo de diferenças e diversidade cultural.

Palavras-chave: Educação; Arte; Contadores de Histórias; CIV *Young Storytellers*; Multiculturalidade; Língua Portuguesa; Plurilinguismo; Colégio Internacional de Vilamoura.

ABSTRACT

The research presented here addresses the creation and coordination of a group of young storytellers of the International School of Vilamoura (CIV), designated CIV Young Storytellers.

The problem and the subject matter of the research focus on the development of artistic expression, with an emphasis on fine arts, drama and performance in multicultural and language learning contexts of young storytellers.

The conceptual, theoretical and empirical research methodology is developed through a research-action lasting three years, articulated on a progressive web of four steps: i) the conceptual theoretical reasons; ii) the design; iii) the implementation of expressive- artistic training activities; iv) the feedback and evaluation.

The theoretical and conceptual framework identifies lines of the inspirational figure of the *ArteNauta* through a constellation of its operational functions, combining them to the figure of the Storyteller on a perspective of diversity. The learning objectives highlight a constellation guide with the following concepts: travelling, creativity, freedom, pleasure and becoming a person.

This detailed narrative of art education was built, analysed and interpreted from a wide range of resources generated through this formative journey, including logbooks, portfolios of the participants in the project, a very broad iconography imagery, videos and photographs, yearbooks and newsletters written in the CIV and also testimonials from parents, other teachers and educational assistants on CIV.

The interpretation of the data from the CIV Young Storytellers Project highlights the contribution of education through the arts – associated with the set of artistic areas that mobilized an inter and transdisciplinary perspective – for the personal, linguistic, aesthetic, artistic and cultural development of the CIV Young Storytellers. It also allowed me to further enhance the educational, communicational and methodological value that emerged from a practice of art education who reported the greatest importance of the CIV Young Storytellers and the redefinition of the overall design of the CIV global project.

It is with this belief and desire that I share this experience here. But above all to perspective the CIV Young Storytellers Project as an example of good educational practice, cultural and artistic, in the light of the international indicators of relevance and participation, as translated into high levels of fertility, innovation and energy enhancer of inspiration for other schools and teachers, in Portugal or any other country of our world of differences and cultural diversity.

Keywords: Education; Arts; Storytellers; CIV Young Storytellers; Multiculturalism; Portuguese; Multilingualism; International School of Vilamoura

DEDICATÓRIA

Aos CIV *Young Storytellers*¹, com a alegria de termos construído uma maravilhosa viagem juntos. Nela pudemos descobrir, partilhar e criar momentos especiais de aprendizagem. Uma aprendizagem com o *adn* da liberdade, da criatividade, do prazer e do crescimento pessoal e social, cultural e artístico, baseado na arte de contar e criar histórias.



Foto 1 – CIV *Young Storytellers* (grupo de 2011)

¹ Utilizamos o termo na versão inglesa, uma vez que os estudantes envolvidos no projeto e na experiência que é objeto deste estudo estão inscritos nos Estudos Ingleses do Colégio Internacional de Vilamoura (CIV).

AGRADECIMENTOS

Uma viagem almejada quer-se partilhada, no tempo do desejo, do acontecimento e da recordação.

Ao Amílcar Martins, meu companheiro, orientador, mestre e cúmplice desta viagem, devo um profundo agradecimento. Agradeço o sol da sua presença constante, a sua sabedoria iluminadora de caminhos, a sua sensibilidade, a sua generosidade, o seu carinho e amizade incondicionais.

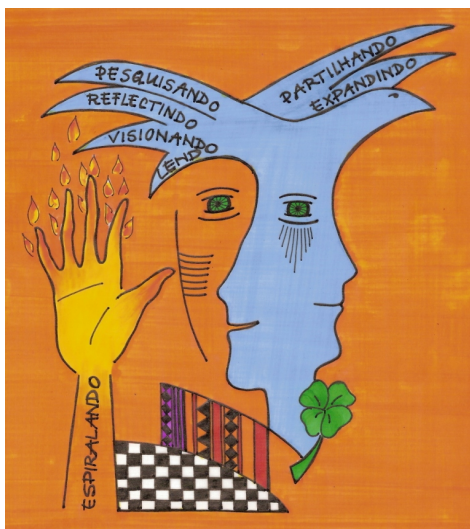
Ao Renato Costa, diretor pedagógico do CIV até 2012, agradeço o apoio e encorajamento. À Dina Adão, bibliotecária do CIV, agradeço a cumplicidade no encantamento dos livros e dos momentos de contação. Aos meus colegas do CIV, agradeço o apoio, a amizade e o tempo partilhado na organização e implementação das atividades.

Agradeço ainda aos pais dos CIV *Young Storytellers*, pela confiança que em mim sempre depositaram.

São também muitos os colegas e professores deste mestrado em Arte e Educação, em especial a Maria do Céu Marques, a quem devo agradecimentos pela sabedoria, apoio, ideias, cooperação e amizade dados ao longo do projeto, tanto a mim como aos CIV *Young Storytellers*.

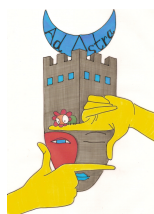
Agradeço a meus pais o tempo mágico da minha infância, a alegria de viver. Agradeço os livros que alimentaram a minha imaginação, as noites de histórias cantadas aos pés da minha cama, os finais de tarde africanos escutando, com o coração saltando, os contadores de histórias nos mercados de Kinshasa...

Aos meus filhos agradeço o carinho da escuta, o maravilhamento nos seus olhos no tempo das histórias contadas à hora mágica do deitar, o seu sorriso generoso.



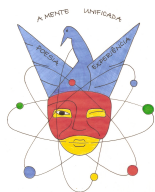
ÍNDICE GERAL

	Pág.
Resumo	V
Abstract	VI
Dedicatória	VII
Agradecimentos	VIII
Índice Geral	1



INTRODUÇÃO

Problemática e objeto de estudo	12
Focos geradores da pesquisa	12
Questão principal de pesquisa	13
Objetivo principal da pesquisa	13
Objetivos específicos da pesquisa	13
Estrutura da Pesquisa	13



CAPÍTULO I - METODOLOGIA DA PESQUISA

Introdução do capítulo	16
1.1. Tipo de Pesquisa	16
1.2. Modelo orientador da pesquisa – Pólos do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre	17
1.2.1. Sujeito(s)	19
1.2.2. Agente-Animador	20
1.2.3. Objeto	21
1.2.4. Meio	21
1.3. Modelo orientador da pesquisa – Relações do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre	21
1.3.1. Relação de Aprendizagem	22
1.3.2. Relação de Ensino	22
1.3.3. Relação Didática	22
1.4. Aplicação empírica do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre, ao Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	22
1.4.1. Fundamentação	23
1.4.2. Conceção	24
1.4.3. Implementação	24
1.4.4. Retroação e Avaliação	24
1.5. Recolha de Dados do Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	27
1.5.1. Portfólios dos Sujeitos da Aprendizagem e dos Agentes-Animadores	29
1.5.2. Jornais de Bordo dos Sujeitos da Aprendizagem e dos Agentes-Animadores	29
1.5.3. Jornais de Bordo Digitais	30
1.5.4. Escritos nas <i>Newsflash</i> e <i>Yearbooks</i> do CIV	30
1.5.5. Apreciações de Educadores e Professores do CIV	31
1.5.6. Apreciações de Auxiliares de Educação do CIV	31
1.5.7. Apreciações de Encarregados de Educação	31

1.5.8. Apreciações de Outros	31
1.6. Cruzamento, Análise de Conteúdo e Interpretação de Dados do Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	32
Resumo do capítulo	33



CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO DO PROJETO

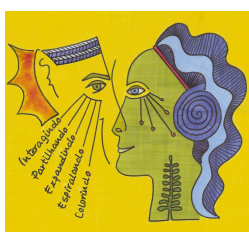
Introdução do capítulo	35
2.1. Breve história do CIV	36
2.2. Projeto educativo e cultural do CIV	37
2.3. Avaliações internas e externas ao CIV	38
2.4. Projetos de investigação no CIV	38
2.5. O conceito de ArteNauta	38
2.6. O Poder Comunicacional dos Contadores de Histórias	46
Resumo do capítulo	55



CAPÍTULO III - CONCEÇÃO DO PROJETO

Introdução do capítulo	58
3.1. Princípios de Orientação do Projeto	59
3.1.1. Princípio da Abertura ao Outro e ao Mundo	59
3.1.2. Princípio da Integração Disciplinar e Linguística	60
3.1.3. Princípio da Centralidade das Competências e Aprendizagens no Processo Pedagógico	61
3.1.4. Princípio da Aplicação da Metáfora do ArteNauta Contador de Histórias	62
3.2. Focos de Orientação do Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	65

4.3.3.2. 2º Momento – Tertúlia de Contadores das Histórias da Ajudaris no SPGL	108
4.3.3.3. 3º Momento – A Viagem do Artenauta – Contadores de Histórias e Criatividade	110
4.3.3.4. 4º Momento – Seminário Cineasta <i>Oppidum</i>	114
4.3.4. Atividade IV – <i>The Secret Room</i>	118
4.3.5. Atividade V – PEITO ESTALA BATE	121
Resumo do capítulo	125



CAPÍTULO V - RETROAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROJETO

Introdução do Capítulo	127
5.1. Relevância e Participação do Projeto “CIV <i>Young Storytellers</i> ”	127
5.1.1. Ao nível dos Sujeitos <i>Young Storytellers</i>	128
5.1.2. Ao nível de Educadores e Professores	141
5.1.3. Ao nível dos Auxiliares de Educação	142
5.1.4. Ao nível dos Encarregados de Educação	143
5.1.5. Ao nível da Comunidade Exterior (<i>Local, Regional, Nacional e Internacional</i>)	144
5.2. Síntese da Retroação e Avaliação do Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	144
Resumo do capítulo	145



CAPÍTULO VI – INTERPRETAÇÃO E CONCLUSÕES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	IX
----------------------------	----

ANEXOS

ANEXO 1: Exemplo de Carta de Autorização dos Encarregados de Educação para a Captura e Divulgação de Imagens dos seus Educandos	XVI
ANEXO 2: Exemplos de Cartas de Autorização dos Encarregados de Educação para a Participação dos seus Educandos nas Viagens fora do CIV	
– Viagem a Ponte de Lima	XVII
– Viagem a Óbidos	XXI
ANEXO 3: Exemplos de Cartazes e Programas de Atividades no CIV	XXIV
ANEXO 4: Exemplos de Cartazes, Crachás, Programas e Oficinas de Atividades fora do CIV	XXIX
ANEXO 5: Exemplos de Retroações das Viagens dos CIV <i>Young Storytellers</i>	XXXVII
ANEXO 6: Exemplos de Certificados de Participação dos CIV <i>Young Storytellers</i> , em eventos fora do CIV	XLII

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Sujeito(s) da pesquisa (CIV <i>Young Storytellers</i>)	19
Quadro II – Recolha de Dados	28
Quadro III – Reportório de Histórias	76
Quadro IV – Atividades Implementadas	81
Quadro V – Atividades Seleccionadas para Descrever, Analisar e Avaliar	84
Quadro VI – Elementos da Retroação dos CIV <i>Young Storytellers</i>	128

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Modelo de Relação Pedagógica (RP) de Renald Legendre, 2005, cf. Amílcar Martins, 2002, 2009	18
--	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

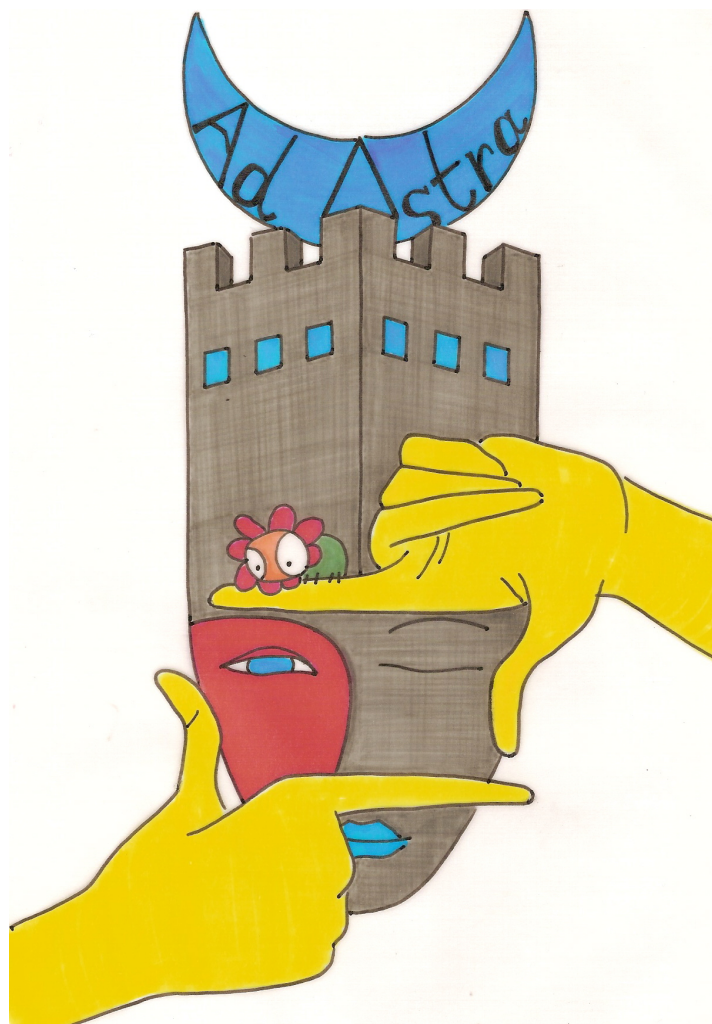
Foto 1 – CIV <i>Young Storytellers</i> (grupo de 2011)	VII
Foto 2 – Fantoche indutor da Atividade 1	86
Fotos 3, 4 e 5 – Construção de três Caixas com Alma	88
Foto 6 – Momento de construção do Teatrinho de Marionetas	92

Foto 7 – ArteNauta Anjo Guardador dos Contadores de Histórias	95
Foto 8 – O Tomás contando uma história aos pequeninos do Jardim de Infância	97
Fotos 9 e 10 – Tomás improvisando histórias com objetos do Carrinho Contador	99
Foto 11 – Marta improvisando histórias com objetos do Carrinho Contador	100
Foto 12 – Amílcar e São improvisando a história <i>Le Gros Bonhomme de Neige</i>	101
Fotos 13, 14, 15, 16 e 17 – Capas de cinco livros explorados pelos CIV <i>Young Storytellers</i>	102
Fotos 18 e 19 – Amílcar (<i>maître de cérémonies</i>), Cláudia e Laura (<i>contadoras de histórias</i>) no Convento das Gaeiras	103
Foto 20 – Símbolo do Chapéu ícon dos CIV <i>Young Storytellers</i>	104
Foto 21 – Amílcar, Marta, Catarina e Beatriz na Master Class CONTAR MIMAR E SENTIR I	107
Foto 22 – Chapéu símbolo dos CIV <i>Young Storyteller</i>	108
Foto 23 – Miguel e Tomás improvisando uma história no SPGL	109
Foto 24 – Daphne, Mafalda e Lara contando uma história na Biblioteca de Ponte de Lima	113
Foto 25 – Amílcar e Tomás improvisando histórias com os jovens de Ponte de Lima	113
Foto 26 – Mariana, Cláudia e Matilde sob orientação do cineasta António Valente, diretor do Festival Internacional de Cinema de Avanca	114
Foto 27 – Matilde, Mariana e Cláudia declamando poemas de Tim Burton, no Convento das Gaeiras, Óbidos (Foto gentilmente cedida por Manuel Moreira Azevedo)	115
Foto 28 – Mafalda, Daphne, Amílcar, Catarina, Miguel, Rafael e Lara, na inauguração do <i>Secret Room</i>	119
Foto 29 – Capa do Livro PEITO ESTALA BATE	120

Foto 30 – Laura, João, Carolina, Daphne e Ksenia, construindo a narrativa do livro PEITO ESTALA BATE	123
Foto 31 – Mafalda, Lara e Ksenia, concebendo as ilustrações do livro PEITO ESTALA BATE	124
Foto 32 – Carolina e Natasha com o livro PEITO ESTALA BATE concluído	124

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 – ArteNauta Cineasta <i>Oppidum Ad Astra</i>	9
Desenho 2 – ArteNauta Teatro e Ciência	15
Desenho 3 – Síntese iconográfica do Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	26
Desenho 4 – ArteNauta Contador de Histórias	34
Desenho 5 – Composição Poética-Visual da Magia da Palavra	48
Desenho 6 – Síntese dos Conceitos-Guia de Aprendizagem do Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	51
Desenho 7 – ArteNauta Teresa Alexandrino	57
Desenho 8 – Mandala Magia da Palavra (<i>cf.</i> Amílcar Martins, 2007)	64
Desenho 9 – Espiral de Ação Interventiva do Projeto CIV <i>Young Storytellers</i>	70
Desenho 10 – ArteNauta Cidadão Transformador	79
Desenho 11 – Mapa Mental das Atividades	84
Desenho 12 – ArteNauta Limiano (<i>Contar a Tradição, Inovando...</i>)	110
Desenho 13 – ArteNauta Cineasta <i>Oppidum Ad Astra</i>	114
Desenho 14 – Mandala Cineasta <i>Oppidum</i> , de Margarida Videira	114
Desenho 15 – ArteNautas Persas : <i>Se não respirarmos um no outro não pode haver jardim</i>	126
Desenho 16 – ArteNauta Educador, Animador e Viajante	147



Desenho 1 – ArteNauta² Cineasta *Oppidum Ad Astra*³

INTRODUÇÃO

² Amílcar Martins concebeu o conceito dinâmico e operativo do perfil do ArteNauta, através de uma complexa constelação de seis categorias: ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Investigador.

³ ArteNauta Cineasta *Oppidum Ad Astra* representa a iconografia que criei para designar algumas das iniciativas desenvolvidas na vila de Óbidos, Portugal: (i) pelo curso de Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta; (ii) pelo projeto CIV *Young Storytellers* do Colégio Internacional de Vilamoura (CIV), Universidade Aberta e Universidade de Aveiro; (iii) pelo Doutoramento em Média-Arte Digital (DMAD) da Universidade Aberta e Universidade do Algarve (UAlg). São disto exemplos:

- o *Seminário de Cinema na Escola*, em novembro de 2010 (MAE da UAb);
- o *Seminário Cineasta Oppidum Ad Astra*, em maio de 2012 (MAE da UAb, CIV e UA);
- o *Retiro do Doutoramento em Média-Arte Digital*, em julho de 2013 (DMAD da UAb e UAlg).

É preciso a Arte porque a vida sozinha não chega.
Fernando Pessoa

O projeto CIV *Young Storytellers* teve na sua génese a animação para a leitura do primeiro livro *Histórias da Ajudaris*, editado pela Associação Ajudaris em dezembro de 2009. Como estudante do curso de Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta (UAb), tomei conhecimento do livro através do Amílcar Martins, coordenador e professor do MAE.

O livro *Histórias da Ajudaris* é uma coletânea de pequenos contos imaginados e escritos por crianças dos 3 aos 9 anos de idade, de jardins-de-infância e de escolas públicas e privadas portuguesas, que foi publicado em dezembro de 2012, pelo quarto ano consecutivo. O projeto *Histórias da Ajudaris* abrangia na sua primeira publicação, em dezembro de 2009, apenas jardins-de-infância e escolas da região do Porto. Nas últimas edições, viu o âmbito do projeto alargado a várias escolas e jardins-de-infância portuguesas e cabo-verdianas. O livro tem tido o contributo pedagógico de educadores e professores, tem sido ilustrado por jovens artistas e a coordenação e a edição tem sido da responsabilidade da Associação Ajudaris, sediada na cidade do Porto. A Associação Ajudaris tem como objeto primordial nas suas funções promover atividades de carácter social e humanitário procurando, assim, auxiliar os grupos mais desfavorecidos, tais como as crianças e os idosos, através dos programas “S.O.S. Fome” e “Idade d’Ouro” respetivamente.

Interessando-me pelo projeto de educação pela arte traduzido no livro *Histórias da Ajudaris*, quis divulgá-lo entre os estudantes e restante comunidade do Colégio Internacional de Vilamoura (CIV) no Algarve, onde exerço as funções de professora e educadora pela arte.

Em janeiro de 2010, no âmbito do programa *2010 Ano Europeu de Combate à Pobreza e à Exclusão Social*, com o intuito de proporcionar uma oportunidade para a prática e experimentação das expressões artísticas, assim como de sensibilizar os estudantes e as suas famílias para o exemplo de projeto de educação pela arte que é o

livro *Histórias da Ajudaris*, desafiei os estudantes a organizarem e animarem algumas atividades no CIV.

A energia solidária destes jovens, de diferentes idades e de várias nacionalidades, foi distribuída entre a dinamização de bancas alimentares para a angariação de fundos, que reverteriam a favor da Associação Ajudaris, e várias sessões de animação para a leitura do livro *Histórias da Ajudaris 2009*.

Um grupo de cerca de 26 estudantes, envolvidos nas atividades de animação para a leitura do livro *Histórias da Ajudaris*, ficaram fascinados com o poder encantatório que as suas histórias e as suas *Caixas com Alma* tinham exercido junto dos pequeninos do Jardim de Infância. Generosamente empolgados, estes jovens projetavam-se no futuro como contadores de histórias.

Fui, assim, solicitada para esta viagem. Os jovens contadores de histórias reivindicaram o seu direito de sonhar e eu fui movida pela vontade de querer alimentar o seu desejo, de alargar a sua experiência, de procurar proporcionar à sua atividade criadora uma base sólida.

O elevado grau de adesão, participação e envolvimento dos jovens contadores de histórias ao longo das atividades, assim como a forte interação entre estes e toda a comunidade CIV, viriam a dar origem ao Projeto CIV *Young Storytellers*. Projeto de investigação que incidindo sobre uma prática pedagógica desenvolvida no CIV, foi de encontro a um dos objetivos do seu Projeto Educativo.

Questionando-me sobre o desenho de uma rota estimuladora das aprendizagens destes jovens contadores de histórias solicitei a ajuda e a presença do Amílcar Martins, pedagogo e pesquisador neste domínio específico da contação de histórias. Presença esta que se tornou permanente e indicadora de caminhos.

Desenhada à medida das aspirações dos CIV *Young Storytellers*, da sua necessidade de expressão, do seu desejo de liberdade, da sua criatividade, da sua capacidade solidária, dos seus afetos, dos seus receios e alegrias e, ainda, da sua imensa vontade de partilha,

esta viagem foi-se revelando geradora de uma multiplicidade de aprendizagens.

É precisamente a procura de saber quais teriam sido as aprendizagens desenvolvidas pelos CIV *Young Storytellers* ao longo do projeto, que me levou ao exercício de descrever esta experiência pedagógica e artística na forma de uma narrativa sem, no entanto, perder a magia das histórias da infância, a alegria do brincar, o prazer do jogo partilhado e, ainda, acreditando que

Arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já existe, e fazer um. Não destruir nada que se descobre, mas simplesmente não encontrar nada acabado. Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos. E, de repente, ser realização, ser verão, ter sol. Maria Rilke (2009: 17).

Problemática e objeto de estudo

Sendo o Colégio Internacional de Vilamoura (CIV) uma escola de ensino internacional, o seu projeto educativo e cultural está ligado às questões sociais, sendo este um instrumento importante de coesão e integração no mundo global.

A constante procura de melhoramento de métodos de ensino/aprendizagem, que possam ser transversais às várias áreas, levou o CIV a eleger o Projeto CIV *Young Storytellers* com o intuito de aprofundar e diversificar os métodos de acesso à aprendizagem da capacidade expressiva dos jovens.

Assim, a problemática e o objeto de estudo estão centrados no desenvolvimento da linguagem e nas expressões artísticas, em contexto experimental de aprendizagem dos CIV *Young Storytellers*.

Focos geradores da pesquisa

Consideramos três focos para esta formulação: a questão principal e guia desta pesquisa; o objetivo principal; e ainda os objetivos específicos a desenvolver.

Questão principal de pesquisa

Quais foram as aprendizagens desenvolvidas pelos CIV *Young Storytellers* através do projeto com o mesmo nome?

Objetivo principal da pesquisa

Formulo o objetivo principal da pesquisa da seguinte forma:

Descrever o processo de ligação pedagógica, didática e artística, através das vivências proporcionadas pelo Projeto CIV *Young Storytellers*.

Objetivos específicos da pesquisa

Os objetivos específicos da pesquisa enuncio-os através de uma quadratura com as seguintes orientações:

Fundamentar o Projeto CIV *Young Storytellers* na perspectiva das suas aprendizagens.

Conceber atividades de carácter interdisciplinar, ligando as várias formas de expressão artística: linguístico-literária, plástica, dramática e musical.

Implementar atividades dirigidas aos jovens contadores de histórias.

Retroagir, refletir e avaliar o Projeto CIV *Young Storytellers*.

Estrutura da pesquisa

Este estudo tem a sua génese na motivação anteriormente apresentada, onde explicito a razão que subjaz à criação do Projeto CIV *Young Storytellers*. Nela apresento a questão principal, bem como elenco os objetivos que considero darem resposta à questão colocada. Para responder à questão principal desta pesquisa e cumprir com os objetivos enunciados dividi o trabalho em VI capítulos.

No capítulo I, dedicado à metodologia, abordo o tipo de pesquisa que serviu de base a

esta investigação-ação – o Modelo de Relação Pedagógica (RP) de Renald Legendre e apresento, numa iconografia específica, a sua aplicação empírica ao Projeto CIV *Young Storytellers*. Saliento, ainda, que a descrição da pesquisa será narrada em quatro fases nucleares: na fundamentação do projeto, na sua conceção, na implementação de atividades específicas, e na sua retroação e avaliação. Ainda neste capítulo dou conta de quais foram os instrumentos mais importantes de recolha de dados do projeto. No final do capítulo realço os procedimentos que me serviram de base ao cruzamento, análise de conteúdo e interpretação dos dados obtidos ao longo dos vários momentos do projeto.

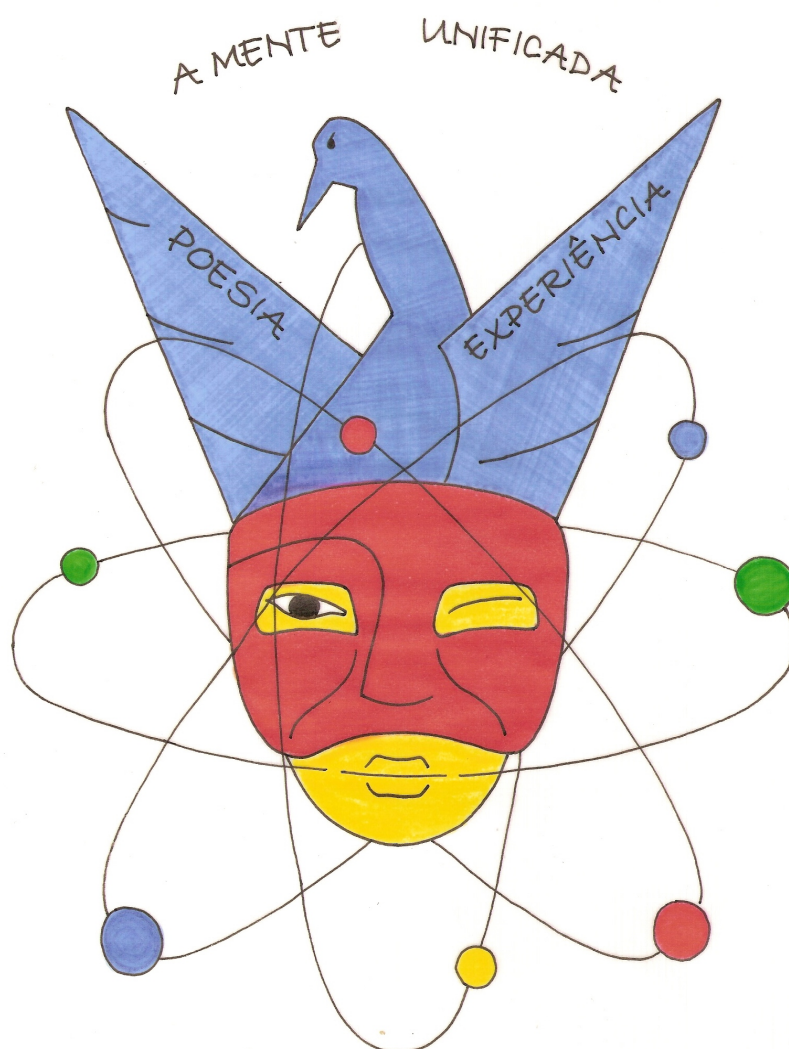
No capítulo II enquadro a pesquisa nas várias abordagens teóricas e conceptuais que a fundamentam.

No capítulo III abordo a forma como foram concebidas as atividades, as quais foram marcadas pelo seu carácter interdisciplinar, fazendo uma ligação entre as várias expressões artísticas (linguístico-literária, plástica, dramática e musical).

No capítulo IV debruço-me sobre a implementação das atividades que foram sendo desenvolvidas ao longo dos três anos letivos de duração do projeto – entre outubro de 2009 e maio de 2012.

O capítulo V dedico-o à retroação, reflexão e avaliação do projecto. Procedo a uma auscultação dos diversos grupos envolvidos na dinâmica do projeto, tanto no que diz respeito mais diretamente aos CIV *Young Storytellers*, como também àqueles que apreciaram os resultados parcelares estético-artísticos e educativo-culturais que os diversos momentos proporcionaram.

No VI e último capítulo procuro estabelecer uma relação de convergência, de busca de sentidos e de síntese interpretativa entre toda a narrativa da minha pesquisa. Elaboro, porém, sobre o essencial que foi possível extrair das aprendizagens dos CIV *Young Storytellers*, como resposta à pergunta de partida que conduziu todo o percurso que me envolveu e que, naturalmente, constituiu a minha intenção primordial neste estudo.



Desenho 2 – ArteNauta ⁴ Teatro e Ciência ⁵

CAPÍTULO I METODOLOGIA DA PESQUISA

⁴ ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Investigador.

⁵ ArteNauta Teatro e Ciência representa a iconografia que criei para a Unidade Curricular Teatro e Ciência do curso de Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta, a qual é dirigida por Carlos Fragateiro.

Introdução do capítulo

Esta investigação enquadra-se nas Ciências da Educação, mais especificamente no universo da Arte e Educação. Neste primeiro capítulo apresento as opções metodológicas que segui nesta pesquisa. Descrevo a adaptação do modelo de Relação Pedagógica do investigador canadiano Renald Legendre. Considero, por isso, essencial abrir o capítulo I examinando este modelo orientador da pesquisa, enquanto aplicação empírica ao Projeto CIV *Young Storytellers*. Elenco os vários instrumentos utilizados na recolha de dados e meios de registo. Finalizo com uma breve explicação sobre a forma como procedo à análise de conteúdo dos diversos registos, bem como sobre o caminho que sigo para a interpretação dos dados do Projeto CIV *Young Storytellers*.

1.1. Tipo de Pesquisa

A finalidade principal desta pesquisa é a de descrever o processo de ligação pedagógica, didática e artística, através das vivências proporcionadas pelo projeto CIV *Young Storytellers*. A formulação do projeto pressupõe, desde logo, o acompanhamento e avaliação contínuos dos processos desenvolvidos. Assim, ao longo de todo o projeto e à medida que novas ideias floresciam e se abriam à minha intervenção, fui reajustando estratégias, em função das especificidades emergentes em cada momento, integrando-as em contextos mais amplos, numa espiral de reflexão aliada à ação que renascia mais ajustada e intensa a cada ciclo.

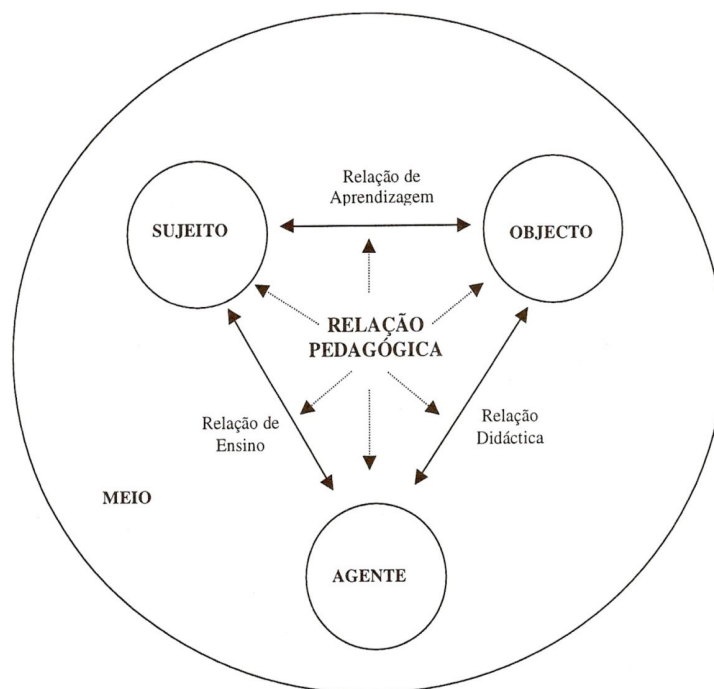
A investigação-ação envolve vários ciclos de implementação do projeto, intercalados entre a ação e a reflexão. Assim, a metodologia escolhida está centrada numa investigação-ação contextualizada e qualitativa, tendo o seu foco nos Sujeitos da Aprendizagem (CIV *Young Storytellers*). Trata-se, portanto, de uma investigação-ação, ou de uma ação-investigação, o que pressupõe a incidência experimentalista da pesquisa, neste caso da minha própria prática pedagógica e didática, como o principal agente da pesquisa.

Como parte integrante desta pesquisa escutei, questionei e recolhi dados de forma a permitir a continuidade e corresponder às expectativas e necessidades identificadas, colocando em questão competências, objetivos e estratégias adotadas. Por isso esta ação-investigação é virada para quatro grandes objetivos sobre o projeto que desenvolvi com os meus estudantes contadores de histórias, no quadro da sua própria experiência de aprendizagens pessoais, artísticas, culturais e linguístico-literárias. A cartografia que escolhi para contar esta narrativa delinea quatro objetivos programáticos para esta viagem: fundamentar; conceber; implementar; e retroagir e avaliar. Começamos, porém, por examinar o modelo orientador da pesquisa.

1.2. Modelo orientador da pesquisa – Pólos do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre

O modelo de Renald Legendre que nos serve de linha orientadora à estruturação deste estudo é representado iconograficamente através da formulação visuo-plástica que se segue.

Figura I – Modelo de Relação Pedagógica (RP) de Renald Legendre, 2005,
 cf. Amílcar Martins, 2002, 2009



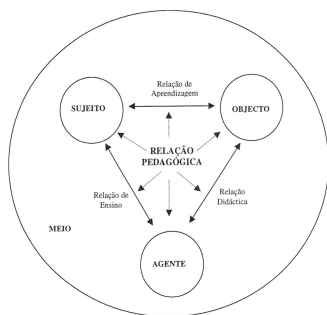
Amílcar Martins (2002, 2009), na sua obra *Didática das Expressões*, apresenta o Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre, o qual veio a ser reeditado numa nova versão em 2005. Este modelo de características sistémicas é definido no âmbito de uma situação pedagógica em que o Sujeito (S), o Objeto (O) de estudo, o Agente (A) e o Meio (M) onde a investigação se desenvolve, estão interligados entre si e fazem parte de um ecossistema social. Os quatro subsistemas referidos necessitam da participação ativa de professores, estudantes e demais intervenientes do processo educativo. Assim, este modelo de relação pedagógica interpreta a aprendizagem como a SOMA (S+O+M+A), ou o resultado,

- das características pessoais e da ação *lato sensu* (individual, grupal e comunitária) desenvolvida pelo aprendente Sujeito (S);
- da natureza, do conteúdo e da ação exercida sobre o Objeto (O);
- das influências de natureza diversa exercidas pelo contexto Meio (M) educacional e cultural, quer o que diz respeito àquele de natureza próxima (família; colegas; amigos; sala de aula...), quer os que se encontram a distância, certamente, cada vez mais hoje, através da acessibilidade pela via

- de um simples clique digital;
- da qualidade da assistência e da ação do Agente (A).

Abordarei de seguida, e separadamente, os quatro pólos de partida que fazem parte da Relação Pedagógica, segundo o entendimento e a proposta de Legendre.

1.2.1. Sujeito(s)



O(s) Sujeito(s) de aprendizagem correspondem ao conjunto de estudantes que se encontram num processo de ensino-aprendizagem no CIV. São, afinal, os CIV *Young Storytellers* que oscilaram no seu número, conforme os períodos escolares e a própria mobilidade e deslocação das famílias, entre os 20 e os 26 estudantes dos 11 aos 15 anos.

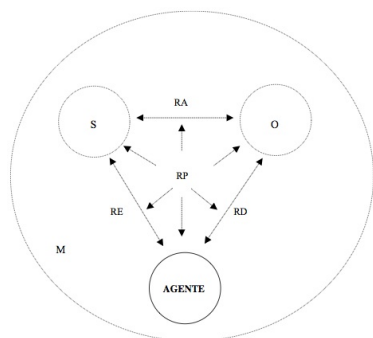
O Quadro I indica os vários membros do grupo, as suas nacionalidades e os períodos de vinculação e relacionamento com a experiência dos CIV *Young Storytellers*.

Quadro I – Sujeito(s) da pesquisa (CIV *Young Storytellers*)

CIV <i>Young Storytellers</i>			
NOME	NACIONALIDADE	PERMANÊNCIA NO PROJETO	
		Chegada	Saída
<i>Year 6 (2009/2010) / Year 7 (2010/2011) / Year 8 (2011/2012)</i>			
Beatriz	Portuguesa	Outubro 2009	
Brenda	Portuguesa	Outubro 2009	Junho 2011
Catarina	Portuguesa	Outubro 2009	
Carolina	Luso-Iraniana	Outubro 2009	
Daphne	Grega	Outubro 2009	
Inês	Portuguesa	Outubro 2009	Junho 2011
Jessica	Norte Americana	Outubro 2009	Junho 2010
João	Portuguesa	Outubro 2009	
Ksenia	Russa	Outubro 2009	
Lara	Luso-Suíça	Outubro 2009	Junho 2012

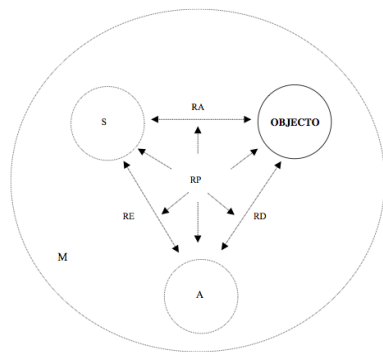
Laura	Portuguesa	Outubro 2009	
Mafalda	Portuguesa	Outubro 2009	
Marta	Espanhola	Dezembro 2010	Junho 2011
Natasha	Inglesa	Outubro 2009	
Virna	Brasileira	Outubro 2009	Junho 2011
<i>Year 7 (2009/2010) / Year 8 (2010/2011) / Year 9 (2011/2012)</i>			
Cláudia	Chinesa	Outubro 2009	
Mariana	Portuguesa	Outubro 2009	
Matilde	Portuguesa	Outubro 2009	
Maria	Portuguesa	Setembro 2010	Junho 2011
Olga	Russa	Outubro 2011	
Victoria	Russa	Setembro 2011	
<i>Year 9 (2010/2011) / Year 10 (2011/2012)</i>			
Catarina	Portuguesa	Fevereiro 2011	Junho 2012
Miguel	Portuguesa	Fevereiro 2011	
Rafael	Portuguesa	Fevereiro 2011	
Tomás	Portuguesa	Setembro 2010	
<i>Year 12 (2009/2010)</i>			
Kieran	Inglesa	Outubro 2009	Junho 2010

1.2.2. Agente-Animador



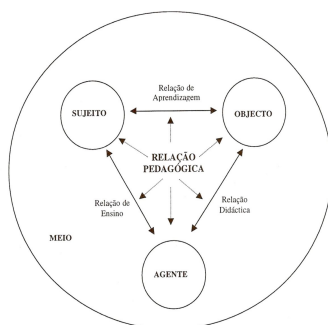
O Agente-Animador corresponde ao professor responsável pelo planeamento, orientação, animação, progressão e avaliação de todo o processo de ensino-aprendizagem. Trata-se, afinal, da ArteNauta e signatária deste estudo que saúda e cumprimenta o leitor desta pesquisa.

1.2.3. Objeto



O **Objeto de estudo** corresponde à natureza, ao conteúdo e aos objetivos da aprendizagem. No caso que é objeto desta pesquisa, o Objeto corresponde ao projeto dos CIV *Young Storytellers*.

1.2.4. Meio



O **Meio** corresponde ao contexto que envolve os Sujeitos, o Agente e o próprio Objeto.

1.3. Modelo orientador da pesquisa - Relações do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre

Seguindo a descrição de Martins (2002), de acordo com a linha de pensamento de Legendre, a Relação Pedagógica resulta da interação e envolvência do Sujeito (S) com um Objeto (O), dos fatores e condições do Meio (M), bem como da ação exercida por um Agente (A).

Passo de seguida a identificar os diversos tipos de relações biunívocas que existem entre os quatro pólos, seguindo a reflexão de Martins (2002) sobre esta matéria.

1.3.1. Relação de Aprendizagem

A relação de Aprendizagem resulta da interação e envolvimento do Sujeito (S) de aprendizagem com o Objeto (O).

1.3.2. Relação de Ensino

A Relação de Ensino resulta da interação e envolvimento entre o Agente (A) de ensino e o Sujeito (S) da aprendizagem.

1.3.3. Relação Didática

A Relação Didática resulta da interação e envolvimento do Agente (A) de ensino com o Objeto (O).

A Relação de Ensino (RE) e a Relação Didática (RD) dizem especialmente respeito às características e qualidade da orientação do Agente (A), enquanto que a Relação de Aprendizagem (RA) corresponderá ao percurso da trajetória de aquisições e de aprendizagens desenvolvida por cada um dos jovens contadores, traduzida de forma individual e de forma coletiva e/ou de grupo.

1.4. Aplicação Empírica do Modelo de Relação Pedagógica de Renald Legendre, ao Projeto CIV *Young Storytellers*

O modelo sistémico de Relação Pedagógica de Renald Legendre ajuda-nos a descrever e compreender, tal como anotámos já em cima, que a Relação de Aprendizagem (RA) se deverá focar numa relação entre o Sujeito e o Objeto. Sendo que o Objeto deverá ir ao encontro das necessidades do Sujeito.

Os CIV *Young Storytellers* (S) (Quadro I – Sujeitos da pesquisa), inicialmente um grupo de 26 jovens estudantes em ambiente de forte densidade multicultural, com o desenvolvimento do projeto estabilizou nos 16 Sujeitos, em Maio de 2012. Estes jovens descobriram na contação de histórias uma forma de expressão e comunicação

artística que fala mais profundamente aos outros. Como agente (A), viajante/animadora/educadora pela arte, motivada pela descoberta e entusiasmo dos jovens contadores de histórias, procurei ir ao encontro dos seus interesses e dos da escola (CIV), através do seu projeto Educativo e Cultural, neste modelo de Legendre referido como Meio (M).

A criação do Projeto CIV *Young Storytellers*, que é afinal o objeto (O) deste estudo, terá então um roteiro para ser aqui descrito, evidenciado, contado. Trata-se de uma **narrativa pedagógica de um projeto de intervenção**. Contá-la-ei através de uma constelação articulada e interativa composta por quatro âncoras decisivas. Em cada uma delas procurarei salientar os seus enfoques e funções específicas no “todo” desta narrativa pedagógica. Serão estas âncoras que me facilitarão a possibilidade de me exprimir e concretizar esta narrativa pedagógica através de quatro andamentos ligados entre si. Estes andamentos refletirão os atos de pensar, de criar, de agir e de retroagir de um projeto educativo em busca de sentidos para o seu existir, através da sua operacionalidade artística, pedagógica e didática:

1.4.1. Fundamentação

Como lugar de busca e construção de um *state of art* ajustado ao objeto de estudo deste projeto, integrando-o numa visão consistente de arte e educação. O Objeto (O) desta pesquisa – Projeto CIV *Young Storytellers*, inspirado na experiência e no vivido dos jovens contadores de histórias (S) fundamenta-se no Projeto Educativo e Cultural do CIV (M) e nos saberes da tradição associados aos saberes da inovação, ambos induzidos pela prática da criatividade, do prazer, da liberdade, do sentido das viagens que conduzem a aprendizagens. Neste contexto do inestimável contributo que as narrativas têm na educação dos jovens, como alimento da imaginação criativa e da importância da oralidade auscultarei o conceito de ArteNauta, tal como definido por Amílcar Martins, e ainda os antropólogos brasileiros Carlos Aldemir Farias e Maria da Conceição de Almeida. Sobre a magia da palavra e do poder comunicacional dos contadores de histórias auscultarei o pedagogo e contador de histórias Amílcar Martins (também Agente neste projeto), assim como os contadores de histórias Tim Bowley e Nicolai Buenaventura.

1.4.2. Conceção

Como lugar de procura da modulação pragmática e operacional de prática em devir, integrando-o numa visão alargada do projeto educativo e cultural do CIV. Alinhado no conceito de ArteNauta e no Projeto Educativo do CIV, nos saberes da tradição ligando-os aos saberes da inovação, a conceção do projeto CIV *Young Storytellers* procura alargar a experiência dos jovens contadores de histórias. Para tal proporciona-lhes o contacto com contadores de histórias e animadores de diferentes culturas, assim como a sua participação ativa em oficinas e sessões de contação de histórias, onde não só se faz recurso aos meandros comunicacionais da palavra enquanto força indutora de magia, mas também aos objetos por eles criados, através do corpo, do drama, da música, da dança e do cinema.

1.4.3. Implementação

Como lugar de realização de uma prática no “aqui e agora” de uma situação experimentada, vivenciada, construída com os atores principais do projeto – os Sujeitos (S) e os Agentes (A) –, integrados em contextos escolares e não escolares específicos, afinal em Meios (M) de diversidade física, cultural e artística que fazem apelo ao ajustamento expressivo e comunicacional dos jovens contadores. A implementação do projeto, feita à medida das necessidades sentidas pelos CIV *Young Storytellers*, teve início em outubro de 2009 e prolongou-se até maio de 2012⁶. Traduzindo-se em cinco atividades com vários momentos cada, a implementação do projeto iniciou-se baseada num conjunto de orientações às quais se foram juntando materiais que o enriqueceram e transformaram. São disso exemplos a criação de logos, de crachás e a gestão do projeto a nível de financiamento económico.

1.4.4. Retroação e Avaliação

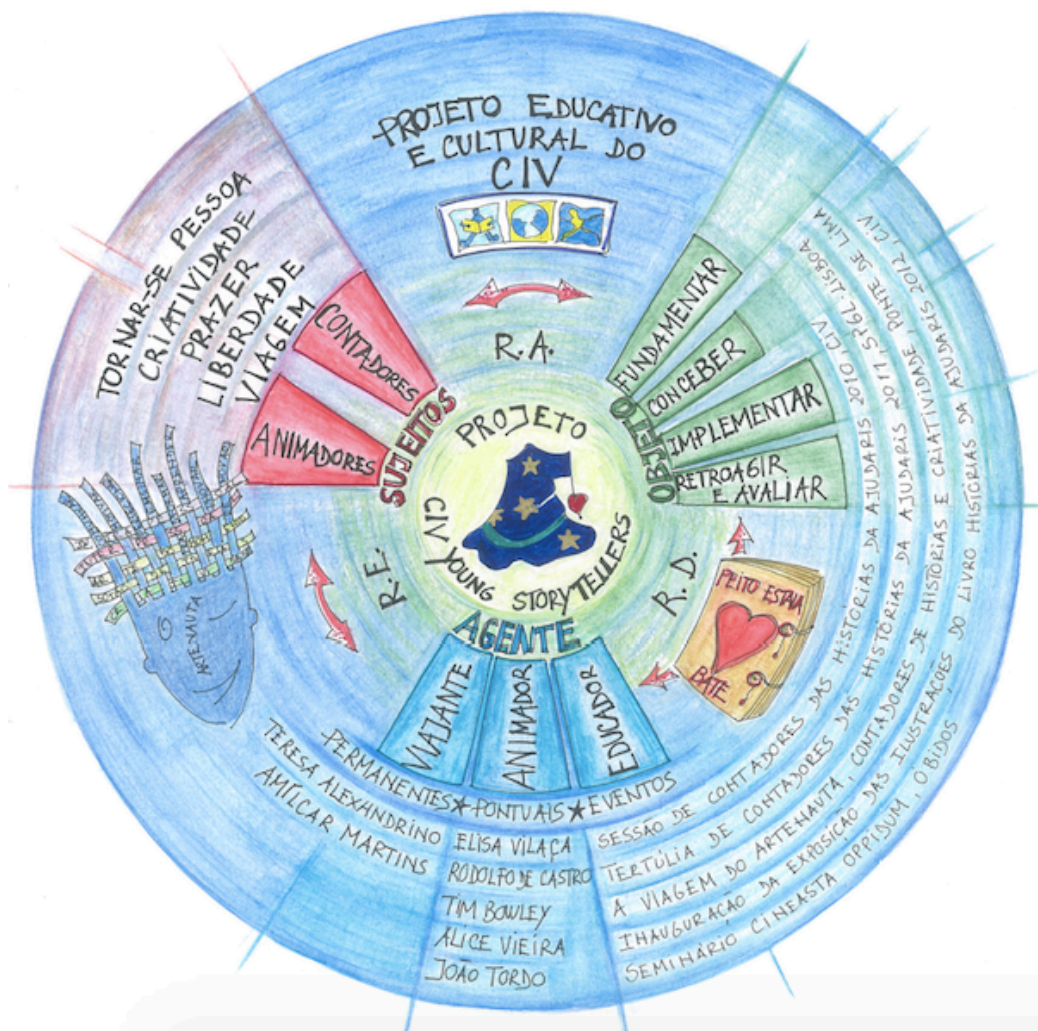
Como lugar privilegiado para (re)pensar, por cada um dos elementos implicados na prática vivenciada na sua complexidade (S + A + outros elementos do CIV + membros das famílias dos jovens CIV). É com a auscultação destes atores que procuraremos encontrar a forma de nomeação sobre o significado pessoal e artístico-cultural das

⁶ O projeto dos CIV *Young Storytellers* mantém, ainda, o seu vigor e desenvolvimento.

aprendizagens dos jovens CIV, traduzidas na polifonia da apreensão do seu vivido. Para melhor compreender o vivido é importante uma atitude reflexiva baseada na retroação oral, escrita e ou pictórica de natureza diversa. Assim, a retroação e avaliação do projeto foi realizada num vai e vem entre o aprender e o ensinar para relançar a fase seguinte. A escuta introspetiva e a retroação partilhada (Sujeitos, Agentes-Animadores, comunidade CIV e comunidade exterior ao CIV), criaram espaços que se abriam a novas intervenções, numa espiral de reflexão-ação que nos impúnhamos a cada passo.

Vejamos, em síntese, a tradução iconográfica desta escolha e roteiro metodológico, a qual me permitirá contar a minha visão operativa sobre esta pesquisa, na forma de uma narrativa pedagógica. Ver Desenho 3 – Síntese iconográfica do Projeto CIV *Young Storytellers*.

Desenho 3 – Síntese iconográfica do Projeto CIV *Young Storytellers*



LEGENDA

RELAÇÃO PEDAGÓGICA:
Projeto CIV *Young Storytellers*

SUJEITOS:
CIV *Young Storytellers* (Contadores e Animadores: *Viagem; Liberdade; Prazer; Criatividade; Tornar-se Pessoa*)

AGENTES:
Permanentes: Teresa Alexandrino e Amílcar Martins
Pontuais: Elisa Vilaça; Rodolfo Castro; Tim Bowley; Alice Vieira; João Tordo

OBJETO:
Projeto CIV *Young Storytellers* em articulação com o Projeto Educativo e Cultural do CIV
(Fundamental; Conceber; Implementar; Retroagir e Avaliar)

RELAÇÃO DE ENSINO / ANIMAÇÃO
ArteNauta (Arte + Nauta (*Viagem*))
Arte-Viajante + Arte-Animador + Arte-Contador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Pesquisador

RELAÇÃO DIDÁTICA / EVENTOS / ATIVIDADES
Sessão de Contadores das Histórias da Ajudaris 2010 (CIV)
Tertúlia de Contadores das Histórias da Ajudaris, 2011 (SPGL – Sindicato dos Professores da Grande Lisboa)
A Viagem do ArteNauta: Contadores de Histórias e Criatividade, 2011 (Ponte de Lima)
Inauguração da Exposição das Ilustrações do Livro Histórias da Ajudaris 2011 (CIV e Albufeira)
Seminário Cineasta *Oppidum* + Contos ao Luar, Maio Criativo, 2012 (Óbidos, Câmara Municipal de Óbidos, Gaerás)
Criação do livro “PEITO ESTALA BATE”, Concurso O Pequeno Grande “c” (CIV, Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian)

MEIO
Projeto Educativo e Cultural do CIV + Comunidade local + Contextos exteriores

(Vilamoura + Albufeira + Lisboa + Óbidos + Gaeiras + Ponte de Lima...)

De seguida, centrar-me-ei na descrição dos dispositivos de retroação escrita.

1.5. Recolha de Dados do Projeto CIV *Young Storytellers*

Para a construção desta narrativa pedagógica-didática e artística, os dados foram sendo recolhidos ao longo dos três anos letivos do desenvolvimento do projeto. Os instrumentos privilegiados de recolha desses dados foram os Jornais de Bordo, os Diários de Bordo Digitais, os Portfólios, as *Newsflash* e os *Yearbook*.

Ver Quadro II – Recolha de Dados.

Quadro II – Recolha de Dados

Instrumentos	Descrição
Jornal de Bordo do Agente-Animador	Caderno do Agente-Animador com registos de retroações e escuta formativa. Redigido após as sessões, nele foram anotadas atividades, citações e descobertas consideradas pertinentes e fecundas para a compreensão da experiência em estudo.
Jornal de Bordo dos Sujeitos da Aprendizagem	Caderno de registo individual dos CIV <i>Young Storytellers</i> com apontamentos de caráter geral e pessoal, descrições, desenhos, gravuras, colagens, pensamentos, sentimentos e tudo o mais que os jovens entenderam importante para uma melhor apreensão da experiência vivida.
Diários de Bordo Digitais	Registos de imagens (fotos e vídeos) das atividades com os CIV <i>Young Storytellers</i> ao longo do desenvolvimento do projeto (sessões em sala de aula, sessões de contação de histórias na Biblioteca, no Jardim Infantil, no <i>Hall</i> e jardins do CIV e em encontros de contadores de histórias em vários locais do país).
Portfólio do Agente-Animador	Registos do planeamento das atividades e das viagens ao exterior do CIV. Inclui cartas à direção do CIV e aos pais, contactos com o exterior, autorizações, cartazes e programas dos eventos, convites, crachás, orçamentos e despesas.
Portfólios dos Sujeitos da Aprendizagem	Incluem cartazes, programas, convites e crachás utilizados tanto no CIV como nas viagens ao exterior, roteiros de viagem e registos sobre as retroações (questionários e mapas mentais).
<i>Newsflash</i> e <i>Yearbook</i> do CIV	Registos nas <i>Newsflash</i> (mensal) e <i>Yearbook</i> (anual) do CIV, dando notícia da participação dos CIV <i>Young Storytellers</i> em eventos tanto no CIV como no exterior.
Apreciações de Educadores e Professores	Registos das apreciações de Educadores e Professores do CIV (conversas).
Apreciações de Auxiliares de Educação	Registos das apreciações dos Auxiliares de Educação do CIV (conversas).
Apreciações de Encarregados de Educação	Registos de apreciações dos Encarregados de Educação (conversas).
Apreciações de outros	Registos de apreciações de Estudantes e Professores do MAE, de participantes nos Encontros de Contadores de Histórias no CIV e no exterior (conversas e e-mails trocados).

1.5.1. Portfólios dos Sujeitos da Aprendizagem e dos Agentes-Animadores

Para as atividades de contação de histórias no Jardim Infantil, no *Hall* e na Biblioteca do CIV, assim como para as sessões com os contadores de histórias convidados e ainda para as oficinas, criei, com os estudantes, vários documentos de divulgação. Para as viagens ao exterior do CIV foram, também, desenhados programas, crachás e iconografias representativas das atividades. Em sala de aula fez-se o *design* e posterior impressão de cartazes, programas, convites e crachás. Para motivar os jovens pelo desenvolvimento do projeto e posteriormente facilitar as retroações, adquiri, para cada um, portfólios de formato A4 onde os CIV *Young Storytellers* iam arquivando, por ordem cronológica, todo o material produzido ao longo do projeto. Nos portfólios os jovens guardaram, ainda, as retroações sobre as suas próprias experiências. Consultando mapas mentais e diários de bordo, responderam a questionários, avaliando as atividades por eles desenvolvidas, autoavaliando-se e avaliando-se entre pares.

No meu portfólio, para além do material já referido como fazendo parte dos portfólios dos Sujeitos da Aprendizagem (retroações, cartazes, programas, convites, crachás e outros), guardo ainda os documentos relativos a cada passo da implementação do projeto (registos do planeamento, cartas, e-mails de contactos com o exterior, orçamentos, despesas, etc).

1.5.2. Jornais de Bordo dos Sujeitos da Aprendizagem e dos Agentes Animadores

O jornal de bordo, onde eu ia registando as experiências desenvolvidas, revelava a forma como eu apreendia e vivia os momentos de formação e de experiência dos jovens como contadores de histórias, pois nele era *anotado o conjunto de situações, de atividades e de descobertas que se consideram pertinentes e fecundas para a compreensão de uma experiência de vida e do EU profissional* (Martins, 2002: 186). A curiosidade dos jovens pelo meu jornal de bordo levou-me a adquirir, para cada um deles, também um exemplar. Assim, os jovens contadores foram aprendendo a registar

cada um dos momentos, as suas relevâncias, os seus enfoques, as suas urgências, as suas memórias. Os seus jornais de bordo passaram a ser companhia permanente e, por este motivo, estão repletos de colagens, desenhos e registos de sentimentos e observações.

1.5.3. Jornais de bordo digitais

Para além dos registos escritos é também de grande relevância a captura de imagens, em fotografia e em vídeo, dos momentos “aqui e agora”, vivenciados pelos sujeitos da pesquisa. Os registos de imagens foram todos por mim realizados e guardados num diário de bordo digital. Para a sua captura e posterior divulgação das imagens obtive, através de carta, a autorização dos encarregados de educação de todos os sujeitos da pesquisa, autorizações estas das quais se encontra uma carta exemplo nos anexos desta pesquisa.

1.5.4. Escritos nas *Newsflash* e *Yearbooks* do CIV

O CIV publica mensalmente um boletim mensal – *Newsflash*, com 6 páginas, onde os professores partilham com a comunidade CIV os projetos, viagens e atividades de cariz humanitário, científico, artístico e desportivo que desenvolvem com os seus estudantes. Na *Newsflash* dá-se ainda evidência, através de entrevistas e imagens, aos ex-estudantes do CIV espalhados pelo mundo, nas mais diversas áreas e profissões. A *Newsflash* é oferecida a todos os encarregados de educação que a acolhem com interesse e muita curiosidade sobre os projetos em investigação no CIV. O Projeto CIV *Young Storytellers* tem sido acompanhado pela *Newsflash* do CIV, com publicações de textos e imagens de todas as suas atividades quer as realizadas no CIV, quer as que tiveram lugar em participações no exterior.

O *Yearbook* do CIV é uma publicação anual com cerca de 220 páginas, generosamente ilustrada e que cobre os acontecimentos de todo o ano letivo, mês a mês. No *Yearbook* o Projeto CIV *Young Storytellers* conta, para além dos textos e imagens mensais, com

um texto de retroação/reflexão sobre a sua prática de formação e de intervenção educativa e cultural.

1.5.5. Apreciações de Educadores e Professores do CIV

No meu jornal de bordo fui tomando nota das apreciações dos meus colegas, educadores e professores no CIV, apreciações estas que fui obtendo através de conversas informais. Várias das atividades desenvolvidas no CIV, Biblioteca, *Hall* e Jardim Infantil foram acompanhadas pelo diretor pedagógico, educadoras de infância e por vários dos professores dos CIV *Young Storytellers*.

1.5.6. Apreciações de Auxiliares de Educação do CIV

As apreciações dos auxiliares de educação que presenciaram algumas das atividades dos CIV *Young Storytellers* no CIV foram, também, registadas no meu jornal de bordo e enriquecem-no pela sua espontaneidade.

1.5.7. Apreciações de Encarregados de Educação

Embora os Encarregados de Educação tivessem sido convidados para todas as atividades de contação de histórias desenvolvidas pelos CIV *Young Storytellers*, nem sempre pudemos contar com a presença de todos. Conversando com aqueles que tiveram oportunidade de presenciar algumas das atividades, tanto no CIV como no exterior, fui tomando nota das suas observações e apreciações.

1.5.8. Apreciações de Outros

Alguns dos meus colegas e professores do MAE (Curso de Mestrado em Arte e Educação), foram também participantes em eventos onde os CIV *Young Storytellers* contaram histórias. Em vários destes eventos, *Tertúlia de Contadores das Histórias da*

Ajudaris 2010 no SPGL, em Lisboa; *A Viagem do ArteNauta: Contadores de Histórias e Criatividade*, em Ponte de Lima; e *Seminário Cineasta Oppidum*, em Óbidos, tive, para além dos meus colegas do MAE, o *feedback* de outros participantes envolvidos, tanto através de conversas como por e-mail.

1.6. Cruzamento, Análise de Conteúdo e Interpretação de Dados do Projeto CIV *Young Storytellers*

Todos os documentos anteriormente descritos, utilizados como material empírico, constituíram-se em traços não efémeros que traduzem a observação direta através dos vários olhares sentidos e vivências que deram origem a reflexões, a depoimentos, a visões sobre o próprio projeto e o modo como se cartografou a experiência. O cruzamento entre os vários materiais destes olhares e vivências, cujas origens estão ligadas a diversas iniciativas onde aportámos, bem como a posterior análise do seu conteúdo e a interpretação que fizemos sobre os dados resultantes, permitiu-me uma visão mais alargada do campo de estudo, assim como de compreender melhor algumas das dinâmicas vividas.

A complexidade operativa sobre esta dinâmica reflexiva (recolha e registo dos dados empíricos da experiência; análise de conteúdo; e interpretação de dados), foi sempre acompanhada com proximidade, e muitas vezes *in loco*, por Amílcar Martins, supervisor do projeto. Este facto facilitaria, em cada momento da evolução do projeto, a tomada de decisões sobre os critérios de seleção e escolha perante a imensidade dos dados gerados, bem como sobre o cruzamento entre os mesmos e, naturalmente, sobre a respetiva análise e posterior interpretação.

Foi, afinal, esta dinâmica de proximidade e de cumplicidade entre mim e o supervisor Amílcar Martins, traduzida numa prática relacional expressiva e comunicacional *sui generis* que foi, e é, simultaneamente complexa e simples, que suscitaria as características sobre a identidade desta narrativa pedagógica baseada no projeto CIV *Young Storytellers*.

Resumo do capítulo

Formulei neste capítulo o tipo de pesquisa de ação-investigação, a cartografia e os instrumentos que me permitiram estabelecer a metodologia desta pesquisa, designadamente o modelo pedagógico de Renald Legendre e os seus componentes estruturantes, segundo Martins (2002, 2009). Elenquei os dispositivos para a recolha de dados, bem como identifiquei os elementos e instrumentos que me permitem auscultar a espontaneidade e a reflexão sobre a experiência realizada e a elaboração desta narrativa pedagógica e artística.

Estou agora em condições de passar para o capítulo seguinte, onde nos centraremos na fundamentação desta pesquisa e no seu quadro teórico-concetual.



Desenho 4 – ArteNauta⁷ Contador de Histórias⁸

CAPÍTULO II FUNDAMENTAÇÃO DO PROJETO

⁷ ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Investigador.

⁸ ArteNauta Contador de Histórias representa a iconografia que criei para várias iniciativas do curso de Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta (UAb), bem como para outros projetos de animação do livro, da leitura e sua promoção, em vários locais do continente português, da Madeira e dos Açores.

(...) soltar o imaginário (...) os imemoriais “devaneios” dos poetas: escritores, pintores, arquitetos, escultores e músicos, cujas obras, em conjugação e em contraponto, constituem a sinfonia de uma cultura. Porque a verdadeira revolução cultural não consiste (...) em querer ignorar, apagar e arrasar uma indestrutível cultura mas, muito pelo contrário, em agarrar toda essa cultura, com os ritmos e palpitações da sua história, pelo corpo e pela alma... Teríamos então uma escola ancorada no seio da nossa cultura e da sua irreprimível evolução, uma escola na atualidade apaixonante das reminiscências das nossas cidades, dos nossos monumentos, das nossas paisagens moldadas por tantos séculos de amor e de labuta. Uma escola totalmente “ecológica”, bem instalada no seu nicho “nacional” e no seu lar europeu.
Gilbert Durand (1996: 10)

Introdução do capítulo

Para fundamentar o Projeto CIV *Young Storytellers* iniciarei este capítulo contando uma breve história do CIV, de como a grande diversidade de línguas e culturas que a compõem faz com que o seu projeto educativo se queira ligado ao desenvolvimento da linguagem e das artes, da ciência, do desporto e do ambiente, assim como às questões sociais. De seguida abordaremos o conceito de ArteNauta, escutaremos os antropólogos brasileiros Carlos Aldemir Farias e Maria da Conceição de Almeida, que nos falam das histórias como veículos de cultura e, ainda, da importância do contar e ouvir histórias na escola como alimento da imaginação criativa e do desenvolvimento da oralidade. Escutaremos, ainda, a voz do eu dos contadores de histórias e as reflexões de Tim Bowley, Nicholas Buenaventura e Amílcar Martins.

No final do capítulo, abordarei a dinâmica de relação entre a magia da palavra e as aprendizagens que se buscam através do processo pedagógico e artístico com jovens contadores de histórias do Colégio Internacional de Vilamoura. Concluirei este capítulo explanando o porquê da eleição de um conjunto de âncoras que se pretendem decisivas das aprendizagens geradas pelo desenvolvimento do projeto CIV *Young Storytellers*.

2.1. Breve história do CIV

O Colégio Internacional de Vilamoura (CIV) foi fundado em 1984 como escola de educação internacional para servir os estudantes da área de Vilamoura, um dos principais centros turísticos do sul da Europa. Situado numa elevação de terreno ergue-se em blocos baixos de dois pisos rodeados de oliveiras, alfarrobeiras e largo espaço livre, propício ao contato próximo com a natureza. O sol é visita constante e o mar, ali tão perto, sossega-nos o espírito e faz o tempo andar mais devagar.

Presentemente com cerca de 600 estudantes o CIV faz parte de uma rede de escolas internacionais (*European Council of International Schools - ECIS*), com mais de 600 escolas espalhadas pelo mundo e ligada a centros internacionais de investigação e educação. Para além destas ligações o CIV possui um modelo próprio de educação internacional, progressivamente construído e testado em diferentes fases, desde o final dos anos 80 do séc. XX até à atualidade. Em 2014 o CIV celebra os seus 30 anos de atividade formativa na área da educação e cultura.

Devido ao seu ideário e à sua filosofia educativa o CIV atrai famílias de localidades portuguesas distantes e, cada vez mais, famílias com origens culturais e linguísticas diferentes. A comunicação e o ambiente bilingue, em português e em inglês, são uma das fortes características do CIV, podendo as famílias optar por inscrever os seus educandos no plano de estudos portugueses (Currículo Nacional) ou no plano de estudos ingleses (*British National Curriculum*), ambos adaptados a uma versão de educação internacional. Para além dos estudantes e professores portugueses a comunidade CIV junta, presentemente, 42 nacionalidades de diferentes expressões culturais e linguísticas. O CIV é um centro acreditado pela Universidade de Cambridge onde os estudantes têm a possibilidade de prestar as provas de exame de IGCSE (*International General Certificate of Secondary Education*) e AS & A Levels (*Advanced Stage*). Os exames internacionais da Universidade de Cambridge, para além de incentivarem os estudos do idioma inglês, permitem o acesso dos estudantes a qualquer universidade do mundo onde estes pretendam continuar os seus estudos.

2.2. Projeto Educativo e Cultural do CIV

A última versão (2011) do ideário educativo do CIV resulta da experiência educativa acumulada ao longo da sua existência, (em 2014 prefazendo 30 anos), de uma reflexão e sistematização de práticas educativas vividas e fundadas em fontes diversificadas e cuidadosamente selecionadas.

Devido à sua natureza o CIV apresenta uma forte componente social associada à diversidade de línguas e culturas. Também por esta razão, o seu projeto educativo e cultural está ligado às questões sociais, sendo esta dimensão um valor importante de coesão e integração dos seus estudantes no mundo global.

A estrutura curricular do CIV reflete algumas prioridades e especificidades da educação internacional. Assim, desde o Jardim de Infância/*Nursery*, o português, o inglês e as artes têm um lugar de relevância por promoverem as competências de expressão e de comunicação, aliadas às formas de acesso ao outro e ao meio envolvente. Como resultado de múltiplas experiências educativas ensaiadas ao longo dos anos, os currículos atribuem relevância ao desenvolvimento de metodologias que facilitem, entre outras, o desenvolvimento da diversidade das linguagens e das expressões artísticas.

O Projeto “CIV *Young Storytellers*”, através de uma experiência específica focada numa dimensão artística, pedagógica e cultural, procurou desenvolver nos jovens contadores de histórias competências de comunicação e formas de acesso ao outro e ao mundo. Estas capacidades e competências são absolutamente necessárias à participação ativa e criadora dos jovens, assim como à promoção do seu bem-estar, bem como na modulação e progressos personalizados da sua identidade em construção.

Nas palavras de Renato Costa, diretor pedagógico do CIV até dezembro de 2011,

O perfil educativo dos alunos revelará acima de tudo a sua capacidade de questionamento e de leitura do mundo, de reflexão a partir de

diferentes narrativas propostas pelas ciências e pelas artes, pela forma positiva como gerem as suas emoções, a partir das suas aspirações, ou da forma como se relacionam com os outros, e como cuidam de si (...) (Costa, 2010: 23).

2.3. Avaliações Internas e Externas ao CIV

A avaliação do CIV é garantida por organismos de avaliação internacional de certificação comum, como a *Cambridge International Examinations* (CIE) e o *European Council of International Schools* (ECIS). Para além deste requisito, e uma vez que o CIV está situado em território nacional, a avaliação do CIV é, também, da responsabilidade do Ministério da Educação e Ciência de Portugal.

2.4. Projetos de investigação no CIV

O CIV há vários anos que mantém a existência, com regularidade e continuidade, de projetos de investigação que incidem sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas, ajudando assim, por esta via, a melhorar e a enriquecer a qualidade do seu projeto educativo global. Assim, foram criados projetos com focos nos diversos níveis de ensino e relações entre áreas disciplinares e objetos de estudo específicos. São disto exemplo: o projeto de investigação em matemática sobre a resolução de problemas; os projetos de investigação em ciências, física e química; o projeto sobre avaliação na disciplina de História; e o projeto de desenvolvimento da linguagem, no qual se insere o Projeto “CIV *Young Storytellers*”.

Estou agora em condições de iniciar uma reflexão sobre o conceito de ArteNauta, seguindo-se o poder comunicacional dos contadores de histórias.

2.5. O conceito de ArteNauta

O conceito de **ArteNauta = Arte + Nauta (Viagem)**, tem sido desenvolvido por Amílcar Martins em contextos de formação de Arte-Educadores e/ou de Artistas com interesse pela Educação, entendida esta numa perspetiva de intervenção artística,

pedagógica e didática *lato sensu* e de cidadania transformadora. Martins considera também o conceito de ArteNauta aplicável a todos aqueles que vivem o universo da arte-educação, desde tenra idade. Uma criança é, numa certa medida, um ArteNauta, uma vez que é no seu envolvimento exploratório com o mundo que a envolve, através do lúdico e do brincar que esta viaja nas suas aprendizagens. São estas explorações lúdicas que facilitam descobertas, as quais são proporcionadas, tantas vezes, pelo envolvimento das expressões artísticas. São estas contribuições sensíveis e criativas que suscitam na criança a sua apreensão e leitura do mundo.

Para Martins, a Educação é entendida numa ótica de proporcionar Viagens formativas capazes de detonar a fruição e leituras do mundo, às quais os próprios Sujeitos da Aprendizagem atribuirão sentidos e significados personalizados. As Aprendizagens induzidas por práticas de fruição e de leituras do mundo cartografadas através de Viagens corresponderão, em parte, ao processo e ao resultado das aquisições mais tangíveis e, porventura, mais profundas e inefáveis. São estas experiências de Viagens que se revelam com forte potencial de transferibilidade para situações e contextos múltiplos. As Viagens, vividas tantas vezes de forma invisível, configuram representações cartográficas construídas, interiorizadas e transformadas pela pessoa viajante.

As Viagens, enquanto *adn* identitário de práticas educativas criativas, desenvolvem-se e acrescentam-se ao ser pessoa viajante, quiçá contaminando-a e contagiando-a, tantas vezes profundamente, enquanto ser individual, social e espiritual. As Viagens são, afinal, matéria-prima sempre renovada que expande e liberta novas representações sobre o mundo sensível e observável, novas representações do mundo imaginário, novas representações do mundo reinventado, novas representações sobre o conhecimento, ele próprio em trânsito para se tornar outro.

As Viagens alimentam-se com novos e velhos elementos de pensamento, com a elaboração de novas sínteses que permitirão à pessoa desenvolver-se e estruturar-se com uma visão do mundo integradora, holística e, naturalmente, política.

As Viagens dão existência empírica ao confronto com as dimensões pessoal e social, artística e cultural, ambiental e científica, tecnológica, ficcional e utópica do viajante. Ativam nele o desejo de um universo quiçá a recrear-se como projeto e construção.

As Viagens são entendidas por Martins como dispositivos reais e/ou metafóricos proporcionadores de Aprendizagens. Estas configuram-se como embrião nuclear de uma pedagogia das artes expansiva e criadora. É com as Viagens e com a aventura das descobertas que estas proporcionam, com o detonar do questionamento livre e progressivo que elas desencadeiam, com a observação do novo que elas interpelam, com a pesquisa aliada à problematização de novos universos a apr(e)ender, que estaremos em face de ler e de ganhar mais mundos dentro de nós, quer sejamos arte-educadores, artistas, professores e educadores. Ou, ainda, quer sejamos eternos aprendentes e descobridores, reinventores do mundo com epicentro no contributo do domínio das artes à humanidade que nos envolve.

Nos últimos anos (2009-2014), e particularmente no contexto da formação de Arte-Educadores do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, Amílcar Martins, com a minha colaboração de proximidade ao projeto do ArteNauta – sobretudo traduzido na integração em múltiplos projetos nacionais e internacionais, bem como na criação de uma profusa iconografia visuo-plástica de suporte ao conceito –, ampliou o seu entendimento dando origem a uma complexa articulação de seis categorias assim designadas:

ArteNauta (Arte + Nauta (*Viagem*) = Arte-Viajante

**ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Animador
+ Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Pesquisador/Investigador**

Vejamos o que implica cada uma destas categorias-âncora no perfil matricial do ArteNauta.

- **O ArteNauta é um Arte-Viajante** – Porque a Viagem alimenta o que de mais interpelante, desafiador e profundo inventámos para descobrir e aprender. Afinal a Viagem cartografa trajetórias de vida que dão forma e

sentido à materialidade e imaterialidade da matéria-prima das vivências humanas, as quais poderão ser estruturadas em três fases progressivas:

- (i) **A Viagem Prepara-se e Imagina-se** – É a fase pré-liminar da Viagem com ativação do desejo na direção da pesquisa dos espaços e lugares novos, das populações outras que queremos descobrir, a quem nos queremos dirigir, e com quem interagimos e atuamos no nosso projeto em devir.
 - (ii) **A Viagem Concretiza-se e Vive-se** – É a fase liminar da Viagem que coloca o seu epicentro na vivência de uma ecologia do lugar e das pessoas, ligando a este processo a dimensão holística e globalizante da complexidade da Viagem propriamente dita.
 - (iii) **A Viagem Recorda-se e Expande-se** – É a fase pós-liminar que valoriza o regresso a casa e a mobilização *pós-facto* dos recursos capturados e angariados, a releitura da memória sobre esses registos materiais e imateriais, através de processos dinâmicos de retroação criativa como fonte de ressignificação de Aprendizagens. A Viagem transforma-se, deste modo, numa cartografia de Viagem de Aprendizagens personalizadas e estruturantes do eu e do nós.
- **O ArteNauta é um Arte-Contador** – A Viagem dá que contar. A Viagem gera matéria-prima que se traduz em potenciais narrativas para contar. A Viagem detona o exercício do contato com os lugares e com as pessoas que se ligam a episódios que se desejam contar. Somos HistóriaNautas, criadores de narrativas que nos transformam em Contadores de Histórias. A Viagem é, certamente, uma das mais importantes modalidades de construir o desejo de nos ligarmos à representação do real vivenciado, mas também à ficção, à utopia, ao sonho, ao devir.

- **O ArteNauta é um Arte-Animador** – A ação de Animar é que nos permite impregnar as ideias e os percursos onde atuamos, da nossa alma sensível, empática e solidária com os outros e com os lugares. É este potencial indutor de crescimento que nos faz tocar verdadeiramente as pessoas, os lugares e os objetos que são fonte inspiradora dos nossos processos de Animação. Intervindo com implicação, com criatividade e liberdade, com envolvimento e de alma inteira ao que desejamos dar luz, as narrativas e as ações interventivas do Arte-Animador tornam-se em objetos refletores.
- **O ArteNauta é um Arte-Educador** – A ação de Educar concretiza uma das mais nobres missões do ser humano. Educar com e para a Arte é um dos modelos educacionais de maiores virtualidades e graus de fecundidade. Revelando-nos como Arte-Educadores construímos possibilidades de desenvolvimento de outros seres humanos. Fazêmo-lo pela via de construir o ato pedagógico alicerçado no ato de tecer territórios artísticos em diálogo transversal e transdisciplinar com o universo da filosofia, da ciência, da matemática, da tecnologia, do ambiente e da sustentabilidade. Fazêmo-lo pela via das demais linguagens que nos envolvem e que nos facultam os espaços da experimentação, da aventura e da descoberta. Fazêmo-lo pela via da fertilização do imaginário, da criatividade, do conhecimento e das aprendizagens artísticas (expressões visuo-plástica, musical, dança, dramática e teatral, literatura, cinema, média-arte digital).
- **O ArteNauta é um Arte-Curador**⁹ – A ação de Curar/Cuidar anuncia o que importa trazer para o espaço de luz e de partilha, para o espaço de carinho e de visibilidade da vida equilibrada e harmonizada do ser humano. Curar/Cuidar desafia a mobilização dos meios para se selecionar o que importa ser preservado e até enriquecido, enquanto valor patrimonial resgatado de uma comunidade, de uma região, de um país, de um

⁹ A reflexão sobre o ArteNauta ser um Arte-Curador, resulta do desenvolvimento e do impacto inspirador da conferência “Transdisciplinaridade: Uma Utopia Pragmática”, apresentada por Maria Fernanda Mello (investigadora brasileira do CETRANS – Centro de Educação Transdisciplinar), no Retiro do Doutorado em Média Arte-Digital da Universidade Aberta e Universidade do Algarve, na cidade de cidade de Silves, em 18 de julho 2014.

continente, afinal de um bem da humanidade. Curar/Cuidar pressupõe um valor de resgate a preservar, a divulgar e a fruir. Curar/Cuidar interpela a convergência dos meios de vontade individual e coletiva, articulando-os com os meios de gestão a criar e a dinamizar. Curar/Cuidar envolve a mobilização das condições, tanto quanto possíveis ótimas, para se fomentar o uso do lugar, do museu, da exposição, do livro, da imagem, talvez mesmo de uma performance e/ou de um espetáculo. Curar/Cuidar desafia o ser-se Curador/Cuidador numa renovação constante. Afinal, e tal como bem relembra Leonardo Boff: “O ser humano é filho do Cuidado”.

- **O ArteNauta é um Arte-Pesquisador** – A ação de Pesquisar, sempre! Pelo óbvio enriquecimento de uma trajetória humana e comunitária que se revela na pesquisa em si, mas sobretudo no que ela proporciona aos seus utilizadores. O Arte-Pesquisador expõe-se, revela-se e apropria-se criativamente, criticamente, das propostas que resultam do universo das suas abordagens de ação-investigação, traduzidas na busca e criação do conhecimento.

2.6. O Poder Comunicacional dos Contadores de Histórias

Abordo a dimensão do poder comunicacional dos contadores de histórias sondando a dimensão antropológica deste universo. Para isso tenho como referência os antropólogos brasileiros Carlos Aldemir Farias e Maria da Conceição de Almeida que me ajudam e dão cor e sentido a esta abordagem. Sigo depois o meu percurso convocando o olhar atento de alguns contadores de histórias com origem em vários espaços geográficos e culturais, como é o caso de Tim Bowley, de Inglaterra, de Buenaventura, da Colômbia, e também do português Amílcar Martins, na qualidade de pesquisador neste domínio específico da contação de histórias.

Carlos Aldemir Farias (2006), no seu livro *Alfabetos da Alma: Histórias da Tradição na Escola*, centra a sua reflexão no poder indutor do início do ato de contar, a partir de

uma expressão mágica que desperta as audiências para um espaço e um tempo em que o fluxo da palavra dita vai acontecer num registo que a retira do ciclo comum do cotidiano. Trata-se, em grande parte das culturas, de um mote iniciador através da expressão *Era uma vez*. No dizer de Maria da Conceição Almeida (2006: 13), no prefácio ao livro sinalizado em cima: *Afinal somos o único animal que diz era uma vez...*

Uma asserção bíblica relembra-nos que *No Princípio era o Verbo*. Que *Verbo* é este? Este é o *Verbo* que nos remete para a função despertadora, acordadora, encantatória e maravilhosa que faz detonar a expansão de uma Viagem a ser cartografada palavra a palavra, gesto a gesto, cumplicidade a cumplicidade, eco a eco entre os contadores e as suas audiências. É a palavra dita que permite encetar a Viagem. Um texto célebre do Oriente Extremo Chinês, o *I Ching*, coloca o seu epicentro na palavra e no seu poder estruturante e modulador do ser: *Nós somos a carne dos textos que comemos*. Ou, de modo mais próximo à linguagem familiar corrente, estabelecerei uma ligação de continuidade com a expressão: *Faça-se luz!* A *luz* como promessa de encontro sensível com o mundo, e com o seu mistério, revela-se através da *luz* que é mediada pela palavra. A palavra permite o encontrar a possibilidade de clareza, a possibilidade de transparência com o aparecimento da *luz*, com o *soltar o imaginário*, com os caminhos vibrantes do conhecimento sensível e sempre em construção.

Eis-nos perante o ato de empreender o caminho da busca da palavra, do dizer e do pronunciar o seu fluxo prosódico, da expressão dramática através da oralidade. Eis-nos perante a revelação do mundo e da diversidade imaginária, que é pertença de culturas e a que a palavra nomeadora, sensível e ajustada permite fazer detonar. A existência e o encontro do imaginário toma forma, ganha expressão. Eis-nos perante um ato que desencadeia um processo de iluminar o que antes não tinha existência, ou se a teria estaria ela distanciada da compreensão elementar que permitisse a sua existência como luz, como caminho e como viagem de revelação. Faça-se, portanto, através da palavra corpórea da alma do contador, a luz sono-verbo-visual que ilumina o imaginário, a criatividade que multiplica hipóteses de olhar e reinventar o mundo, o conhecimento que modela provisoriamente a existência.

A história inicia-se contando-se através da voz dos contadores de histórias: *Era uma vez...* e prossegue em vários andamentos, atos, desenvolvimentos, detalhes, conflitos de ações de personagens, novidades, confirmações, surpresas, desenlaces...

Na visão de Farias (2006) as histórias permitem evocar a transversalidade de vozes ancestrais que nos chegam através de ecos míticos e racionais, prolongando-se para além do tempo e do espaço tangível. Segundo o autor, surge na voz do contador de histórias uma marca de cultura, um *hálito vital* que estabelece uma articulação entre tempos idos, tempos imaginados, tempos do hoje tornados presentes no “aqui e agora” de uma voz que se diz e se partilha. Há na voz e no corpo do contador de histórias uma energia capaz de fazer ouvir os elos do conhecimento da ancestralidade e dos saberes de tradição, que contrastam com aqueles mais ou menos conhecidos da contemporaneidade. A história contada na voz do contador contrasta e evidencia tempos que se diferenciam: tempos da tradição e tempos de inovação. São os tempos da procura e da voz do legado. São os tempos da voz da invenção. São os tempos da criação que gerações de contadores de histórias trouxeram até ao hoje. Hoje presente em devir.

Existe no ato de contar, segundo Farias (2006), uma *tatuagem da cultura* que ganha forma através dos mediadores das histórias dos lugares reais e ficcionais. As histórias viajam através das vozes dos ambulantes mediadores e saltimbancos nómadas. São os contadores e saltimbancos que as transportam na sua alma, na sua voz, na sua espontaneidade livre de expressão de seres de memórias e de reinvenção do mundo.

As histórias tornam-se, então, enquanto veículos de cultura, cumpridoras de várias funções sociais. Elas são veículos de fixação de narrativas, onde os valores, os enigmas, as personagens reais ou ficcionais são integradas e vivem através do mundo real, do imaginário e da fantasia. Elas representam o poder matricial das culturas e dos lugares. Elas induzem a possibilidade das comunidades dos lugares assimilarem elementos comuns às orientações prescritivas contidas nessas narrativas. Elas são instrumentos de regulação social. Elas são vida de seres de natureza muito diversificada que existem num tempo e lugar criado para imaginar, inventar, criar. Elas são a matéria-prima mais acessível para potenciar a existência de uma

comunidade atenta, coesa e fruidora, através da expressão do corpo e da voz de um contador. As histórias surgem, então, como “*educação primeira*”, como *alfabetos da alma e poder arrebatador que exerce na vida das pessoas, ao nos possuir e educar*, no dizer de Farias (2006: 16). Esta perspectiva é corroborada por Maria da Conceição de Almeida (2006: 12):

(...) somos constituídos por dois itinerários do pensamento que se parasitam permanentemente: um empírico-lógico-racional, outro mítico-simbólico-mágico: Qualquer redução de um desses pólos do espírito ao outro compromete a amplitude de nossas concepções de mundo, nos faz andar com uma perna só. O ilusório sozinho nos encerra no delírio. A razão sozinha se torna racionalização, se embrutece, fica cega para tudo o que não é cálculo, regra, lógica.

É neste sentido da integração multidimensional holística que ganha relevância o alerta evocador e interpelante contido no pensamento chinês e traduzido no *I Ching*, cit. Farias (2006: 7): *Nós somos a carne dos textos que comemos*. Estaremos então já em condições, perante tão forte expressão que ecoa da China antiga e pujante de cultura e de saberes, que somos seres de narratividade. Seres simbólicos que se encontram a contar e a ouvir. Seres de “ouvir”, um verbo (a)gramatical que anuncia a inteireza da geminação do processo comunicacional de “ouvir” e de “ver”. É este ato de “ouvir” que suscita e desencadeia a proximidade, a intimidade, a cumplicidade e a participação, de alguém que conta para um outro alguém que “ouvê” na sua tela interior do imaginário um desfilar de emoções, sentimentos, realidades, reinvenções do mundo através de personagens que se narram em peripécias contadas para “ouvir”. Esta narratividade que cria as condições para se dar à luz o nascer do encontro e do acontecer entre contador e “ouvedor”, é salientado por Sant’Ana (2011: 13), ao lembrar-nos: *Somos estórias em movimento. Parábolas vivas. E quem conta estórias vive várias vidas numa só*. Afinal, e tal como nos elucida Farias (2011: 19): *Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade*.

O papel do narrador, ora associado ao de contador de histórias, surge-nos então como ser mediador de cultura e de humanidade, o qual é transversal à construção do seu *adn* de existência e aos seus traços distintivos identitários. Eis este papel do narrador explicitado de forma esplendorosa:

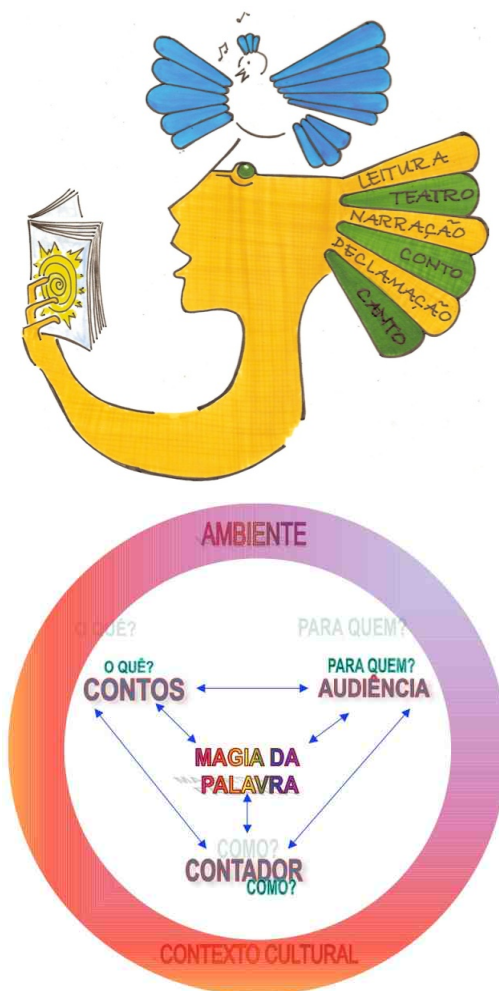
Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua própria vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz ténue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.

O Narrador, Walter Benjamin, in Benita Prieto, *op. cit.*, 2011: 7

Passaremos então à convocação do verbo “ouvir”, através da voz dos contadores de histórias, e de uma iniciativa que tem enorme relevância nesta área em Portugal. Refiro-me às *Palavras Andarilhas*, filmadas por Amílcar Martins, em 2008¹⁰, e que se desenvolvem há vários anos em Beja, através da Biblioteca José Saramago e da Câmara Municipal. Alguns dos depoimentos apresentados pelos contadores de histórias permitem-nos realçar aspetos das suas práticas e dos seus pensamentos. Sejam bem vindos(as) ao território internacional das *Palavras Andarilhas*, em Beja!

¹⁰ Trata-se de um documentário filmico em que se aborda a evolução da linguagem na criança: o grito de querer ser, as lalações, as ecolálias, a palavra, a frase, os discursos relacionais tendo por base as várias formas de expressões artísticas e a palavra como elo comunicacional. Sublinha-se a importância decisiva da criação de condições sócio-culturais e educacionais favoráveis ao desenvolvimento linguístico e cultural da criança. O foco da segunda parte do documentário, filmado nas *X Palavras Andarilhas*, em Beja, é colocado no livro e na mediação da leitura, com ênfase para os contadores de histórias, bem como nas variáveis determinantes da comunicação, evidenciando-se a energia vital que é a magia da palavra para o ser humano e para as comunidades culturais onde ele se integra. [Cf MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2008). *Arte e Educação: A Magia da Palavra*. Lisboa: Universidade Aberta. (Duração do vídeo: 40’)].

Desenho 5 – Composição Poética-Visual da Magia da Palavra



Legenda

Área superior da composição:
 ArteNauta Contador de Histórias e Mediador do Livro (*Teresa Alexandrino*)

Área inferior da composição:
 Mandala da Magia da Palavra (*Amílcar Martins*)

Vejamos o que nos diz Margarida Botelho, autora de vários livros para a infância e contadora de histórias:

Há alguns anos que eu trabalho com crianças. Vou buscar ao universo lúdico, da cozinha, das panelas, do cozinhar e do coser, do transformar... aquilo que recebemos... os ingredientes para as histórias. É assim que eu vejo o contar histórias, o que recebemos e transformamos para dar ao outro.

Esta autora valoriza a matéria-prima que é a atividade lúdica, as suas próprias vivências recreadas, e a possibilidade que lhe permite de encontrar nelas os ingredientes da sua própria criação e transformação ficcional em fluxos de

narratividade.

O africano Bonifácio Ófogo valoriza os valores que transmite através da sua escolha e modo de contar. A participação das audiências em alguns dos momentos dos contos garantem a presença envolvente destes em rituais de coesão social e de partilha.

Num outro plano e para o contador de histórias inglês Tim Bowley, através do rico acervo de histórias que selecionou no seu livro “Contos do Mundo”, bem como através de momentos de contação destas histórias, os contos para contar deverão favorecer o acesso ao mundo do outro, ao seu imaginário, aos seus sonhos, aspirações, desejos, às suas culturas.

É o contador de histórias Nicolás Buenaventura Vidal que nos recorda a importância da diversidade dos *cuentos* que existem, especialmente adaptados para todos os momentos:

*Hay cuentos para cada momento
cuentos para cada estación:
los cálidos cuentos para lo largo invierno,
cuentos azules, rojos, verdes y violetas para la primavera,
el verano trae adivinanzas, bromas y chistes
y las grandes epopeyas se cuentan en otoño.
Pero aquí y ahora,
en aquel trópico, atravesado por el dolor y la pasión,
la tradición quiere qui cuente
los cuentos del amor.
Los Cuentos del Espíritu... para pensar y para amar mejor!*

Nicolás Buenaventura Vidal

Finalmente Amílcar Martins (2007), na leitura que fez da *performance* de Buenaventura sobre *Cuentos del Espíritu*, também apresentado nas Palavras Andarilhas, em Beja, realça as dimensões do contador de histórias integrar em si o conto que ele transmite, apresentando-o através do momento aqui e agora. É na situação do aqui e agora que o conto se exprime e o contador ganha a comunicação com a audiência.

Na parte final do seu artigo, Martins (2007) apresenta uma síntese do que é, em regra, procurado pelos contadores de histórias. Trata-se da busca da palavra mágica que se

detona no espaço da percepção, do inconsciente e do subconsciente daquele que “ouvê” um conto. O conto mediado por um contador de histórias torna-se impulsionador do sonho, do imaginário, da própria criação daquele que “ouvê”. Ele é espaço que exercita e faz viver as personagens e os seus encadeados sentimentos, emoções, afetos, dinâmicas de pensar, de construir desejos e de realizá-los.

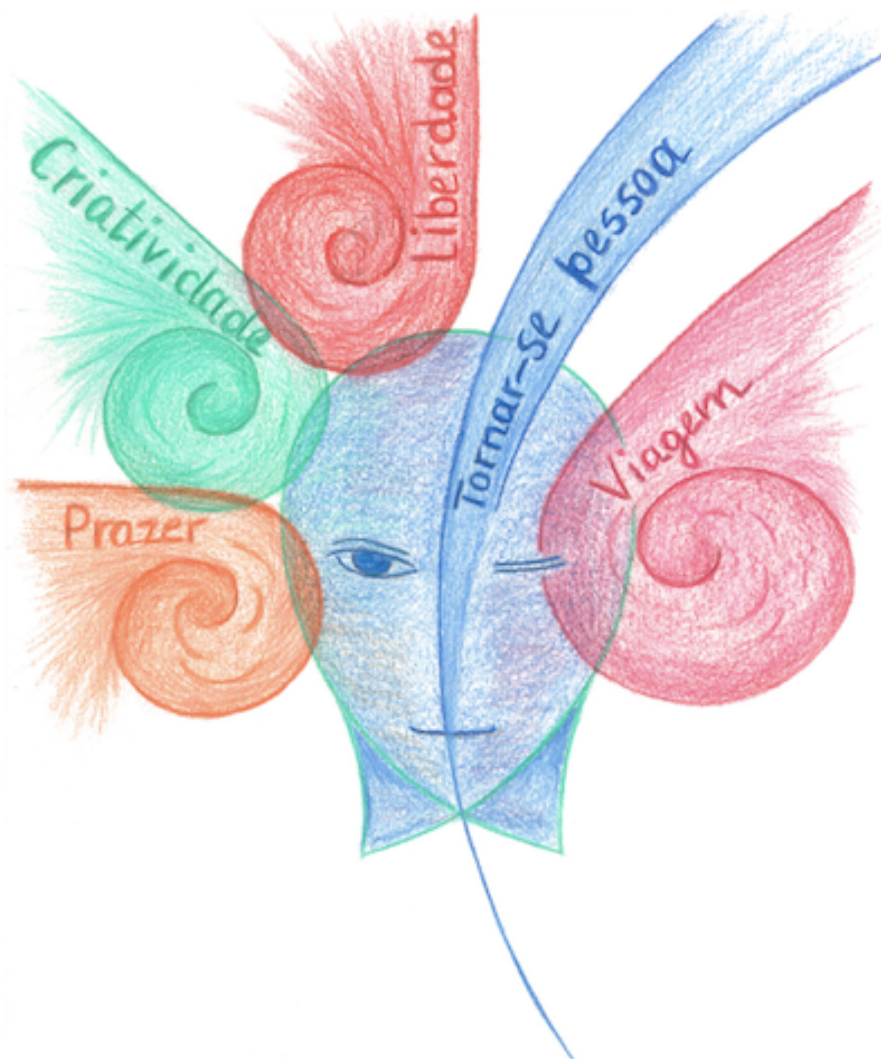
A magia da palavra na versão iconográfica de Martins (2007) apresenta-se como resultante de uma sinergia ótima entre três factores: o contador; o conto; e a audiência.

Para que a magia da palavra ganhe espaço e tempo irradiantes num “aqui e agora” evocado, haverá que conceder a cada um destas variáveis o fluxo expressivo de cada uma delas. No que toca ao contador de histórias surge a importância de quatro factores decisivos, a sua boa forma física e vocal, mental e espiritual. O conto que o contador escolhe para contar deverá ser interiorizado, sentido, gostado, porventura até amado, de forma a que a sua integração expressiva e comunicacional se transforme em fator de potenciação do ato de contar.

Posso agora interrogar-me sobre a dinâmica de relação entre a magia da palavra e as aprendizagens que se buscam através de um processo pedagógico e artístico com jovens contadores de histórias integrados no CIV. Após a reflexão aqui explanada, elegi um conjunto de âncoras decisivas de aprendizagens que deverão ser geradas pelo desenvolvimento do projeto dos CIV *Young Storytellers*.

São essas aprendizagens, enquanto mais-valias do desenvolvimento, que indico para os CIV *Young Storytellers* no seu processo de crescimento individual e colectivo. Elejo então as âncoras matriciais de caminhos de aprendizagens que, de forma individualizada e/ou de grupo, num relacionamento e abordagem inter e transdisciplinares, deverão ser o fermento de todo o projeto dos CIV *Young Storytellers*: a Viagem; a Liberdade; a Criatividade; o Prazer; o Tornar-se Pessoa Cidadã e Transformadora. Observemos numa síntese iconográfica esta constelação de conceitos-guia de Aprendizagem, apoiados na emergência do Ser ArteNauta de “Vida Plena”.

Desenho 6 – Síntese dos Conceitos-Guia de Aprendizagem do Projeto CIV *Young Storytellers*



Ser ArteNauta de “Vida Plena”

Inspirado na visão proposta por Carl Rogers (1961), in *Tornar-se Pessoa*

Viagem

*A viagem jamais termina, só os viajantes terminam.
E também eles podem perdurar na memória, nas recordações, na
narração...
O objectivo de uma viagem é só o começo de outra.*

José Saramago

A Viagem é, de facto, o território de excelência da Aprendizagem. Viajar implica movimento, transferência de um estar para outro estar. A Viagem implica uma

transmutação do ser, primeiramente através da corporalidade, dos sentidos e do pensamento. Organizam-se as perceções perante o novo lugar. A Viagem confronta o ser com o lugar, as pessoas desse lugar, as suas expressões simbólicas, a sua cultura, as suas crenças, aspirações e universo imaginário.

A Viagem e a Aprendizagem constitui o binómio decisivo originado por qualquer processo educacional verdadeiramente criativo, aberto, expansivo, contemporâneo, em movimento para o devir transformador. A metáfora da Viagem apresenta-se como originado por qualquer processo educacional dinâmico, que sugere e impõe na sua ação o movimento como transição, como apelo à descoberta, como atitude de pesquisador, de falante e praticante do verbo “Ir” conjugado em vários tempos e modos na direção do que ainda não se conhece. Ir em busca. A metáfora da Viagem é caminho, é percurso, é trajetória, é cartografia na direção do desconhecido que se deseja, se aprende a conhecer mais. Como nos diz Michael Onfray:

O viajante concentra estes tropismos milenares: o gosto pelo movimento, a paixão pela mudança, o desejo insano de mobilidade, a incapacidade visceral de comunhão gregária, a raiva da independência, o culto da liberdade e a paixão pela improvisação dos seus mais ínfimos atos e gestos (...). Onfray (2009: 14-15).

O viajante e escritor angolano José Eduardo Agualusa (2013) alerta-nos para a sua interpretação: “Viagem: todo o movimento de aproximação de uma pessoa a outra. Movimentos de fuga não são viagens.”

Liberdade

A Liberdade e a Aprendizagem constituem, igualmente, um traço distintivo identitário do que se pretende neste projeto. A Liberdade é um sentimento profundo do ser humano, dizem-nos vários autores. Também assim o penso. Num espaço de Aprendizagem pleno de descobertas, de convite à escolha, à seleção e à multiplicação de caminhos possíveis, inventa-se a atitude de sonhar possíveis para além do imediatismo tangível. A fruição do sentimento de Liberdade detona a expressão e inscrição do eu que existe em mim e me vai no pensamento e na alma. A Liberdade

que é o território educacional *lato sensu*, território de mudança onde se afirma e inscreve o genuíno eu na sua construção social com os outros.

A Liberdade não se pode tornar espaço somente de fuga e condicionadora do eu. Daquele eu escolar a que as escolas, tantas, nos habituaram. A liberdade é o antídoto à formatação que igualiza, que conforma, que replica o eco do que deve ser assim. A Liberdade é espaço de originalidade, de eco expressivo e de ressonância comunicacional do eu. A Liberdade enquanto âncora de Aprendizagem é, pretendemos que seja, a apropriação de um espaço e tempo para que o eu se diga nas histórias de vida, mas também nas histórias que gostamos e escolhemos para contar. A Liberdade é o espaço de ação da participação ativa e da cidadania responsável e transformadora.

Agualusa (2013) alerta:

Liberdade: condição de um ser não sujeito ao constrangimento de limites físicos ou de pensamento. A possibilidade de correr sem tropeçar em muros ou paredes, ou sem cair no vazio. O capim crescendo para o céu. O destino de todos os perfumes, em particular do cheiro da terra molhada.

Criatividade

A Criatividade nasce no espaço de Liberdade em que queremos que os CIV *Young Storytellers* se expressem e comuniquem. Impregnamos de energia e de Criatividade os momentos das histórias que selecionamos e queremos contar. A Criatividade é presente e é devir. Criam-se os momentos. Criam-se histórias. Cria-se a invenção do momento aqui e agora. Criar é participar e partilhar individual e coletivamente no que se sente, no que se aspira ser no presente e no futuro. Criar-se com o grupo. Criar-se como grupo. Intervir-se nos objetos performáticos em construção, os quais se criam em movimentos espiralantes de secantes e tangentes com a efemeridade geométrica dos momentos. Os eus do coletivo formado pelos eus individuais tornam-se, através do processo de interatividade e de partilha, criadores, autores e protagonistas dos acontecimentos efêmeros, numa ação própria, *sui generis*, irrepetível dos contadores

de histórias através da oralidade e de outras artes. Para viver e criar narrativas de *Era uma vez...* a Criatividade é mobilizada como uma arte do momento, como timbre identitário essencial do fluxo deste Projeto CIV *Young Storytellers*. A Criatividade é o “elemento” vital do desejo de existência e de mudança, tal como bem nos lembra Ken Robinson (2010).

E porque a Criatividade é geradora da energia capaz de dar sentido às nossas vidas, pelo imenso Prazer que proporciona, eis-nos chegados ao binómio Prazer e Aprendizagem.

Prazer

O Prazer e Aprendizagem advêm, em parte, da possibilidade dos jovens se poderem sentir criativos, livres, satisfeitos, construtivos, amados, felizes, com projetos de vida e de realização.

M. Pagès, citado por A. Martins (2002: 55) refere:

O prazer partilhado é o fundamento de toda a experiência social e a origem da linguagem. Ele permite a descoberta do eu e dos outros, ele é o motor da mudança.

É ainda Alexandre Lowen, cf Martins (2002: 55), que sublinha o facto que “O envolvimento total naquilo que se faz é a condição fundamental do prazer”.

O Prazer é o espaço imaterial gerador de alegria, de partilha, de superação e mesmo de transcendência para Tornar-se Pessoa.

Tornar-se Pessoa

Tornar-se Pessoa é a finalidade da educação *lato sensu* e das aprendizagens essenciais dinamizadas e acedidas através da intencionalidade destas orientações estratégicas e propostas. Qualquer área disciplinar, de objeto de estudo e de conhecimento deverão contribuir para a convergência deste processo do ser em processo, do aprender a ser

como construção permanente, através de um continuado ato ao longo da vida. Trata-se, por isso, de uma auto e inter educação ao longo da vida, capaz de gerar a indução do processo de “Educar, Educando-se”, na linha sugerida pela OfinArtes – Centro de Vivências Educativas, de Fortaleza, Brasil, a qual é traduzida e explicitada na entrevista de Amílcar Martins (2007b), concedida ao canal televisivo universitário, Faculdade Integrada da Grande Fortaleza.

Todavia, Carl Rogers (1961, 2009) destaca no seu já clássico livro “Tornar-se Pessoa” a enorme importância que têm os conceitos operativos e estruturantes do ser em construção permanente, baseados na busca e aprofundamento da “vida plena”. Para isso destaca, designadamente, a Congruência, a Aceitação do Outro e a Empatia.

É ainda este autor que destaca as características do processo que deverá alimentar os modos de intervenção: (i) uma abertura crescente à experiência; ii) aumento da vivência existencial; iii) uma confiança crescente no seu organismo; iv) o processo de um funcionamento mais pleno. Do ponto de vista de Rogers (1961, 2009: 217-231) algumas implicações detonam através desta trajetória que ele enuncia como a assunção da “vida plena”:

- Uma nova perspetiva sobre a liberdade e o determinismo;
- A criatividade como um elemento fulcral da “vida plena”;
- A natureza humana é fundamentalmente digna de confiança;
- A maior riqueza da vida tem a sua génese na “vida plena”.

Resumo do capítulo

Fizemos uma alargada reflexão em busca de uma fundamentação dos sentidos do Projeto CIV *Young Storytellers*. Inserimo-lo no quadro geral do projeto do CIV, enquanto escola internacional com as componentes dos estudos ingleses e portugueses. Descrevemos a metáfora do ArteNauta como matriz estruturante das principais componentes e articulações inspiradoras para a nossa intervenção no contexto deste projeto. Analisámos a figura do Contador de Histórias na ótica da antropologia e de

alguns dos seus atores e contadores. Debruçámo-nos, ainda, nas vertentes indutoras de uma educação para o desenvolvimento da Pessoa.

Após as linhas gerais desta fundamentação, estamos agora em condições de avançar no capítulo seguinte com a conceção do Projeto CIV *Young Storytellers*.



Desenho 7 – ArteNauta ¹¹ Teresa Alexandrino ¹²

CAPÍTULO III CONCEÇÃO DO PROJETO

¹¹ ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Investigador.

¹² ArteNauta Teresa Alexandrino representa a iconografia que criei para a minha apresentação na sessão de abertura do curso de Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta, em fevereiro de 2010.

Introdução do capítulo

Chegou o momento de me debruçar sobre a conceção do projecto. Apoiando-me na trilogia Pessoa-Artista-Pedagogo¹³ busquei a energia criativa necessária para oferecer aos jovens contadores de histórias uma viagem pedagógica-didática-artística que lhes proporcionasse alguns dos elementos de Aprendizagem que reportei de essenciais: Viagem; Liberdade; Criatividade; Prazer; Tornar-se Pessoa.

Indo ao encontro das linhas orientadoras do projeto educativo do CIV, procurei, nos vários momentos de reflexão-ação que constituíram a conceção do Projeto CIV *Young Storytellers*, uma metodologia valorizadora da realidade cultural do CIV. Ou seja, procurando representar no projeto a vida prática dos jovens contadores de histórias, a sociedade que eles hoje enfrentam. O projeto é assim construído *in loco*, em função do contexto, e reconstruído ao longo do percurso. Neste sentido são características da conceção do projeto a adoção de uma pedagogia de projeto aliada a uma pedagogia de situação, de acordo com a inspiradora Gisèle Barret, cit. por Amílcar Martins, 1998 e 2002.

Pretendo com isto significar que concebi o Projeto CIV *Young Storytellers* numa ótica de flexibilidade e de abertura à programação e ao previsto, mas também à imprevisibilidade e aos fluxos da espontaneidade, às urgências do próprio momento, procurando liderar pedagogicamente o processo educativo, revelando-me e assumindo-me com disponibilidade e abertura para acolher os elementos indutores da própria dinâmica da ação, das pertinências expressas, e em função das leituras que fazia, em cada momento, dos seus graus de fecundidade, de validade e de significação.

O alinhamento de alguns princípios foram determinantes na conceção do Projeto. Vejamos como os descrevemos, seguindo de perto o livro *Didática das Expressões* de Martins (2002, 2009).

¹³ Trilogia Pessoa-Artista-Pedagogo – Perfil de Educadores, Professores e Animadores das Expressões (Martins 2002: 75).

3.1. Princípios de Orientação do Projeto

3.1.1. Princípio da Abertura ao Outro e ao Mundo

A consciência de que vivemos num mundo globalizado, assim como da riqueza da diversidade dos indivíduos, dos povos e das culturas está na base da criação do Projeto CIV *Young Storytellers*, orientado para uma multi e interculturalidade criadora e humanizante. *Aprender a viver com os outros* é um dos desafios educacionais mais importantes na atualidade e referido como um dos quatro pilares da educação, presentes no relatório de recomendações da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, apresentado à UNESCO em 1996 e da autoria de Jackes Delors *et al.*

O processo de abertura ao outro pressupõe uma relação, sermos capazes de partilhar os nossos sentimentos, sendo que o mais importante é o efeito em nós do que deste processo resulta. Saber viver numa permanente construção com os outros.

A arte tem um papel crucial na educação do sentimento e da sensibilidade, na compreensão e valorização da diferença e das mudanças culturais, na descoberta de valores. Promover a expressão da diversidade cultural é um dos objetivos da Educação Artística e está reconhecido no Roteiro para a Educação Artística¹⁴ (REA).

A consciência e o conhecimento das práticas culturais e das formas de arte fortalecem as identidades e valores pessoais e coletivos, e contribuem para salvaguardar e promover a diversidade cultural (REA: 8).

Neste sentido procurei proporcionar aos jovens contadores de histórias variadas atividades culturais, no CIV e em espaços exteriores ao CIV, nas quais os jovens tivessem a oportunidade de se envolverem emocionalmente, partilhando as suas culturas, e melhor compreendendo, apreciando e experimentando as expressões

¹⁴ Documento baseado nos debates realizados no decurso e após a Conferência Mundial sobre Educação Artística (CMEA) realizada em maio de 2006, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, numa organização da UNESCO e do Governo de Portugal.

artísticas.

Criar confiança com base num profundo apreço pela cultura de cada um é o melhor ponto de partida possível para explorar e subsequentemente respeitar e apreciar a cultura dos outros (REA: p. 10)

Ainda no REA foi reconhecido que a participação ativa em experiências, processos e desenvolvimentos criativos proporcionados pela arte desenvolve a consciência cultural e as capacidades individuais das crianças e jovens.

Estudos mostram que a iniciação dos educandos nos processos artísticos, desde que se incorporem na educação elementos da sua própria cultura, permite cultivar em cada indivíduo o sentido da criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil, inteligência emocional e uma “bússula” moral, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia e liberdade de pensamento e ação. (CMEA, 2006: 6).

A metáfora da viagem apresenta-se assim como caminho em direção ao que ainda não se conhece, apelo à descoberta e abertura ao outro.

3.1.2. Princípio da Integração Disciplinar e Linguística

A participação plena dos jovens contadores de histórias na vida cultural e artística passa por serem colocados no centro das atividades. Ao se apropriarem de uma expressão espontânea e livre, ao serem vivenciadores de experimentação lúdica, os jovens passam a ser criadores de cultura, e não apenas reprodutores de cultura.

Neste sentido foram surgindo ao longo do projeto várias oportunidades para a sua participação ativa, como contadores de histórias para públicos variados, como animadores, como organizadores de eventos, como orientadores de oficinas para a construção de objetos contadores de histórias, realizadores e atores de vídeos de curta duração.

Estas atividades foram organizadas em parcerias que pudessem proporcionar o

desenvolvimento das capacidades individuais e de grupo dos CIV *Young Storytellers*, a expressão da sua diversidade cultural e, ainda, uma oportunidade para a comunicação intergeracional. Foram nossos parceiros artistas, contadores de histórias de várias nacionalidades, escritores, instituições locais e regionais.

Esta visão é corroborada no *Roteiro para a Educação Artística* (2006) que nos apresenta as parcerias bem sucedidas, entre os professores de arte e artistas altamente qualificados, como uma estratégia essencial para uma Educação Artística eficaz.

Deste modo seriam nossos parceiros nesta viagem; os contadores de histórias e/ou formadores Amílcar Martins, Rudolfo de Castro, Tim Bowley e Elisa Vilaça; os escritores Alice Vieira e João Tordo; instituições como o SPGL - Sindicato de Professores da Grande Lisboa, os CLA(s) - Centros Locais de Aprendizagem da Universidade Aberta (Ponte de Lima e Silves); a Câmara Municipal de Óbidos e a Livraria Histórias com Bicho, de Óbidos; a Associação Ajudaris do Porto e a Escola Prof.^a Diamantina Negrão, de Albufeira.

3.1.3. Princípio da Centralidade das Competências e Aprendizagens no Processo Pedagógico

O projeto educativo do CIV tem em atenção que a escola se organize por competências e dá especial atenção às metodologias que visem desenvolver, entre outras, as competências linguísticas: ouvir, compreender, escrever, criar.

Estando atento a esta dimensão o Projeto CIV *Young Storytellers* interpreta o universo de ligação e de mediação relacional humana, através da palavra, como um forte instrumento de criação e de produção de momentos de magia. Assim, todo o trabalho que nos propusemos desenvolver procura uma metodologia repleta de capacidades de ler, contar, escutar, recontar e criar. As atividades a desenvolver deveriam assim filiar-se neste princípio da “magia da palavra” e proporcionar momentos de envolvimento com as seguintes características:

- contar/recontar/criar uma história em voz clara, comunicando uma história sequencial (*storyline*);
- contar/recontar/criar histórias a partir de elementos visuais não sequenciais;
- selecionar e usar linguagem descritiva e expressiva - expressão facial e gestual envolvendo a audiência, desenvolver personagens e cenários, criando tensão e humor em relação à informação visual que o público observa.

3.1.4. Princípio da Aplicação da Metáfora do ArteNauta Contador de Histórias

Ao longo de todo o projeto procurei valorizar a figura do contador de histórias e as histórias a contar, interpretando-as como heranças tangíveis e materiais, mas também como heranças imateriais da humanidade.

Muito cedo na infância fui inflamada pelas narrativas dos contadores de histórias nos mercados de Kinshasa, no Congo. Herbert Read (1982) diz-nos que a arte se transmite como o fogo, de espírito para espírito. Propagar o fogo da arte de contar histórias procurei-o sendo ArteNauta Contadora de Histórias.

Como ArteNauta contadora de histórias procurei desenvolver em mim e nos CIV *Young Storytellers* a vontade de envolvimento e participação ativa na criação de atividades com as vertentes de animação-educativa-artística-cultural, de modo a contribuirmos para o reforço e o aprofundamento dos processos de humanização das comunidades onde nos inserimos. As atividades concebidas com as vertentes referidas contribuem para nos tornar mais sensíveis à interação e à partilha de narrativas inspiradas em experiências pessoais, em sentimentos e emoções vivenciadas em ideias reinventadas, em aspirações e sonhos criados, em conflitos e vontades afloradas e expressas em narrativas realmente acontecidas, e/ou descritas como ancoradas na ficção.

O desenho seguinte dá conta da Mandala da Magia da Palavra, tal como proposta na conceção de Amílcar Martins, 2007.

Desenho 8: Mandala Magia da Palavra (cf. Amílcar Martins, 2007)



LEGENDA

Anel central da composição:

Magia da Palavra – o foco de tensão almejado pelo Contador de Histórias, através da sua voz corpórea aliada a outros dispositivos de expressão e comunicação
Contador-Contos-Audiência – a trilogia convergente e ótima que busca o envolvimento e a experiência subjetiva e encantatória da Magia da Palavra

Anel exterior da composição:

Ambiente subjetivo-objetivo do **Contexto Cultural** em presença

Perante esta inspiradora síntese de Martins (2007), parto então para a escolha seletiva das vertentes operacionais de ação intencional a realizar.

No que diz respeito ao Reportório de Contos:

–a identificação dos contos a trabalhar, e que constituem já parte do reportório

- do grupo (contos do reportório comum);
- a sinalização de métodos e técnicas inspiradoras para a invenção de contos pelo próprio grupo (contos nascentes e inventados);
- a criação de um reportório híbrido (contos do reportório comum + contos nascentes e inventados) na construção global do reportório de contos dos CIV *Young Storytellers*.

No que diz respeito às Aprendizagens:

- a valorização permanente das vertentes-âncora de uma matriz inter e transdisciplinar apoiada conceitualmente no ArteNauta Tornar-se Pessoa, inspirada em Carl Rogers (1961), e na corrente da psicologia humanista com importantes reflexos na educação e na pedagogia da arte, e onde identifiquei a irradiação permanente dos conceitos-guia da Viagem, da Liberdade, da Criatividade, do Prazer e do Tornar-se Pessoa.

3.2. Focos de Orientação do Projeto CIV *Young Storytellers*

3.2.1. As Disciplinas da *Linguagem Oral* e da *Expressão Plástica*

Surge recentemente nas escolas a urgência de falarmos e refletirmos sobre a importância da oralidade. Tornou-se mesmo indispensável a mestria no seu uso. O Projeto CIV *Young Storytellers* atento às necessidades do projeto educativo do CIV viu na ligação da linguagem oral com a expressão plástica uma metodologia para o exercício da liberdade de narrar e da criatividade, permitindo o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade e da formação de valores. No entanto é reduzido o tempo escolar para o exercício e a aprendizagem das capacidades lúdicas da imaginação.

Para além da aula semanal de Art & Design, os jovens contadores de histórias ofereceram muito do seu tempo de intervalo entre aulas e horas ao final do dia, depois do horário escolar. O *Secret Room* foi local de encontro e funcionou como laboratório de ideias. Através de jogos e elaborando mapas mentais, os jovens poriam em

movimento o seu processo criativo.

Para religar as duas linguagens, Linguagem Oral e Expressão Plástica, recorri, para além da obra *Didática das Expressões* (2002) de Amílcar Martins, a mais duas obras inspiradoras da minha atividade de arte pedagoga, a *Gramática da Fantasia*, do pedagogo e especialista em Literatura Infantil e Juvenil Gianni Rodari (2006), e *Invenção, Criatividade e Imaginação* do pedagogo e designer Bruno Munari (1981).

Gianni Rodari (2006:16) logo no “antefacto” da sua profusa e enriquecedora *Gramática da Fantasia* refere que o seu livro nos fala, para além de modos de inventar histórias para crianças, de formas de ajudar as crianças a inventarem sozinhas as suas histórias. No entanto diz-nos também:

Aqui trata-se apenas da invenção por meio de palavras e sugere-se levemente, sem aprofundar, que as técnicas poderiam facilmente ser transferidas para outras linguagens, a partir do momento que uma história pode ser contada por um narrador individual ou por um grupo, mas pode também tornar-se teatro ou guião para um espetáculo de fantoches, ser desenvolvida em quadradinhos ou em filme, ser gravada em cassete e enviada aos amigos, etc (...)

É ainda Rodari (2006: 16-17) que preconiza e contagia com a sua visão no livro atrás identificado:

Espero que o livrinho possa ser útil a quem acreditar na necessidade de a imaginação ter o seu lugar na educação; a quem tiver confiança na criatividade infantil; a quem souber qual o valor de libertação que pode ter a palavra. “Todos os usos da palavra a todos” parece-me um bom lema, de belo som democrático. Não para que todos sejam artistas, mas para que ninguém seja escravo.

Ora, ao escutarem uma história, os jovens criam na sua imaginação um mundo sonhado, modificando assim, e mesmo ampliando, certos aspectos da narrativa. Esta sua apropriação do conto pode ser traduzida através de formas plásticas por eles escolhidas. Estes momentos de resposta imaginativa a histórias escutadas são uma oportunidade para conhecer a linguagem da plástica como um meio de comunicação que tem um vocabulário específico que permite a expressão de ideias e sentimentos, assim como de usufruir das experiências oferecidas pelo contacto com alguns

materiais,

- o toque húmido do barro com as mãos e o prazer da sua plasticidade;
- o cheiro pesado da cola branca que exala do boião acabado de abrir e o prazer que proporciona a colagem/descolagem de papel;
- as texturas da tinta fresca e, depois de seca, o prazer da relação entre as cores e as formas;
- a transformação dos materiais e o prazer da descoberta.

O desenho e as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais foram plataforma para a criação de personagens e cenários. O desenho para a invenção de formas provenientes de pensamentos, ideias e utopias, visto os objetos serem construídos em função das mensagens, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais para a construção dos objetos contadores de histórias. O brinquedo assim criado foi ponto de partida para um tempo inventado.

Para Munari (1981: 39) *a cultura popular é uma contínua manifestação de fantasia, de criatividade e de invenção*. Também a apreciação do património artístico transcultural - Teatro de Marionetas e Teatro de Objetos, despertaria nos jovens contadores de histórias o prazer da descoberta e do conhecimento. Construídos os objetos, caixas, marionetes e teatros de marionetes, os jovens aprenderiam a usá-los para o jogo a que se destinavam, explorando os caminhos que eles ofereciam à sua atividade, utilizando-os como meio de se exprimirem, neles se projetando.

No entanto, *a tradição é a soma em contínua mutação dos valores objetivos da coletividade e esta deve renovar-se continuamente*. (Munari 1981: 39). Em algumas sessões e para minha surpresa, talvez já cansados do jogo explorado e esgotado, os jovens contadores de histórias viriam a descobrir o «binómio fantástico» de que nos fala Gianni Rodari (1993: 31) na sua Gramática da Fantasia,

No «binómio fantástico» as palavras nunca são tomadas no seu significado quotidiano, mas sim libertadas das cadeias verbais de que fazem parte diariamente. São «alienadas», «desambientadas», lançadas uma contra a outra num céu nunca visto antes. Assim

encontram-se nas condições melhores para gerar uma história.

Para Rodari a técnica do «binómio fantástico» é muito simples pois a sua forma é precisamente a da pergunta: o que aconteceria se...? Os jovens selecionariam objetos/personagens suficientemente estranhos um ao outro e a sua imaginação seria obrigada a pôr-se em movimento, saltando assim para os jogos do absurdo que podem favorecer as descobertas e, sem dúvida, semear a alegria. Fazendo uso da fantasia para estabelecer uma relação ativa com o real, os objetos, através da palavra mágica que seria o “se”, eram assim chamados a uma nova vida.

Habituar as crianças a considerar a mutação das coisas quer dizer ajudá-las a formarem uma mentalidade mais flexível e vasta (Munari 1981: 38). Foi sob este princípio que viria a surgir o Carrinho Contador de Histórias. Recuperada uma ideia, a da tendinha de histórias do contador de histórias Luís Carmelo, os CIV *Young Storytellers* procuraram materiais para reciclarem e, assim, construíram o carrinho contador de histórias. Os objetos (sementes, pinhas, penas, rebuçados, estrelas de palha, pedacinhos de esferovite, etc), foram lá colocados sem que tivessem qualquer relação com as imagens/personagens selecionados. Todos os objetos e personagens carregavam já consigo o potencial de migrarem, se mutarem/transformarem, oferecendo assim a liberdade para a construção de composições/narrativas poéticas.

3.2.2. A Ligação às Outras Artes

Amílcar Martins (2002: 21-22) na sua obra *Didática das Expressões* apresenta-nos *O saltimbanco italiano – por um ensinar com arte*, como uma metáfora inspiradora de lideranças pedagógicas baseadas na força indutora e interventiva da expressão dramática e do teatro. Nas palavras deste autor:

(...) o saltimbanco é um integrador de linguagens. Dança, conta, canta, toca, representa, declama... Afirma-se presente e anuncia-se com vitalidade e magia. Procura o contacto empático e a festa da vida no aqui e agora do momento único, irrepitível, efêmero.

O autor convida-nos a uma ação pedagógica interventiva (re)ligando as áreas numa dimensão holística e transdisciplinar:

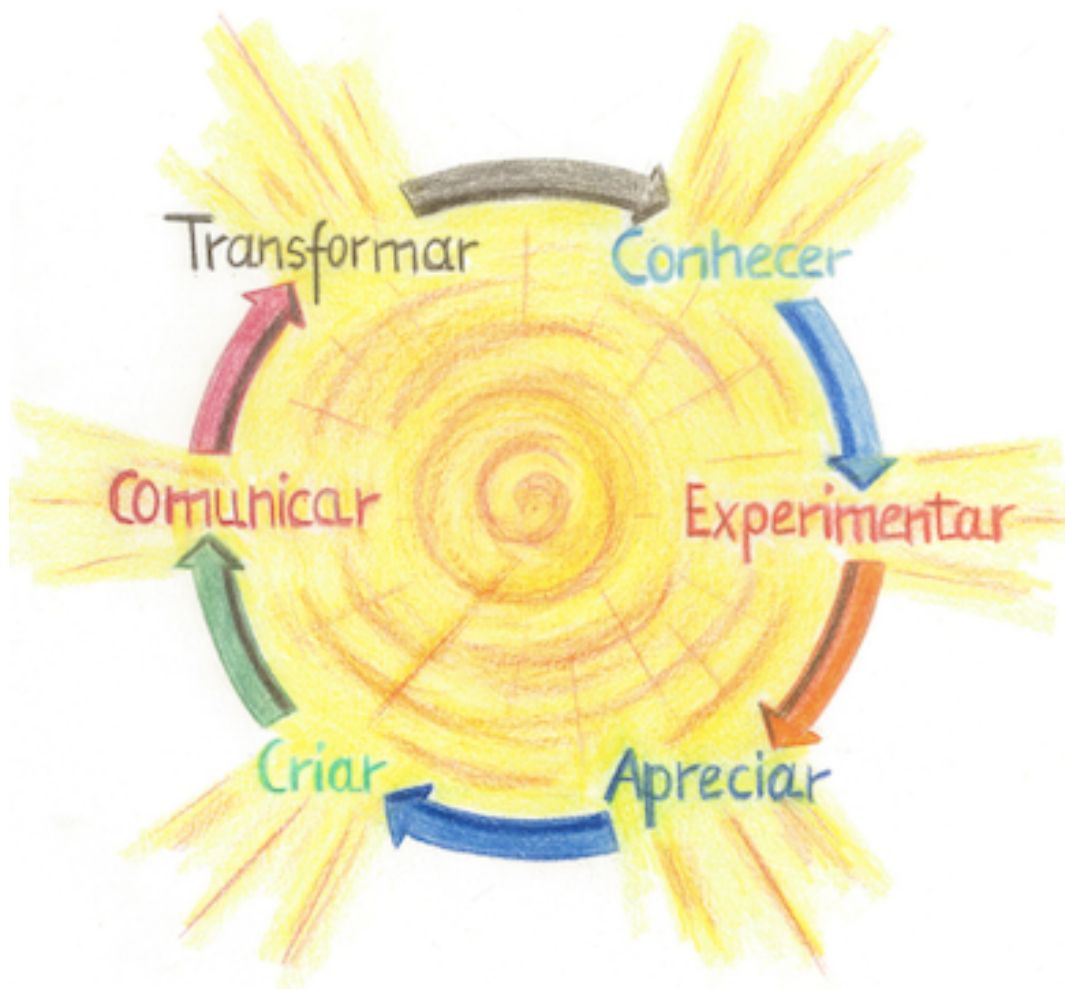
Sentemo-nos com o saltimbanco ao redor da mesa grande e encetemos com ele a prova do gosto pela proximidade e frequência do território lúdico, da sua intimidade e partilha. Descubramos o seu mundo do faz-de-conta e os seus movimentos acrobáticos e lúdicos. Oiçamos a ressonância do timbre musical da sua voz. Experimentemos com ele aqueles objetos do meio ambiente sonoro que se transformam, por momentos, em instrumentos de percussão rítmica e melódica e que se abrem ao jogo da complementaridade harmónica e da consonância. Deixemos que o gesto do saltimbanco guie as cores e as formas, as manchas arco-íris que afagam o encontro com o pincel. Revelemos ao saltimbanco a nossa espontaneidade repleta dos nossos medos e fantasmas, mas também das nossas aspirações e sonhos de seres vivos em permanente estado de (des)construção. Aprendamos com ele as trajetórias interpessoais do tateamento e da experimentação, da incerteza e da dúvida, do risco e, talvez, do achamento. (A. Martins: 22).

É na linhagem do perfil do Saltimbanco italiano que encontramos, em parte, a génese do perfil da cosmovisão multiforme do ArteNauta, já alongadamente presente neste trabalho. Mas é, também, num alinhamento geográfico com o pensamento oriental que encontramos o timbre ancestral de duas orientações decisivas para o desenvolvimento de uma educação holística, integrada, globalizante e transdisciplinar:

*Diz-me e eu esquecerei
Ensina-me e eu lembrar-me-ei
Envolve-me e eu aprenderei*
Provérbio chinês

*Há três coisas que não voltam nunca para traz
A flecha que sai do arco
A palavra dita
E a oportunidade perdida*
Provérbio chinês

Com os nossos parceiros traçaríamos uma trajetória de transdisciplinaridade da Linguagem Oral com as Expressões Artísticas (Expressão Plástica, Expressão Dramática e Teatro, Música, Dança e Cinema), ligando os conceitos e os saberes à experiência e à prática, visando deste modo seis competências nucleares: Experimentar; Conhecer; Criar; Apreciar, Comunicar; Transformar. Ver Desenho – Trajetórias Transdisciplinares do Projeto *CIV Young Storytellers*.

Desenho 9: Espiral de Ação Interventiva do Projeto CIV *Young Storytellers*

O Desenho 9 identifica o movimento progressivo e espiralante de seis verbos de ação que guiam conceitualmente – e de forma inter e transdisciplinar –, a *praxis* do Projeto CIV *Young Storytellers*. Todavia, creio ser importante nesta busca de inter e transdisciplinar entre as várias artes – e entre estas e outras áreas disciplinares –, fazer aqui uma breve demora reflexiva sobre a importância decisiva do jogo, do faz-de-conta, da expressão dramática, da teatralidade e da *performance* como elementos transversais e indutores da prática pedagógica e didática que procurámos desenvolver e cuidar ao longo deste projeto. A língua portuguesa, mas também a língua inglesa, bem como outras línguas que a nós se juntaram em função das origens dos estudantes, foram fatores decisivos. Não apenas pela expressão globalizante, integradora e multidisciplinar dos diálogos entre as artes, mas para que a palavra corpórea sentida, criadora e livre pudesse assumir a sua centralidade cidadã, personalizada e

transformadora. O encontro com a palavra corpórea, com a sua magia irradiante e esplendorosa, importaria que nos permitisse abrir espaço e presença no aqui e agora em que o drama da vida tem o seu lugar na ação pedagógica que desenvolvi. A reflexão reiterada em vários momentos por Martins (2013), ganharia eco e uma presença decisiva para iluminar o caminho desta pesquisa:

O teatro é a arte do brincar a sério. O teatro encontra a sua etimologia nascente no faz-de-conta que joga com a autenticidade expressiva de cada um, criança, e a abre e expande desse modo lúdico ao espaço do mundo simbólico do ser humano em devir. Brincar aos teatros para as crianças, mas também para muitos adultos que não deixaram enfraquecer ou atenuar a criança dentro de si, é experimentar a vida, toda ela em plenitude, ampliando-a à lupa através do jogo de imitação, do jogo simbólico, do jogo dramático, do jogo teatral. Do jogo de troca de figurinhas e do contar, como dizem muitos brasileiros. Experimentar o universo da representação teatral permite o tocar a criatividade no seu processo de ação, tocar a alma do ser humano de outro modo, representando-o, sendo-se outro eu. Assim, podemos dizer que brincar ao teatro é brincar a ser outro, porventura sendo ainda mais eu(s) através de outro(s).

E prossegue mais à frente Martins (2013):

Augusto Boal, dramaturgo e encenador brasileiro mundialmente conhecido pelo seu conceito operativo de "teatro do oprimido", um amigo muito apreciado em Portugal com quem convivi diretamente durante alguns anos, dizia que o teatro e a representação permitem não só experimentar os papéis sociais que conhecemos e reinventamos ficcionalmente, mas também nos permite indagar sobre os vários papéis que queremos e aspiramos representar laboratorialmente, tendo em vista a sua criação em representações teatrais, designadamente auscultando os níveis de intervenção e de expansão da cidadania participativa. E dizia Boal que ser e representar o papel de cidadão no teatro da vida, não pressupõe apenas o uso de uma cidadania de viver com os outros com direitos e deveres, mas implica, sobretudo, o viver uma cidadania expansiva, libertadora e transformadora.

*O teatro fruído e apreendido filosófica e operacionalmente nesta perspetiva de abordagem de ação "aqui e agora", será então uma poderosa forma de expressão artística primordial e genuína, como via de acesso à expansão dos níveis de conscientização criadora, de afirmação de cidadania ativa, de liberdade e de transformação social. E, como bem sabemos, intervir cultural e socialmente implica a conjugação do trinómio **sonho-ação-transformação no teatro da vida!** Amílcar Martins (2013), in *UC Discursos Artísticos em Contextos Educativos*, Mestrado em Arte e Educação, Universidade Aberta.*

3.3.3. A Criação dos CIV *Young Storytellers*

É ainda Amílcar Martins (2002: 21) que na obra *Didática das Expressões*, nos apresenta um conjunto de metáforas inspiradoras do processo de ensino aprendizagem, as quais nos levam a refletir sobre o sentido da didática das artes na educação. Pego, assim, na primeira metáfora *Por um aprender envolvente*,

Diz-me e eu esquecerei
Ensina-me e eu lembrar-me-ei
Envolve-me e eu aprenderei
Provérbio chinês

Através deste provérbio fui levada a refletir nas formas de aprendizagem que nos interpelam como impulsionadores e atores-fazedores de educação e animação, de ensino e de aprendizagem. Segundo Martins (2002: 21):

(...) o processo e os atos que conduzem, de facto, a aprendizagens significativas, criativas, duradouras e transferíveis, pressupõem elevados níveis de envolvimento, de motivação, de implicação de quem aprende.

A criação dos CIV *Young Storytellers* apresenta-se como uma resposta ao elevado grau de motivação e de implicação demonstrados pelos jovens contadores de histórias. Depois das primeiras experiências como contadores de histórias na Biblioteca, no Hall, no Jardim Infantil e nos espaços ao ar livre do CIV, os jovens contadores de histórias demonstraram um forte sentimento de pertença a um grupo. As histórias partilhadas e os momentos vividos, traduzidas num sentimento de convergência, de comunhão e de forte coesão do grupo, foram o cimento desta nova amizade que os unia fortemente e dos quais os jovens contadores não quiseram abdicar. Encontrei assim criadas as condições de atmosfera humana e de coesão de grupo imprescindíveis para que as prováveis aprendizagens a realizar ao longo da nossa Viagem, se pudessem transformar em aprendizagens partilhadas e cooperantes, significativas e criativas, duradouras e transferíveis.

3.3.4. A Formação dos CIV *Young Storytellers*

A formação dos CIV *Young Storytellers* teve sempre presente as necessidades sentidas e verbalizadas pelos jovens contadores de histórias. Depois das primeiras sessões de retroação das atividades de contação de histórias no CIV, os jovens desejavam ser contadores de histórias mais “a sério”, pois sentiam existir um *know how* que lhes faltava. Em colaboração com contadores de histórias e outros artistas convidados a deslocarem-se ao CIV, assim como de organizações educativas e culturais fora do colégio, construímos pontes que religaram aspetos comuns que são relevantes para a vida dos jovens contadores.

No sentido de alargar a experiência dos jovens contadores de histórias, juntamente com o Amílcar Martins e ao longo dos três anos letivos do projeto, encetámos contatos com variados parceiros, com contadores de histórias, animadores, professores e artistas de várias nacionalidades e, ainda, com instituições/associações de diferentes localidades de Portugal.

No meio escolar os jovens contadores tiveram a oportunidade de apreciar e partilhar histórias com os contadores de histórias Amílcar Martins e Elisa Vilaça (Portugal), Rodolfo de Castro (Argentina) e Tim Bowley (Inglaterra). Partilharam também de momentos de leitura de histórias com os escritores Alice Vieira e João Tordo, mostrando-se sempre muito curiosos acerca do processo criativo dos escritores.

Com o Amílcar Martins, através das *Master Classes Contar, Mimar e Sentir* I e II, os jovens contadores tiveram as suas primeiras experiências de exercícios estruturados de voz e dicção, da apreensão da voz corpórea do ator e contador de histórias e, ainda, dos meandros da improvisação e criação dramáticas e performativas baseadas na qualidade do processo de interatividade e de empatia com as audiências, na espontaneidade, na criatividade e na liberdade da inscrição personalizada e *sui generis* dos seus modos de ser, sentir, estar, fruir e pensar criticamente. Os processos criativos

em ação “aqui e agora”, ligados a uma arte do momento, seriam o tónus vital destas sessões dirigidas aos CIV *Young Storytellers*.

No exterior do CIV, através de Amílcar Martins e em colaboração com algumas instituições, a saber:

- LISBOA – através da Comunidade do Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta (UAb), e do Sindicato de Professores da Grande Lisboa (SPGL);
- PORTO – através da Associação Ajudaris;
- SILVES e PONTE DE LIMA – através dos CLAs, Centros Locais de Aprendizagem da Universidade Aberta de Silves e de Ponte de Lima;
- ÓBIDOS – através da Câmara Municipal de Óbidos e a Livraria Histórias com Bicho, neste concelho.

Foi através destas parcerias exteriores ao CIV que organizámos vários eventos onde os CIV *Young Storytellers* participaram e orientaram oficinas, partilharam histórias em tertúlias, animaram espaços públicos e foram atores, fazedores e co-produtores e co-realizadores de curtas metragens cinematográficas e/ou videográficas.

Em várias destas atividades de formação, a intenção foi a de que ao participarem nos diversos processos criativos inerentes à especificidade de cada um dos projetos, os jovens contadores de histórias adquirissem a visão global, a capacidade de planeamento e a coordenação de projetos, de trabalho em equipa, bem como de pensamento reflexivo e crítico.

3.3.5. As Práticas Comunicacionais dos CIV *Young Storytellers*

Percebendo que as histórias favorecem o acesso ao mundo do outro, ao seu imaginário, aos seus sonhos, aspirações, desejos, às suas culturas, os CIV *Young Storytellers* selecionaram, para partilhar, um reportório multicultural a que deram o nome de *Contos do Mundo*. *Contos do Mundo* é um reportório de contos de várias

culturas, com representantes dentro do grupo, que os jovens selecionaram – para ao longo do projeto e por vezes numa segunda língua –, se dizerem através do conto que escolheram partilhar.

Rodari (2006: 175) alerta para o facto que quando se verifica uma situação criativa, onde conte a vida e não o seu mero exercício, o gosto da leitura poderá surgir do encontro entre o jovem e o livro. Ao longo do projeto fui percebendo que as atividades mais criativas e desafiadoras do imaginário, estimulavam a curiosidade pelo livro dos jovens contadores, aproximando-os ainda mais pela leitura.

Surgiram assim vários álbuns ilustrados e outros livros de literatura infantil e juvenil na biblioteca do *Secret Room*. Muitos destes livros foram adquiridos pelos jovens contadores de histórias através fundos angariados em bancas alimentares, outros foram belíssimas ofertas do supervisor do projeto, o Amílcar Martins, e outros ainda foram adquiridos por mim. Várias das histórias constantes destes livros seriam selecionadas pelos CIV *Young Storytellers* e viriam, juntamente com as histórias por eles criadas, a formar o seu reportório de histórias.

O Quadro III – Reportório de Histórias, identifica as histórias contadas, recontadas e criadas, iniciado com o 1º livro das *Histórias da Ajudaris 2009* e posteriormente com o *Histórias da Ajudaris 2010*, rapidamente se viu aumentado pelo grande desejo de partilha dos jovens contadores de histórias. Ainda no primeiro ano do projeto, em 2010, os CIV *Young Storytellers* partiram para a criação de histórias usando para tal as *Caixas com Alma* e o *Carrinho Contador*, tal como podemos ver no Quadro Reportório de Histórias. No segundo ano do projeto, depois de terem tido contacto com o contador de histórias inglês Tim Bowley, e de muito terem apreciado o seu livro *Contos do Mundo*, os jovens contadores decidiram selecionar contos de diferentes culturas do mundo para contarem. Observei então que os jovens contadores selecionavam as histórias que pensavam ter origem na sua cultura ou no seu país. Motivada por mais esta oportunidade de partilha de culturas levei para a pequena biblioteca do *Secret Room* quatro livros de contos populares, de Portugal, de África, da China e da Rússia. Foi grande a adesão dos CIV *Young Storytellers* a estes livros.

Partilhados, durante semanas, estes contos do mundo viriam a ter grande relevância aquando da sessão de Contos ao Luar realizada na Igreja/Convento das Gaeiras, em Óbidos, e com a colaboração do grupo Coral Nascente da Fragesia de Olho Marinho, do concelho de Óbidos.

Quadro III – Reportório de Histórias

	2010	2011	2012
LIVROS HISTÓRIAS DA AJUDARIS 2009/2010/2011	<ul style="list-style-type: none"> • A Galinha e o Lobo • As Amigas • Os três Amigos • Aventuras na Floresta Mágica • O Bichinho da Música e o Menino Triste 	<ul style="list-style-type: none"> • A Estrela Cadente • Os Direitos da Criança • A Galinha e o Lobo • A Grande Farsa • O Pintor Triste • O Palácio de Nevoeiro • O Jardim das Flores 	
ALGUMAS HISTÓRIAS IMPROVISADAS	<ul style="list-style-type: none"> • O Anjo de Natal • A Estrela de Natal • O Boneco de Neve • <i>La Pluma Mágica</i> • <i>Snowman</i> • <i>Le Gros Bonhomme de Neige</i> • <i>The Christmas Star</i> • <i>Santa Claus Kidnap</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Viva o Sol • A Rapariga da Flor Vermelha • O Rapaz Só • Histórias do Fundo do Mar 	
LENDAS DO ALGARVE	<ul style="list-style-type: none"> • Lenda do Bolo Branco • Lenda das Amendoeiras 		

CONTOS DO MUNDO		<ul style="list-style-type: none"> • A Semente • A Árvore Generosa • A Sara Tem Um Grande Coração 	<ul style="list-style-type: none"> • A Mulher Esqueleto • Porque o Sol e a Lua Vivem no Céu • Porque a Serpente Muda de Pele • O Pássaro de Fogo • Barba Azul • O Gato das Botas • A Mulher Minúscula • O Imperador e o Rouxinol • Um Dia Um Guarda-Chuva • <i>Voodoo Girl</i> • <i>The Girl With Many Eyes</i> • <i>Stick Boy and Match Girl In Love</i>
------------------------	--	--	---

3.3.6. O Envolvimento e a Abertura à Participação da Comunidade CIV

Desde a primeira atividade de contação de histórias na Biblioteca do CIV em Junho de 2010 que, o projeto esteve aberto à participação da comunidade CIV. Em várias destas atividades participaram estudantes do SRC (*Students Representative Council*) ajudando na organização dos espaços que viriam a ser utilizados nas sessões de contação de histórias pelos CIV *Young Storytellers*. Contamos também com a ajuda da Dina, bibliotecária do CIV, que apoiou logisticamente os jovens contadores em todas as atividades realizadas na Biblioteca do CIV. Estas sessões estiveram sempre abertas a toda a comunidade CIV, tendo a gestão dos espaços e tempos de contação sido feita pelos CIV *Young Storytellers* em colaboração com as educadoras, professoras e professores dos estudantes mais novos. As sessões de contação nos jardins do CIV tiveram a participação do Diretor Pedagógico do CIV, vários professores e funcionários do CIV que assim apoiaram e motivaram os jovens contadores de histórias. Em algumas destas atividades pudemos ainda contar com a participação de alguns encarregados de educação, que percebendo o envolvimento dos seus educandos, e quando tinham oportunidade, assim demonstravam o seu interesse pelo projeto.

3.3.7. A Abertura às Comunidades Exteriores ao CIV

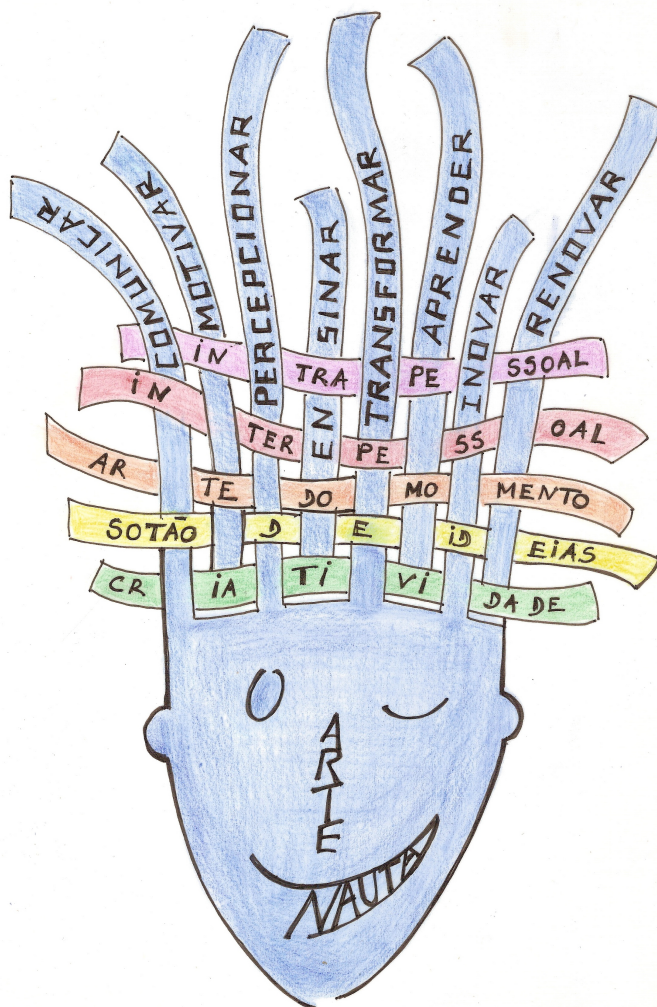
Em algumas das atividades de contação e improvisação de histórias estiveram envolvidos colegas deste mestrado em Arte e Educação que assim vieram dar o seu contributo ajudando-me a observar, a ler e a melhor perceber o desenvolvimento expressivo dos jovens contadores de histórias.

Duas atividades estiveram ainda abertas à participação do 7º B da escola Secundária Diamantina Negrão de Albufeira. Estes estudantes participaram da inauguração da Exposição das ilustrações do livro *Histórias da Ajudaris'11* e da oficina CONTAR, MIMAR e SENTIR II, orientada pelo Amílcar Martins.

Resumo do capítulo

Tracei uma cartografia de princípios e de linhas orientadoras que inspiram e guiam a conceção do Projeto *CIV Young Storytellers*.

Estou agora de posse de alguns dos instrumentos essenciais para partir para a descrição das cinco atividades que seleccionei para evidenciar a *praxis* desenvolvida no “fogo da ação”. O próximo capítulo dará conta deste epicentro da implementação do Projeto *CIV Young Storytellers*.



Desenho 10: ArteNauta¹⁵ Cidadão Transformador¹⁶

CAPÍTULO IV IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

¹⁵ ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Investigador.

¹⁶ ArteNauta Cidadão Transformador representa a iconografia que criei para testemunhar a leitura que faço da expressão do teatrólogo, dramaturgo e encenador brasileiro Augusto Boal: *Cidadão não é apenas aquele que vive em sociedade, mas aquele que a transforma*. Esta representação iconográfica associada à expressão de Boal foi utilizada em vários contextos formativos e artísticos do curso de Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta, bem como de outras iniciativas realizadas em contextos nacionais e internacionais.

Introdução do capítulo

Neste capítulo farei a descrição das várias atividades implementadas. Não tendo havido uma previsão do número de atividades a serem implementadas, estas foram-se desenvolvendo ao ritmo da escuta e das necessidades sentidas pelos jovens contadores de histórias (Quadro IV – Atividades Implementadas).

Com início em outubro de 2009 as atividades foram surgindo numa espiral de reflexão-ação ao longo de três anos letivos, tendo a última atividade em estudo sido implementada em maio de 2012.

Antecedendo as descrições, para cada atividade apresento uma ficha com uma sinopse, os objetivos, os participantes, o tempo disponibilizado, os materiais utilizados e, no final, uma breve avaliação. Esta descrição será acompanhada de fotografias que ilustram os momentos mais representativos, vividos pelos CIV *Young Storytellers*.

Saliento, ainda, que a infraestrutura do projeto foi melhorando ao longo do tempo. Existindo um conjunto de orientações para a implementação, foram-se-lhe ainda juntando materiais que a enriqueceram e transformaram. A gestão de projeto a nível financeiro foi realizada através da angariação de fundos, garantida por bancas alimentares realizadas no CIV pelos jovens contadores de histórias. Estes fundos garantiriam o enriquecimento da sua biblioteca e por conseguinte o seu reportório de histórias. A criação de um logo (chapéu contador de histórias), símbolo dos CIV *Young Storytellers*, viria a ser vital na sua identificação como grupo. Utilizado em crachás, cartazes e programas seria a sua marca identitária que mostravam com orgulho nas viagens e em atividades no CIV.

4.1. Atividades Implementadas

O Quadro IV – Atividades Implementadas, contempla a totalidade das atividades implementadas nos anos letivos de 2009/2010, 2010/2011 e 2011/2012.

Quadro IV – Atividades Implementadas

Atividades	Ano letivo 2009/2010	Ano letivo 2010/2011	Ano letivo 2011/2012
1. Caixas com alma	Janeiro e fevereiro, nas aulas de <i>Art & Design</i>		
2. Contar as Histórias da Ajudaris com as Caixas com Alma	24 de junho, Jardim de Infância e na Biblioteca do CIV	29 de outubro, na Biblioteca do CIV 19 de fevereiro, na Tertúlia de Contadores do SPGL, em Lisboa	18 de outubro, na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima
3. Construir Marionetas/Teatro de Marionetas/Teatro de Sombras Chinesas	Fevereiro a março, nas aulas de <i>Art & Design</i> (Teatro de Marionetas)	Fevereiro a março, nas aulas de <i>Art & Design</i> (Teatro de Marionetas)	Outubro, nas aulas de <i>Art & Design</i> (Teatro de Sombras Chinesas)
4. Contar as Histórias da Ajudaris 2009 com o Teatro de Marionetas	23 de junho, na Biblioteca e no Hall do CIV	29 de outubro, no Jardim-de-Infância 18 de Abril, na <i>Tertúlia Al Mu'Tamid</i> , em Silves	
5. Construir o Carrinho Contador de Histórias		Novembro, nas aulas de <i>Art & Design</i>	
6. Contar/Improvisar histórias com o carrinho contador		15 de dezembro, banca alimentar de angariação de fundos para a Associação Ajudaris, no CIV	18 de outubro, no Largo da Picota, Ponte de Lima
7. Contar Histórias com o Teatrinho de Sombras Chinesas			18 de outubro, Biblioteca de Ponte de Lima 9 de março, no Jardim Infantil, CIV
8. Contar histórias numa Festa de Natal		16 de dezembro, no jantar convívio do CIV	
9. Formação/Oficinas		18 de fevereiro, Oficina na Casa das Histórias Paula Rego, Cascais 21 de fevereiro, <i>Master Class</i> Contar, Mimar e Sentir I, com Amílcar Martins, no CIV 25 de março, Oficinas de Escrita Criativa e Manipulação de Marionetas, com Elisa Vilaça, no CIV	19 de abril, <i>Master Class</i> Contar, Mimar e Sentir II, com Amílcar Martins, no CIV 3 de maio, Oficina Criativa – <i>A Luz sem Fronteiras</i> , Óbidos

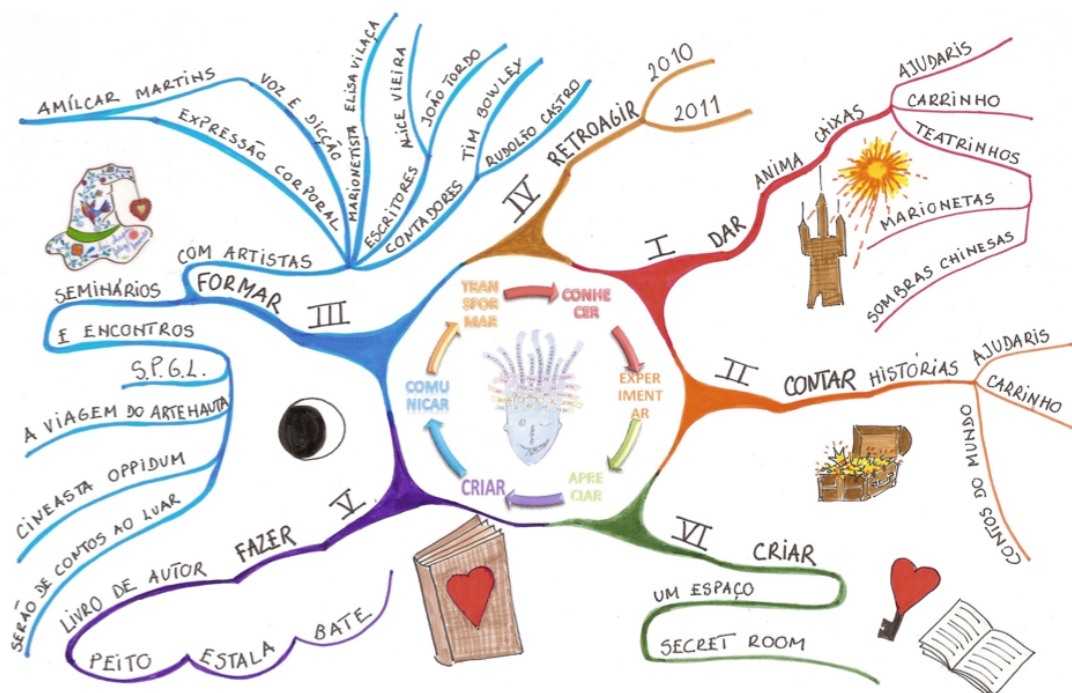
10. Formação/Encontros com Contadores de Histórias e Escritores, CIV		7 de janeiro, com Rodolfo Castro, no CIV 22 de junho, com Tim Bowley, no CIV 22 de março, com Alice Vieira, no CIV 18 de março, com João Tordo, no CIV	
11. Formação/Seminários/ Encontros com Contadores de Histórias, exterior		18 de abril, <i>Tertulia Al Mu'Tamid</i> , em Silves	17, 18 e 19 de outubro, <i>A Viagem do ArteNauta, Contadores de Histórias e Criatividade</i> , Ponte de Lima 4, 5 e 6 de maio, <i>Seminário Cineasta Oppidum</i> , Óbidos
12. Retroagir, CIV		28, 29 e 30 de junho, partilha e exposição de fragmentos do projeto, no CIV Criação do livro PEITO ESTALA BATE 26 e 27 de junho, partilha e exposição de fragmentos do projecto, no CIV
13. Criar o <i>Secret Room</i> , CIV			26 de novembro, inauguração do <i>Secret Room</i> , no CIV
14. Fazer o livro PEITO ESTALA BATE, CIV			De 3 de janeiro a 14 fevereiro, Concurso Pequeno Grande c, para Concurso na Fundação Calouste Gulbenkian

15. Animar espaços no CIV e no exterior do CIV			<p>19 de abril, <i>Inauguração da Exposição das Ilustrações do Livro Histórias da Ajudaris '12</i>, CIV</p> <p>27 de abril, <i>Inauguração da Exposição das Ilustrações do Livro Histórias da Ajudaris '12 + Contação de histórias</i>, no CIV e na Escola Prof.^a Diamantina Negrão, em Albufeira</p> <p>5 de maio, <i>Serão de Contos ao Luar</i>, Convento das Gaeiras, Óbidos</p>
--	--	--	---

4.2. Seleção de Atividades Implementadas

Por uma questão de economia, visto o número de atividades ser elevado, mas sem no entanto querer deixar de as analisar na sua generalidade, procedi a uma seleção através de um Mapa Mental. O Mapa Mental é uma ferramenta do pensamento divergente criada por Tony Buzan, a qual me permitiu ter uma visão mais abrangente das ações desenvolvidas durante as atividades e assim encontrar os elementos comuns a todas elas. Deste modo tornou-se simples a seleção dos momentos a descrever. Ver em baixo Desenho 9 – Mapa Mental das Atividades.

Desenho 11 – Mapa Mental das Atividades



Na zona central do Mapa Mental encontramos o ArteNauta Cidadão Transformador, que escolhemos como patrono deste Capítulo IV. À volta dele sublinham-se as competências cruzadas sempre patentes nas diversas atividades propostas: EXPERIMENTAR; APRECIAR; CRIAR; COMUNICAR; TRANSFORMAR; CONHECER. A partir deste núcleo central expandem-se as Atividades propriamente ditas e os verbos de ação determinantes de cada uma delas: ANIMAR; CONTAR; FORMAR; CRIAR; FAZER. Um nome e respetiva cor indica a Atividade que descrevo mais à frente. O Quadro V – Atividades Seleccionadas para Descrever, Analisar Avaliar, explana os andamentos desta narrativa pedagógica e artística.

Quadro V – Atividades Seleccionadas para Descrever, Analisar e Avaliar

ATIVIDADES SELECIONADAS	AÇÃO DOMINANTE	MOMENTOS E LUGARES DE REALIZAÇÃO
Atividade I UMA POÉTICA DOS OBJETOS	ANIMAR	1º Momento – CAIXAS COM ALMA (CIV) 2º Momento – TEATRINHOS DE MARIONETAS (CIV) 3º Momento – O CARRINHO CONTADOR (CIV) 4º Momento – TEATRINHO DE SOMBRAS CHINESAS (CIV)

<p>Atividade II ERA UMA VEZ...</p>	<p>CONTAR</p>	<p><i>1º Momento</i> – CAIXAS COM ALMA: HISTÓRIAS DA AJUDARIS (CIV, SPGL e PONTE DE LIMA)</p> <p><i>2º Momento</i> – QUEM QUER UMA HISTÓRIA? (CIV, SPGL e PONTE DE LIMA)</p> <p><i>3º Momento</i> – DE ONDE VÊM AS HISTÓRIAS QUE QUEREMOS CONTAR? (CIV)</p>
<p>Atividade III ABRIR-SE AO MUNDO</p>	<p>FORMAR</p>	<p><i>1º Momento</i> – QUEM NOS INSPIRA? (CIV, SPGL, PONTE DE LIMA e ÓBIDOS)</p> <p><i>2º Momento</i> – TERTÚLIA DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DA AJUDARIS (SPGL, LISBOA)</p> <p><i>3º Momento</i> – A VIAGEM DO ARTENAUTA – CONTADORES DE HISTÓRIAS E CRIATIVIDADE (PONTE DE LIMA)</p> <p><i>4º Momento</i> – SEMINÁRIO CINEASTA OPPIDUM (ÓBIDOS)</p>
<p>Atividade IV THE SECRET ROOM</p>	<p>CRIAR</p>	<p><i>Momento contínuo</i> CRIAR UM ESPAÇO (CIV)</p>
<p>Atividade V PEITO ESTALA BATE</p>	<p>FAZER</p>	<p><i>Momento contínuo</i> FAZER UM LIVRO DE AUTOR (CIV)</p>

4.3. Descrição das Atividades Implementadas



ATIVIDADE I

UMA POÉTICA DOS OBJETOS

Foto 2: Fantoche indutor da Atividade 1

SINOPSE: Em pequenos grupos e munidos da vontade de contar, mas também de tintas, pincéis, tesouras, materiais para reciclar e muita imaginação, os jovens contadores construíram “objetos mágicos” transformando caixas de cartão em cenários fantásticos para a contação das histórias que queriam partilhar. Esta atividade foi desenvolvida em quatro momentos progressivos e em períodos distintos: *1º Momento* – Caixas com Alma; *2º Momento* – Teatrinhos de Marionetas; *3º Momento* – O Carrinho Contador de Histórias; *4º Momento* – Teatrinho de Sombras Chinesas.

PARTICIPANTES: Estudantes do *Year 6*, *Year 7*, *Year 8*, *Year 9*, *Year 10* e Teresa Alexandrino.

TEMPO: Aulas de *Art & Design*, entre janeiro de 2010 e outubro de 2011.

OBJETIVOS:

- Estimular o interesse e despertar a sensibilidade dos jovens pelo projeto de cariz social e humanitário – HISTÓRIAS DA AJUDARIS.
- Incentivar a criação de histórias e de objetos contadores de histórias.
- Compreender a linguagem da expressão plástica como um meio de comunicação que permite a expressão de ideias e sentimentos.
- Estimular o desenvolvimento da criatividade e da imaginação, escolhendo técnicas e instrumentos com intenção expressiva e comunicacional.

MATERIAIS:

- Livro Histórias da Ajudaris (2009/2010/2011).
- Caixas de cartão de tamanhos variados.
- Papel (cartolinas, kraft, celofane, crepe, seda, jornais e revistas).j
- Pequenos objetos (conchas, búzios, penas, pinhas, pauzinhos, pedrinhas, purpurinas, caixinhas de música e berlindes).
- Agrafadores, furadores, tintas acrílicas, barro, X-atos, tesouras, cola, pincéis, lápis de cor, canetas de feltro, teques para modelar barro, arame, tecidos e fios de algodão, sisal e lã.

AValiação:

Partindo de histórias do Livro Histórias da Ajudaris, a construção conjunta dos vários objectos funcionou como um espaço de prazer onde os jovens contadores partiram numa viagem de descoberta de si, do outro, da mutação dos objetos e dos seus múltiplos significados. Foram ultrapassadas dificuldades através da negociação de ideias, da partilha de materiais e do recurso ao humor. Ao progredirem nas técnicas de construção dos objetos os jovens apaixonaram-se pelo ato de criar e o prazer inerente transformou-os em criadores de uma nova forma de comunicar.

4.3.1. Atividade I – Uma Poética dos Objetos

O 1º e o 2º momentos da Atividade I deram início ao presente projeto de investigação e é anterior à formação do grupo CIV *Young Storytellers*, por esta razão aparecem referidas, na descrição destes momentos, as classes intervenientes. Tendo estado envolvidos, nesta primeira atividade, cerca de 83 jovens, do *Year 6* ao *Year 10*, apenas 24 formariam, mais tarde, o grupo inicial dos CIV *Young Storytellers*. Destes, 16 eram do *Year 6*, 4 do *Year 7* e 4 do *Year 8*. É este grupo que, com pequenas alterações no número, se vai manter ao longo das restantes atividades implementadas.

A Atividade I – *Uma Poética dos Objetos*, realizou-se em 4 momentos faseados no tempo, entre janeiro de 2010 e outubro de 2011 e, como referido anteriormente, com jovens de classes diferenciadas. Por esta razão a sua descrição far-se-á do seguinte modo:

1º Momento – CAIXAS COM ALMA – *Year 6* e *Year 7* – janeiro e fevereiro de 2010

2º Momento – TEATRINHOS DE MARIONETAS – *Year 8* e *Year 9* – fevereiro e março de 2010 e *Year 9* – fevereiro e março de 2011

3º Momento – CARRINHO CONTADOR DE HISTÓRIAS – *Year 7* – novembro de 2010

4º Momento – TEATRINHO DE SOMBRAS CHINESAS – *Year 10* – outubro de 2011

4.3.1.1. 1º Momento – Caixas com Alma



Fotos 3, 4 e 5 – Construção de três Caixas com Alma

A ideia da utilização das caixas de cartão, como cenário para a contação de uma história, remonta ao MAE Estágio A MAGIA DA ARTE na Ilha Terceira, Açores, em março e abril de 2010. Durante o MAE Estágio, o coordenador do MAE¹⁷, Amílcar Martins, exibiu o filme A MAGIA DA PALAVRA. Neste filme o autor partilha imagens das *Palavras Andarilhas*¹⁸ de 2008, em Beja. Num dos momentos da narrativa fílmica, um contador de histórias manipulava uma caixa de cartão à medida que ia contando uma história. No módulo de Expressão Plástica, ainda no MAE Estágio, um dos grupos, provavelmente induzido e inspirado no filme, construiu um pequeno cenário numa caixa de cartão. Percebi, na altura, o poder encantatório que uma caixa pode albergar. Recordo-me que todos, sem exceção, rodeando a pequena caixa, de cócoras, espreitávamos, ora por uma pequena janela colorida, ora pela minúscula porta, o lugar de sonho e magia que habitava o interior da caixa. Não tive dúvidas de que, uma vez regressada ao CIV, iria proporcionar o mesmo encantamento aos meus jovens estudantes.

O primeiro passo desta atividade foi proceder à seleção das histórias. Em grupos de 4 ou 5, os estudantes de nacionalidade portuguesa leram, em voz alta, algumas das

¹⁷ MAE – Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, com sede em Lisboa.

¹⁸ *Palavras Andarilhas* é uma realização cultural e artística de iniciativa da Biblioteca Municipal José Saramago, de Beja. O foco principal deste evento trata da problemática da mediação e promoção da leitura, com ênfase nos contadores de histórias.

histórias do livro *Histórias da Ajudaris 2009* e, simultaneamente, iam fazendo a tradução para os colegas de outras nacionalidades. Uma vez escolhidas as histórias foi altura de deitarem mãos aos lápis de cor e às canetas de feltro. Cada grupo desenhou, em papel de desenho de formato A3, um *storyboard* que tinha como objetivo facilitar-lhes a leitura dos espaços, das características das personagens intervenientes, das acções desenvolvidas e da sequência das histórias.

Praticamente todas as *Histórias da Ajudaris*, escolhidas pelos jovens, tinham uma, ou mais ações que decorriam ora num espaço fechado, de interior, ora num espaço aberto, de exterior. Sob a orientação dos *storyboards* os jovens construíram no interior das caixas, a toca, o quarto, representando estes um lugar de segurança, de refúgio, de proteção, pois muitas vezes é este o sítio que encerra as maiores riquezas para a criança. No exterior das caixas os jovens construíram cenários de aventura, florestas mágicas, jardins paradisíacos, praias fantásticas, castelos encantados, cidades flutuantes, rios suspensos, fundos do mar...

Os materiais de eleição foram sobretudo os reciclados. Caixas de papel para impressora que se pediram na papelaria, jornais e cartolinas utilizadas que se pintaram e recortaram, caixinhas de todos os tamanhos, rolos de papel, retalhos de tecidos e restos de lã trazidos de casa, pedaços de arame suplicados ao Sr. Norte na oficina do CIV, areia trazida da praia em saco pesado, galhos com perfume a acabados de arrancar, berlindes coloridos surripiados a um irmão, purpurinas encantatórias, mas também, materiais novos e mágicos como o celofane e o acetato.

As personagens resultaram da magia do barro a ser modelado pelas jovens mãos dos contadores de histórias e a ser pintado com as cores da sua imaginação. Barro que, depois de modelado, deu forma a crianças como eles, príncipes e princesas, pequenos animais falantes e outros seres fantásticos, como fadas, ogres, bruxas e feiticeiros.

No total foram produzidas nove Caixas com Alma. Cada uma albergando uma história do livro *Histórias da Ajudaris*, assim como a semente da magia da palavra, que viria a ser contada numa próxima atividade na biblioteca do CIV.

4.3.1.2. 2º Momento – Teatrinhos de Marionetas

Foram dois os Teatrinhos de Marionetas realizados entre fevereiro de 2010 e março de 2011. O 1º teatrinho foi realizado pelo *Year 8*, entre fevereiro e março de 2010 e tinha como finalidade dois espetáculos de marionetas a apresentar no Hall e no Jardim de Infância do CIV – *PUPPET SHOW*. O 2º teatrinho, realizado pelo *Year 9* entre fevereiro e março de 2011, foi criado com o intuito de partilhar as *Histórias da Ajudaris 2010*, na Tertúlia Al Mu'Tamid, em Silves, durante o MAE Estágio A MAGIA DA ARTE, Silves 2011.

Para a construção do 1º teatrinho os passos iniciais foram idênticos aos da mesma atividade com o *Year 6* e o *Year 7 – Caixas com Alma*. Em grupos de 4 ou 5, os jovens fizeram as leituras em voz alta das *Histórias da Ajudaris*, as traduções para os colegas e desenharam os *storyboards*. A diferença é que para estes jovens a caixa agora era só uma e de grandes dimensões (150cm x 120cm x 60cm). Um dos grupos entregou-se com energia ao *design* da caixa que viria a ser o Teatrinho de Marionetas, enquanto os colegas dos outros três grupos se dedicaram à paciente construção das pequenas marionetas.

À grande caixa foi retirado o fundo e na parte oposta foi idealizada a boca de cena. Depois foi fazer uso da geometria, desenhar com rigor, para de seguida deixar a imaginação pintar a caixa com as cores de eleição. Esta caixa foi pensada para ficar sobre uma mesa e tinha dimensões suficientes para albergar três marionetistas que, se esconderiam por detrás de um fundo de pano negro translúcido, de modo a que estes pudessem manipular, confortavelmente, as marionetas sem serem vistos pelo público infantil.

As marionetas construíram-se, também, com pequenas caixas às quais se atravessava uma pequena vara até ao local da cabeça. Ao estilo dos bonecos de vara as pequenas marionetas seriam para manipular por baixo e, por conseguinte, não tinham pernas. Os braços ficaram fixos, facilitando a manipulação feita pelos jovens estreantes nesta técnica e a maioria dos adereços foram realizados em *papier maché*. Acabadas com esmero as pequenas marionetas não escaparam aos delírios de plumas e cabelos

extravagantes.

O 2º teatrinho, realizado nos mesmos meses, pelo *Year 9* do ano letivo de 2010/2011, apresentou já características mais desafiadoras. Pensado para ser um teatrinho itinerante (60cm x 50cm x 35cm), pois pretendia levar as *Histórias da Ajudaris à Tertúlia Al Mu'Tamid*, a realizar na cidade de Silves, foi desenhado com base na estética do *Toy Theatre*¹⁹. Depois de feitas as aberturas, os jovens aplicaram à caixa, papel de jornal e cola branca, envelhecendo-a com tinta dourada de modo a obterem o ar vitoriano tão pretendido. Para o fundo de cena foram feitos vários ciclорamas cenográficos, os quais seriam facilmente removíveis durante a progressão da peça e dos respetivos contextos a apresentar. Na boca de cena foi aplicada uma cortina de cor especial de púrpura, tão decididamente procurada pelas cestas de costura de mães e avós.

As figurinhas feitas em cartolina Bristol, com cerca de 10cm, reproduziam os atores/personagens das histórias. Fixadas a pequenos paus de madeira, estas figurinhas deslizariam sobre o *palco*, quer lateralmente quer pela parte de cima.

Os primeiros cenários de fundo de cena tinham sido feitos inspirados nas ações das *Histórias da Ajudaris* que os jovens contadores pretendiam partilhar mas, espontaneamente, começaram a criar cenários *diferentes* para o fundo de cena. Como a técnica utilizada foi a da colagem os jovens divertiam-se a fazer colagens insólitas. Como exemplo, numa destas colagens, à frente de um castelo medieval foi colado um imenso tigre de Benguela e no céu, por detrás das altas montanhas cobertas de neve que ocupavam o lado esquerdo da colagem, surgia um multicolorido balão a hélio. Depois partiram à descoberta da palavra, *era uma vez*.... Com a excitação da novidade, aleatoriamente, introduziam na cena uma ou mais das figurinhas previamente feitas transportando-as para outra realidade, tinham descoberto o *binómio fantástico* a que se refere Gianni Rodari (2006: 38). Reinava a gargalhada e das muitas tentativas surgia uma bela história em que o *movimento era o do nonsense ao sentido* (Rodari, 2006: 55). Os jovens contadores experimentavam-se, assim, no uso da fantasia para estabelecer uma relação com o real.

¹⁹ Toy Theatre – Pequena caixa panorâmica feita com cartão e papel que se aproxima muito do teatro real.



Foto 6 – Momento de construção do Teatrinho de Marionetas

4.3.1.3. 3º Momento – Carrinho Contador de Histórias

Estava já organizada para o dia 15 de dezembro de 2010 a banca alimentar – *Histórias da Ajudaris*. Organizáramos esta banca com a finalidade de angariarmos fundos para a Associação Ajudaris. Com o intuito de aumentar as receitas da banca os jovens imaginaram um modo de vender histórias. Surge assim a ideia de construirmos uma caixa/carrinho a partir da qual os jovens contadores pudessem improvisar histórias de Natal.

Coloquei então em prática uma ideia que já trazia a amadurecer desde setembro de 2010. Por altura das *Palavras Andarilhas* de 2010 tinha tido a oportunidade de ouvir a contar histórias o Luís Carmelo, jovem contador de histórias que utiliza um modo de contar muito interessante. O Luís Carmelo tem uma tendinha de feira de estilo medieval, *A Tendinha de Histórias*, nela coloca um grande tabuleiro com várias divisórias por onde distribuí pequenos objetos e cartões com imagens de variadíssimas personagens. À medida que vai contando a história vai colocando, ora objeto, ora imagem, num saquinho de papel, o qual entrega ao pequeno ouvinte no final de cada história. Percebi, na altura, o grande potencial que poderia ter o método junto dos jovens contadores de histórias do CIV. Propus-lhes assim, numa das aulas de *Art &*

Design, o fabrico de algo semelhante para improvisarem histórias. Depois de os jovens visionarem as fotografias e os mini-vídeos da *Tendinha de Histórias* do Luís Carmelo que com eles partilhei, e depois de algumas experiências com caixas, os jovens decidiram-se por uma caixa (50cm x 25cm x 15cm) dividida em 12 secções que seria colocada sobre uma estrutura com rodas. Estava idealizado um carrinho contador de histórias que, assim sobre rodas, seria facilmente deslocado pelos CIV *Young Storytellers*, até ao Jardim de Infância e à Biblioteca.

Reciclámos um pequeno carrinho mostruário de tecidos para estofar sofás, oferta de um amigo, e preparámos uma caixa dividindo-a em 12 partes. Fomos juntando pequenos objetos potenciadores do poder de induzir a imaginação e a criatividade no ato de contar de histórias de forma espontânea: pedacinhos de esferovite que poderiam representar a neve, pequeninos troncos de árvore, conchinhas do mar, pequenas pinhas, estrelinhas e corações de palha, pinheirinhos de natal em madeira, penas e purpurinas cintilantes ou, como foram nomeadas pelos jovens contadores, pozinhos de *perlim pim pim*. As imagens, umas impressas outras desenhadas, todas em pequenos cartões, foram sugeridas pelos jovens contadores; reis magos, anjos, príncipe e princesa, menino e menina, casinha, cavalinho, rena, bolos, presentes, saco, boneco de neve, Pai Natal, trenó, urso polar, gnomo e par de olhos assustadores. Lateralmente colocámos uma caixa, mais pequena, que continha os envelopes feitos em papel Kraft. Envelopes estes que seriam entregues aos pequenos ouvintes, depois das histórias contadas e cheios dos pedacinhos mágicos de uma história a partilhar. Apetrechámos o carrinho com dois bonecos feitos em *papier maché*: *O Rudolf* e o *ArteNauta Anjo Guardador dos Contadores de Histórias*. Pendurámos-lhe estrelas guias dos contadores de estórias, feitas com cartões reciclados de natal e um cartaz que anunciava os CIV *Young Storytellers* e apelava à solidariedade de todos para com a Associação Ajudaris.

Assim que o Carrinho Contador ficou pronto e batizado com este nome, o entusiasmo apossou-se dos jovens contadores. Partindo das imagens e dos pequenos objetos que iam seleccionando, os contadores criavam narrativas que os levavam facilmente ao riso e à alegria. Era grande o prazer que lhes proporcionava a criação espontânea de

histórias e antecipavam já o prazer de partilhar as suas histórias com os colegas mais jovens.

4.3.1.4. 4º Momento – Teatrinho de Sombras Chinesas

Este 4º momento da Atividade I: Uma Poética dos Objetos, realizado em duas aulas de *Art & Design* com o *Year 10*, deveu-se ao facto de um dos elementos dos CIV *Young Storytellers*, a Cláudia Zhu, ser de origem chinesa. A Cláudia, através deste projeto, revelou-se uma fantástica contadora de histórias, e este facto fez desabrochar nela um imenso interesse pela sua cultura de origem. Assim que a Cláudia mostrou interesse pelas Sombras Chinesas aproveitei a oportunidade para programar uma aula de construção de um Teatrinho de Sombras Chinesas. O facto de ter realizado, havia pouco tempo, no Museu da Marioneta em Lisboa, uma formação em sombras chinesas – *Sombras Chinesas na Educação*, forneceu-me o material didático que precisava para partilhar com as estudantes. Mostrei-lhes várias fotografias e filmes sobre Teatros de Sombras Chinesas e juntos seleccionámos aquele que nos pareceu mais adequado para realizar o que pretendíamos.

Para a realização do nosso Teatrinho de Sombras Chinesas construímos, assim, uma caixa de formato retangular (80cm x100cm x 40 cm), com uma estrutura de madeira e acabámo-la com tela esticada e pintada de branco. À caixa foram aplicadas dobradiças para que esta fosse facilmente desmontada e transportada, assim como duas pequenas lâmpadas amovíveis. Estando o teatrinho finalizado, as estudantes, depois de decidirem as histórias que queriam contar, iniciaram o desenho e o recorte das delicadas figuras em cartolina Bristol. Para a sua manipulação foram utilizadas pequenas varas aplicadas às silhuetas de modo a poderem ser manipuladas por trás.

Assim que o teatrinho ficou pronto as três *Young Storytellers* do *Year 10*, a Cláudia, a Matilde e a Mariana iniciaram-se na prática da técnica milenar de manipulação de sombras chinesas, apercebendo-se do mistério que é dar um valor emotivo a uma sombra. Eram donas das sombras e passaram horas a estudar os efeitos da luz, manipulando-a e deixando-a, ora longe, ora perto das silhuetas. Preparavam-se, assim, para contar a história *A Árvore Generosa*, do livro com o mesmo nome de Shel Silverstein, atividade a realizar no Jardim Infantil.



ATIVIDADE II

ERA UMA VEZ...

Foto 7 – ArteNauta Anjo Guardador dos Contadores de Histórias

SINOPSE: Os objetos criados anteriormente (Caixas com Alma, Carrinho Contador de Histórias, Teatrinho de Marionetas e Teatrinho de Sombras Chinesas) na Atividade I: Uma Poética dos Objetos, foram ponto de partida para outras leituras, outros significados, outros modos de ser, outras construções de possíveis. *Era uma Vez...* em várias línguas na contação, recontação e criação de histórias.

PARTICIPANTES: CIV *Young Storytellers*, Teresa Alexandrino, Amílcar Martins, comunidade CIV e comunidades exteriores ao CIV.

TEMPO: Vários momentos de junho de 2010 a maio de 2012.

OBJETIVOS:

- Contar e criar histórias, recorrendo à dramatização, à música e a cenários vários.
- Despertar e fortalecer o interesse pelos materiais de leitura como fonte de entretenimento e prazer.
- Aceder a um vasto repertório de narrativas tradicionais de várias culturas.
- Valorizar as línguas, portuguesa e inglesa, como linguagens criativas.
- Estimular o interesse pela vivência multicultural dos jovens e pela abertura ao mundo.

MATERIAIS:

- Caixas com Alma; Carrinho Contador; Teatrinhos de Marionetas; Teatrinho de Sombras Chinesas
- Livros:
 - Associação Ajudaris (2009). *Histórias da Ajudaris 2009*. Porto: Associação Ajudaris.
 - Associação Ajudaris (2010). *Histórias da Ajudaris 2010*. Porto: Associação Ajudaris.
 - Associação Ajudaris (2011). *Histórias da Ajudaris 2011*. Porto: Associação Ajudaris.
 - BOWLEY, T. e VILLÁN, Ó. (2010). *Contos do Mundo*. Matosinhos: Kalandraka Editora Portugal
 - BURTON, T. (1997). *The Melancholy Death of Oyster Boy*. UK: Butler and Tanner.
 - CAREY, C. e GEARY, R. (1981). *Contos e Lendas de África*. Lisboa: Melhoramentos.
 - CARNAVAS, P. (2010). *A Sara Tem Um Grande Coração*. Lisboa: Editorial Presença.
 - COELHO, Adolfo (2009). *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Leya.
 - IMAI, A. (2011). *O Gato das Botas*. Leça do Balio: Alfragide: Editora Gato na Lua.
 - LACOMBE B. (2008). *Los Amantes Mariposa*. Luis Vives Editorial.
 - MOUTINHO, V. (2002). *Contos Populares Russos*. São Paulo: Landy.
 - SILVERSTEIN, S. (2008). *A Árvore Generosa*. Figueira da Foz: Bruaá.
 - S/A. [Tradução Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim, República Popular Chinesa]. *Contos Populares Chineses, Volume I*. São Paulo. Landy.

AValiação:

Nas várias sessões de contadores de histórias os “CIV *Young Storytellers*” tiveram a oportunidade de apreciar e experimentar o intercâmbio entre gerações da riquíssima experiência de contar histórias através da expressão plástica, da expressão dramática e do teatro, da música, da dança e do cinema. Estas experiências enriqueceram e favoreceram as diferentes formas de expressão e comunicação dos jovens contadores. O sentido do desafio do não conhecido provocando-lhes o imaginário, a ação espontânea, a criatividade imediata de resposta ao estímulo proposto. O Livro como objeto inspirador foi fonte de prazer, partilha e elo de ligação entre as culturas.

4.3.2. Atividade II – *Era uma vez...*

Também a **Atividade II – *Era Uma vez...***, teve vários momentos que se foram sucedendo ao longo do tempo, mais precisamente entre junho de 2010 e maio de 2012. Como já referido na introdução, os momentos de contar histórias foram numerosos e, por esta razão, procederei apenas à descrição dos seguintes:

1º Momento – Caixas Com Alma: Histórias da Ajudaris – junho e outubro de 2010

2º Momento – Quem Quer Uma História? – dezembro de 2010 a outubro de 2011

3º Momento – De onde vêm as histórias que queremos contar? – novembro de 2011 a maio de 2012

4.3.2.1. 1º Momento – Caixas com Alma: Histórias da Ajudaris

Tinha chegado o momento tão ansiado em que os jovens contadores iriam dar os seus primeiros passos na arte de contar histórias. A primeira sessão de contadores das *Histórias da Ajudaris: Caixas com Alma*, pelos CIV *Young Storytellers*, aconteceu no dia 24 de junho de 2010 e a segunda dia 29 de outubro de 2010, por altura da festa de *Halloween* no CIV. Esta última sessão tinha ficado prometida em junho, aquando da primeira sessão, pois não tinha sido possível satisfazer todos os pedidos das várias classes que queriam escutar as histórias dos CIV *Young Storytellers*.

Ambas as sessões decorreram na biblioteca do CIV, em dia e hora combinados com a responsável pela biblioteca, a Dina Adão e anunciada através de cartazes realizados pelos jovens do *Students Representative Council (SRC)*. A biblioteca tinha sido previamente preparada para acolher os pequenos ouvintes. O espaço estava acolhedor, confortável e silencioso, propício à ativação da imaginação.

Tanto na sessão de junho como na de outubro foram contadas sete histórias do Livro *Histórias da Ajudaris 2009* (Quadro X em anexo), umas em português e outras em inglês. O Tomás foi o *Maitre de Cérémonies*. Apresentou, com grande entusiasmo, o livro *Histórias da Ajudaris 2009* primeiro aos colegas mais pequeninos do Jardim Infantil e uma hora depois aos colegas do 1º e 2º ano do Ensino Básico, tanto dos

Estudos Ingleses como dos Estudos Portugueses que, tão cheios de curiosidade, tinham vindo ouvir os jovens contadores. Em ambas as sessões o Tomás fez uma pequena introdução explicando aos colegas o processo de construção das caixinhas que, ainda tão misteriosamente fechadas aguardavam, colocadas sobre as mesas da biblioteca, o momento mágico em que iriam ser abertas e as histórias reveladas. Depois foi apresentando as histórias e os contadores que em grupos de 2, 3 ou 4, num cerimonial preparado previamente, iam abrindo lentamente as caixas e desvendando os segredos de cada uma, dando assim os primeiros passos na arte de contar histórias.

Ambas as sessões foram marcadas por forte interação entre os jovens contadores de histórias e os mais pequeninos, fascinados com o mundo de fantasia que habitava as caixinhas. As sessões revelaram-se, assim, um espaço comunicativo onde os jovens, através das suas caixas, se expuseram como encantadores e encantados numa comunicação que provocou, seduziu e enleou todos quantos estiveram presentes.

Na sessão de outubro contámos ainda com a presença e a alegria do Amílcar Martins, que tendo vindo escutar as histórias dos CIV *Young Storytellers*, também trouxe, na sua malinha mágica de saltimbanco, a magia da palavra que saltava em *pop-up* dos seus lindos livros.



Foto 8 – O Tomás contando uma história aos pequeninos do Jardim de Infância

4.3.2.2. 2º Momento – Quem Quer Uma História?

Dia 15 de dezembro de 2010, logo pela manhã, os jovens contadores colocaram o Carrinho Contador de Histórias junto da banca alimentar de angariação de fundos para a Associação Ajudaris. Estavam excitados com a ideia de terem de criar as histórias no momento em que estas fossem pedidas. Os primeiros *clientes* a pedir uma história foram os pequeninos do Jardim Infantil que, encostando-se ao carrinho para ouvir bem a história, dificilmente resistiam à tentação de meter os dedinhos na caixinha dos pós de *perlim pin pin*. O Tomás foi o primeiro contador do dia. Com muita imaginação inventou a história *O Anjo de Natal*. Os colegas ao observarem a espontaneidade do Tomás ganharam confiança e seguiu-se um fluir de histórias ao longo de todo o dia.





Fotos 9 e 10 – Tomás improvisando histórias com objetos do Carrinho Contador

Depois da história contada pelo Tomás à *Nursery*, seguiram-se as historinhas da Catarina, da Lara, da Laura, do João e da Inês, contadas a várias classes da *Primary School*. Durante o período de almoço alguns dos jovens contadores contaram histórias a vários dos seus professores que, apanhados de surpresa, mas com muita curiosidade, acabavam por *comprar* uma historinha de Natal. Já começavam a escassear os pequenos objetos quando vieram dar o seu contributo a Elísia, a Ângela e a Cristina, três das auxiliares de educação do CIV, encantadas com a atividade. Foi uma excelente surpresa ver, no início da tarde, o Dr. Renato Costa, diretor pedagógico do CIV, vir pedir uma história ao Tomás. A tarde já ia a meio quando a Marta Vasquez, jovem recém-chegada ao CIV, pediu para também improvisar uma história. Encorajada pelo Amílcar Martins, a Marta estreou-se como contadora de histórias. Tinha, ao longo do dia, escutado com grande atenção tudo quanto o Amílcar Martins tinha partilhado sobre o *contar bem* uma história. Num momento de grande magia a Marta contou, em espanhol, sua língua materna, a história *O Boneco de Neve*. O prazer deste momento partilhado viria a transformar a Marta numa encantatória contadora de histórias.



Foto 11 – Marta improvisando histórias com objetos do Carrinho Contador

No final do dia, alguns elementos da comunidade CIV puderam ainda contar com mais um momento mágico. O Amílcar Martins e a professora São, utilizando o carrinho dos contadores de histórias, improvisaram em conjunto e em francês, a história *Le Gros Bonhomme de Neige*. Foi um momento de grande alegria e descontração em que os contadores de histórias puderam, mais uma vez, observar como o Amílcar Martins conta histórias expressando-se através do corpo, dando grande relevância à voz, projetando-a e articulando muito bem as palavras. Atuando como um *professional*, nas palavras de um encantado *Young Storyteller*, o Tomás.



Foto 12 – Amílcar e São improvisando a história *Le Gros Bonhomme de Neige*

4.3.2.3. 3º Momento – De onde vêm as histórias que queremos contar?



Fotos 13, 14, 15, 16 e 17 – Capas de cinco livros explorados pelos CIV *Young Storytellers*

Este terceiro momento aparece na sequência do crescente desejo dos CIV *Young Storytellers* pelo livro. O ato de contar histórias e a vontade de partilha tinha provocado nos jovens contadores de histórias a vontade de ler, de conhecer novas histórias. Assim, em novembro de 2011, levei para o *Secret Room* uma coleção de livros de contos populares portugueses, chineses, russos e africanos, assim como alguns álbuns ilustrados da literatura clássica infanto-juvenil. Vários dos jovens contadores de histórias continuaram este meu gesto e, no *Secret Room*, a biblioteca dos CIV *Young Storytellers* foi crescendo.

Por altura do início do ano letivo de 2011/2012, sentia já nitidamente a autoestima dos jovens contadores crescer, tornavam-se mais independentes, desenvolviam a sua identidade cultural e faziam questão de serem eles a selecionar as histórias a contar.

De entre os livros que levámos para o *Secret Room* contavam-se quatro volumes com recolhas de contos populares de vários países e lugares que tinham despertado grande interesse nos CIV *Young Storytellers*. Durante os intervalos entre aulas, faziam as suas leituras no *Secret Room* e, assim, se decidiam sobre as histórias que queriam contar. A Cláudia deixou-se encantar pelo livro *Contos Populares Chineses*. Seguiram-se a Ksenia, a Natasha e a Carolina que selecionaram contos do livro *Contos Populares Russos*. Depois foi a vez da Catarina e da Beatriz, esta última com raízes

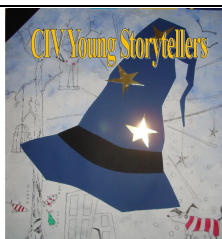
em África, se deixarem atrair pelos *Contos e Lendas de África*. A Laura encheu-se de ternura por um conto do livro *Contos Populares Portugueses* de Adolfo Coelho.

Talvez tenha sido o contacto próximo com o contador de histórias Tim Bowley e a leitura repetida de vários dos contos do seu livro *Contos do Mundo*, ou o facto de os CIV *Young Storytellers* serem de nacionalidades tão diversificadas, ou por serem estudantes numa escola internacional, ou ainda por todas estas razões juntas. O facto é que os jovens contadores tinham escolhido contos do mundo para as suas próximas partilhas, entre as quais se contava a sua próxima participação no *Serão de Contos ao Luar*, integrado no *Seminário Cineasta Oppidum*, na Vila de Óbidos.

Foi na Vila de Óbidos, por altura da sua participação no *Seminário Cineasta Oppidum* que os jovens contadores de histórias, numa visita à *Livraria Histórias com Bicho*, adquiriram cerca de 30 livros da Literatura Infanto-Juvenil que viriam a enriquecer a sua pequena biblioteca no *Secret Room*. Para a aquisição destes livros os jovens contadores de histórias desdobraram-se entre os afazeres da escola e o fabrico de *gauffres*, que vendiam aos colegas durante os intervalos entre aulas.



**Fotos 18 e 19 – Amílcar (*maître de cérémonies*),
Cláudia e Laura (*contadoras de histórias*) no Convento das Gaeiras**



ATIVIDADE III

ABRIR-SE AO MUNDO

Foto 20 – Símbolo do Chapéu ícon dos CIV *Young Storytellers*

SINOPSE: Os jovens ArteNautas contadores de histórias desafiados pelo que não conheciam desejaram viajar à descoberta dos lugares, dos outros e de si. Participaram em atividades centradas em processos criativos de grupo, designadamente através de múltiplas viagens, oficinas e residências artísticas em vários territórios. Os CIV *Young Storytellers* sentiram, observaram, refletiram, experimentaram, partilharam, criaram-se como grupo.

PARTICIPANTES:

No CIV: CIV *Young Storytellers*, Teresa Alexandrino, Comunidade CIV, Amílcar Martins, Elisa Vilaça, Tim Bowley, Rodolfo de Castro, Alice Vieira e João Tordo.

Exterior do CIV: Comunidade MAE, Comunidade da Vila de Ponte de Lima e Comunidade da Vila de Óbidos.

TEMPO: Vários momentos entre janeiro de 2011 e maio de 2012

OBJETIVOS:

- Proporcionar espaços de experimentação, reflexão e partilha.
- Partilhar de momentos de cumplicidade e de descoberta do outro e de si.
- Proporcionar momentos de fruição e lazer onde se descobrem novas formas de ver e sentir as artes, a narrativa e a expressão criativa.
- Incentivar a participação em atividades culturais.
- Experimentar o intercâmbio entre culturas e gerações.

MATERIAIS:

- Material didático para as oficinas (gravador, CD(s) e fichas).
- Livros da biblioteca dos CIV *Young Storytellers*.
- Objetos Mágicos: Caixas com Alma, Teatrinho de Marionetas, Teatrinho de Sombras Chinesas e Carrinho Contador.
- Cartazes, programas, brochuras, autocolantes e crachás.
- Transporte (autocarro do CIV).

AValiação:

Os jovens mostraram-se muito recetivos à aprendizagem através das atividades de formação nas várias áreas da expressão. As oficinas onde se projetaram estas aprendizagens, foram especialmente detonadoras para o desenvolvimento das competências linguísticas e de socialização. Ao se apropriarem de uma expressão livre e espontânea os CIV *Young Storytellers* foram vivenciadores de experimentação lúdica, criadores de cultura, e não apenas reprodutores de cultura. Este salto qualitativo transformou-os já em protagonistas e agentes determinantes da ação formativa desenvolvida nestas oficinas.

4.3.3. Atividade III – Abrir-se ao Mundo

A Atividade III – *Abrir-se ao Mundo*, é uma seleção dos momentos mais significativos no que diz respeito ao contato dos CIV *Young Storytellers* com o mundo exterior ao CIV, sendo esta seleção a seguinte:

- 1º Momento – Quem nos inspira? Entre fevereiro de 2011 e maio de 2012
- 2º Momento – Tertúlia de Contadores das Histórias da Ajudaris no SPGL, fevereiro de 2011
- 3ª Momento – A Viagem do Artenauta - Contadores de Histórias e Criatividade, outubro de 2012
- 4º Momento – Encontro Cineasta *Oppidum*, maio de 2012

4.3.3.1. 1º Momento - Quem nos inspira?

Pensando na formação dos CIV *Young Storytellers*, de modo a estes compartilharem sensações e experiências e ainda a exercitarem a oralidade, organizei no CIV, em parceria com a Dina Adão, bibliotecária do CIV, e através do Projeto A MAGIA DAS PALAVRAS CONTADAS²⁰, vários encontros com contadores de histórias. Os primeiros encontros tiveram lugar no CIV e foi nosso primeiro convidado o Amílcar Martins que, generosamente, nos ofereceu a *Master Class* - CONTAR, MIMAR E SENTIR I. Nesta experiência, para além de os jovens contadores terem realizado vários exercícios de voz e dicção propostos pelo Amílcar Martins, experienciaram, ainda, formas de potenciar a sua expressão espontânea. Propondo e desafiando-os com atividades “estranhas” o Amílcar Martins provocava o seu imaginário e a criatividade como resposta ao estímulo proposto. Através da *performance*, no sentido de religar o racional com o impulso vital, o Amílcar Martins pretendia “tirá-los dos lugares”, do habitual, sugerindo jogos dramáticos onde predominavam o poder ser, a abertura, a liberdade e a alegria.

No início da sessão os jovens estranhavam as propostas do Amílcar Martins e, não foi fácil vencer vergonhas e libertarem-se das amarras que os condicionavam mas, com o

²⁰ O Projeto A MAGIA DAS PALAVRAS CONTADAS é desenvolvido pela biblioteca do CIV. Tem como um dos seus objetivos trazer à escola contadores de histórias de várias nacionalidades.

fluir da atividade e apercebendo-se do espaço de liberdade em que nada lhes era imposto, os jovens sentiram-se estimulados e o impulso para agir foi forte, tornando-os mais participativos e comunicativos. Esta experiência, repetida um ano mais tarde com a *Master Classe* CONTAR MIMAR E SENTIR II, enriqueceu e favoreceu as formas de expressão e comunicação dos jovens contadores, ajudando-os a tomar consciência de si e do outro, do seu esquema corporal e das suas potencialidades físicas. Depois de ler pequenos apontamentos feitos pelos CIV *Young Storytellers*, nos seus jornais de bordo, posso concluir que a *Master Classe* CONTAR MIMAR E SENTIR I foi a oficina que, pela liberdade, criatividade e prazer proporcionados, maior impacto e significado teve junto dos jovens contadores de histórias.

Depois do Amílcar Martins seguiram-se, como convidados do CIV, os contadores de histórias Rodolfo Castro, Elisa Vilaça e Tim Bowley. De todos eles, os CIV *Young Storytellers* observaram com atenção e comentaram as técnicas, posteriormente apontadas nos seus jornais de bordo. Do Rodolfo de Castro salientam-se as observações feitas acerca das vocalizações e expressão corporal assim como do tema da morte, muito presente nos contos do *pior contador do mundo*²¹. Deixou-os impressionados, pela violência nelas contidas, as versões originais de alguns contos de fadas que Rodolfo Castro trouxe para partilhar. Da Elisa Vilaça, salientam-se as observações feitas acerca das técnicas criativas para a improvisação de histórias. Tendo os jovens, num primeiro momento, sido desafiados pela Elisa a participarem numa oficina de escrita criativa, ficaram, posteriormente, impressionados com a sua própria fluidez ao criarem uma história através de pequenos objetos que, aleatoriamente, iam retirando do avental mágico da Elisa Vilaça. Do Tim Bowley, encantou-os as histórias que ele trazia para contar. O Tim Bowley trouxe, para partilhar com os jovens do CIV, uma fantástica recolha de contos do mundo, que muito maravilhou e inspirou os jovens contadores. Sentado em frente aos jovens contadores, o Tim Bowley manteve-os cativos da magia da palavra por cerca de duas horas. Os jovens contadores de histórias estavam preparados para que a sua compreensão de um texto fosse medida pela habilidade em recontarem os pontos mais importantes da história que tinham acabado de ouvir. Como resultado deste prática a recontação de uma história torna-se uma competência de grande importância para os

²¹ Assim se apresentou Rodolfo de Castro aos CIV *Young Storytellers*.

jovens estudantes. Penso que por esta razão, em vários dos jornais de bordo, os jovens recontaram por palavras suas as histórias escutadas ao Tim Bowley. Este gesto iria fazer com que os jovens quisessem, em encontros posteriores, partilhar alguns dos contos que tinham ouvido a Tim Bowley. Espontaneamente, no final da sessão, alguns dos CIV *Young Storytellers* pediram a Tim Bowley que escutasse a jovem contadora espanhola, Marta Vasquez, a contar uma lenda do Algarve. Assistimos a um momento mágico de partilha em que pudemos observar o Tim Bowley, deliciado, a escutar a Marta a contar-lhe a *Lenda do Bolo Branco*²².



**Foto 21 – Amílcar, Marta, Catarina e Beatriz
na *Master Class* CONTAR MIMAR E SENTIR I**

²² A Lenda do Bolo Branco é uma lenda da cidade de Silves, no Algarve.

4.3.3.2. 2º Momento – Tertúlia de Contadores das Histórias da Ajudaris no SPGL

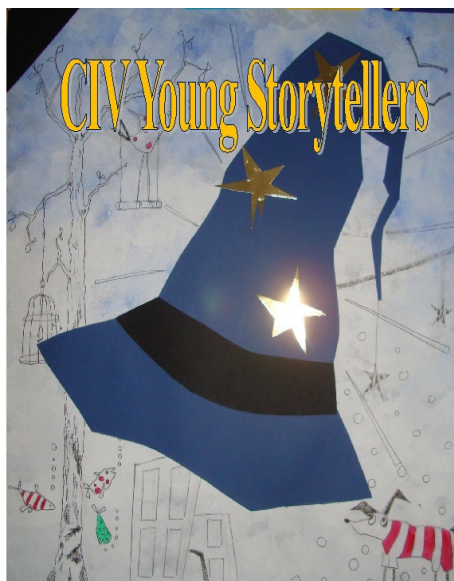


Foto 22 – Chapéu símbolo dos CIV *Young Storytellers*

O dia 19 de fevereiro de 2011 marca a primeira atividade no exterior dos CIV *Young Storytellers*, como grupo. Os jovens contadores tinham sido convidados a participar na *Tertúlia de Contadores das Histórias da Ajudaris*, no SPGL²³. Apesar do nervosismo inicial os CIV *Young Storytellers*, contando, cantando e dramatizando partilharam histórias e sentimentos, surpreendendo com a espontaneidade demonstrada. Utilizando as suas Caixas com Alma os jovens contadores contaram, em pequenos grupos, várias das histórias do livro *Histórias da Ajudaris 2009 e 2010* e ainda, usando o Carrinho Contador pudemos assistir à improvisação de outras tantas histórias.

Os jovens contadores sabiam que grande parte da audiência desse dia seria composta por MAE professores e MAE estudantes meus colegas. Sabiam também que todos, jovens e adultos, levariam para partilhar histórias do mesmo livro, *Histórias da Ajudaris 2010*. Embora se sentissem um pouco ansiosos por, pela primeira vez, irem contar histórias a um público adulto e fora da escola, tinham grande vontade de partilha e muita curiosidade em escutar outros contadores de histórias. Esta atividade

²³ SPGL – Sindicato dos Professores da Grande Lisboa

por proporcionar a oportunidade dos jovens contarem histórias, cooperativamente, a outros jovens e adultos ofereceu um contexto social único.

Ainda neste mesmo dia, os CIV *Young Storytellers* participaram na *vernissage* da *Exposição das Ilustrações do Livro Histórias da Ajudaris 2010*, e foi pela mão do atencioso presidente do SPGL, Professor António Avelãs, que receberam o seu 1º Certificado de Participação num evento desta natureza. Já agitados com a aproximação da hora de regresso ao CIV os *Young Storytellers* foram ainda surpreendidos com o carinho do Professor Carlos Castilho Pais, do Departamento de Cultura do SPGL, que para eles tinha preparado um lanche coroado com bolo de chocolate.

No final da sessão, vários dos MAE colegas, espontaneamente, dirigiram-se aos jovens contadores para os felicitar e encorajar. Também de encorajamento foram as palavras pronunciadas pelos Professores António Avelãs e Carlos Castilho Pais, durante a entrega dos certificados de participação. As palavras de encorajamento de todos tornaram-se assim motor de um desejo crescente de contar.



Foto 23 – Miguel e Tomás improvisando uma história no SPGL

4.3.3.3. 3º Momento – A Viagem do Artenauta - Contadores de Histórias e Criatividade



Desenho 12 – ArteNauta Limiano (*Contar a Tradição, Inovando...*)

Eram 08h:00 em ponto do dia 17 de outubro de 2011 quando os CIV *Young Storytellers* acompanhados por mim e pela minha colega Conceição Gomes, partiram do CIV rumo a Ponte de Lima. Era grande a expectativa dos jovens contadores do CIV nesta *Viagem do ArteNauta – Contadores de Histórias e Criatividade*.

O aliciente convite tinha-nos sido dirigido, algum tempo antes, pelo Amílcar Martins. Pedia-nos ele a nossa *participação ativa naquele espaço-tempo de experimentação e tateamento, de trocas e de fruição, de enriquecimento individual e coletivo...* (email recebido em julho de 2011). Dizia-nos ele ainda que poderíamos utilizar, na contação de histórias, a forma de expressão que nos fosse mais inspiradora: a palavra, o drama, o teatro, a dança, a música, as caixas com alma, o carrinho contador, as sombras chinesas e outros objetos mágicos. Aceitámos o convite com entusiasmo e preparámo-nos para levar um reportório de histórias já mais alargado. Para além de uma novíssima *Caixa com Alma* para a contação de mais uma história da Ajudaris, agora do livro de 2011, levámos o *Carrinho Contador* para a improvisação de histórias, o Teatro de Sombras Chinesas e, ainda, histórias escolhidas pelos CIV *Young Storytellers* para partilharem na biblioteca.

Pelas 16h:00 do mesmo dia, depois de termos feito um pequeno percurso a pé e de nos termos deixado encantar pela lindíssima vila, demos entrada na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, onde fomos recebidos pela MAE Catarina Lima, coordenadora do CLA da UAb de Ponte de Lima. Cerca das 18h:00 participámos na inauguração de duas exposições que ficariam patentes, por algum tempo, na biblioteca. A exposição *A Viagem do ArteNauta* e a *Exposição das Ilustrações do Livro Histórias da Ajudaris 2010*.

Depois de uma animada noite passada na Pousada da Juventude de Ponte de Lima os jovens contadores do CIV apresentaram-se, logo pelas 10h:00 da manhã do dia 18, na Biblioteca de Ponte de Lima para uma sessão de contadores de histórias. A zona do conto na sala infantil da biblioteca estava já preparada. É um espaço muito acolhedor e cheio das cores das capas dos livros para a infância, espaço que se foi enchendo da alegria das meninas e meninos das escolas de Ponte de Lima. O *storyteller* Tomás abriu a sessão apresentando os colegas contadores de histórias. Seguiram-se a Daphne, a Lara e a Mafalda que juntas contaram a história *O Palácio de Nevoeiro*, história contada com uma caixinha com alma. Depois foi a vez da Cláudia, da Mariana e da Matilde contarem a história *A Árvore Generosa* em sombras chinesas. A Maria contou a história *A Sara tem um grande coração* e a Laura a história *A Semente*, conto escutado a Tim Bowley. Entre aplausos e insistências dos mais pequeninos a Cláudia teve de voltar para contar mais uma história do livro *Histórias da Ajudaris 2011*. Estas últimas três histórias marcam um momento crucial deste projeto. Pela primeira vez estas tres jovens contadoras libertam-se dos objetos indutores e partem à descoberta da expressão corporal e do contacto direto com o olhar da audiência.

Fora do recinto da Biblioteca, no largo da Picota, os CIV *Young Storytellers* Tomás, Miguel, Rafael e Stefan, orientados pelo Amílcar Martins, animaram com grande sucesso, através de técnicas de improvisação de histórias, um largo grupo de jovens da Escola Secundária de Ponte de Lima.

Depois de um almoço cheio de apetite no acolhedor restaurante *Katekero*, os CIV *Young Storytellers* voltaram à Biblioteca de Ponte de Lima, desta vez para orientarem

três oficinas. Duas delas no interior da biblioteca, a *Oficina de Construção de Objetos Mágicos* e a *Oficina de Construção de Sombras Chinesas* e uma no exterior, a *Oficina de Improvisação de Histórias*.

Ainda no dia 18, ao início da noite, os CIV *Young Storytellers* participaram de uma tertúlia de contadores – *Histórias de Vida e da Terra, Poesia e Lendas*, na bonita *Mercearia da Vila*. Foi o Tomás Santos que, superando a intimidante presença de algumas personalidades de Ponte de Lima, se apresentou para contar uma das lendas mais carismáticas de Ponte de Lima – *A Lenda As Unhas do Diabo*²⁴. Era visível o cansasso dos CIV *Young Storytellers* quando, já tarde nessa noite, regressámos à pousada da juventude.

A quarta-feira, 19 de outubro, acordou radiante e os jovens contadores do CIV sorriram para mais um dia de contação de histórias, desta vez do outro lado do rio do esquecimento, no Festival Internacional de Jardins. Depois de mais uma manhã repleta de atividades e *Histórias com Flores*, fez-se hora de regressar. Foi com pesar que todos nos despedimos da lindíssima vila de Ponte de Lima mas foi com grande satisfação que os CIV *Young Storytellers* receberam, das mãos do Amílcar Martins, os seus certificados de participação neste maravilhoso evento.

Esta experiência educativa, cultural e artística vivida pelos CIV *Young Storytellers* em Ponte de Lima – Terra Rica da Humanidade, foi muito para além da sua participação intensa em todas as atividades previstas no programa: contação de histórias a crianças e jovens na Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, orientação de oficinas de construção de *objetos mágicos* para a contação de histórias e participação ativa na Tertúlia de Contadores na Mercearia da Vila e no Festival Internacional de Jardins. A apreensão criativa de cada um dos momentos deixou ainda tempo para auscultar a vila de Ponte de Lima e as gentes locais, auscultação esta que se viria a refletir numa outra atividade que se lhe seguiria, a criação da história PEITO ESTALA BATE.

²⁴ Mini-vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AguKoJlIDos>

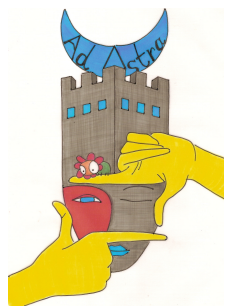


Foto 24 – Daphne, Mafalda e Lara contando uma história na Biblioteca de Ponte de Lima



Foto 25 – Amílcar e Tomás improvisando histórias com os jovens de Ponte de Lima

4.3.3.4. 4º Momento – Seminário Cineasta *Oppidum*



**Desenho 13 – ArteNauta
Cineasta *Oppidum Ad Astra***



**Desenho 14 – Mandala Cineasta
Oppidum, de Margarida Videira**

O Seminário *Cineasta Oppidum*, realizado dias 4, 5 e 6 de maio de 2012 na Vila de Óbidos, foi o último evento em que os CIV *Young Storytellers* participaram. Este encontro, organizado numa parceria entre os Professores Amílcar Martins e Maria do Céu Marques, ambos professores do MAE, da Universidade Aberta, o Professor António Valente da Universidade de Aveiro, o Município de Óbidos e a Livraria Histórias com Bicho, integrou-se na programação do *Maio Criativo* do Município de Óbidos.

A atividade do seminário *Cineasta Oppidum* decorreu centrada no processo criativo da produção, montagem e apreciação de narrativas vídeo-cinematográficas. Os jovens contadores do CIV participaram ativamente e criativamente neste encontro que teve características de experimentação, fabrico e criação de “curtas” em trabalho de equipas.



Foto 26 – Mariana, Cláudia e Matilde sob orientação do cineasta António Valente, diretor do Festival Internacional de Cinema de Avanca



Foto 27 – Matilde, Mariana e Cláudia declamando poemas de Tim Burton, no Convento das Gaeiras, Óbidos
(Foto gentilmente cedida por Manuel Moreira Azevedo)

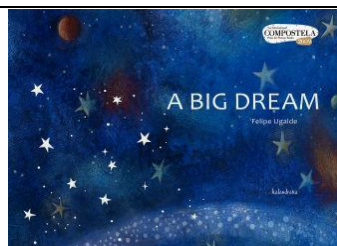
Ainda em Óbidos, os CIV *Young Storytellers* assistiram, no espaço EPIC – *Espaço de Promoção da Inovação e Criatividade*, à *Mostra de Cinema de Animação* e participaram no atelier *A Luz Sem Fronteiras*. Estava também programada uma visita à Livraria *Histórias com Bicho*, onde os jovens contadores se detiveram com tempo, escolhendo os livros que mais gostariam de trazer para a sua biblioteca. Sentados no confortável sofá e pelos lugares que encontraram disponíveis, os CIV *Young Storytellers* consultaram livro após livro, admiraram as ilustrações e leram as histórias procurando, cada um, aquela que mais prazer lhe desse no ato de contar. No final, os jovens contadores trouxeram uma belíssima coleção de cerca de 25 livros infanto-juvenis que enriqueceram a sua pequena biblioteca do *Secret Room*. A aquisição destes livros teve ainda o significado acrescido de terem sido adquiridos com a quantia 380 € realizados pelos jovens contadores, através da venda de *gaufres* aos colegas do CIV. *Gaufres* por eles confeccionados em banca montada e desmontada durante os intervalos das aulas.

No dia 5 de maio e em noite de lua cheia, na lindíssima igreja do Convento das Gaeiras em Óbidos, os CIV *Young Storytellers* participaram, juntamente com o Coro Coral Nascente dirigido pelo MAE Maestro Luizinho Leal, num *Serão de Contos ao Luar*. Para partilharem com os outros jovens e adultos presentes levaram um programa de 13 contos, por eles selecionados, a que deram o nome de *Contos do Mundo*.

O *Serão de Contos ao Luar*, organizado em parceria com a *Livraria Histórias com Bicho*, ficou fortemente marcado por um imprevisto. Embora os jovens contadores já tivessem, por várias vezes, contado histórias para audiências compostas por crianças, jovens e adultos mostravam-se, desta vez, extremamente intimidados.

No *Serão de Contos ao Luar* era *Maître de Cérémonies* o Amílcar Martins, a quem confidenciei o sentir dos CIV *Young Storytellers*. Tendo demorado um pouco mais nas apresentações o Amílcar Martins deu o tempo que os jovens contadores precisavam para respirarem fundo, organizarem-se entre eles e decidirem a ordem em que queriam contar, quem formaria os pares e as histórias que tinham trazido para partilhar. No final do serão uma das jovens contadoras, a Lara, veio confidenciar-me que *nunca tinha estado tão nervosa antes de uma atuação, mas que uma vez em cima do palco e concentrando-se na história que queria contar, todo o nervoso tinha desaparecido*.

O que teria deixado os CIV *Young Storytellers* tão intimidados? É uma das questões sobre a qual farei uma pequena reflexão no capítulo V – Retroação e Avaliação do projeto.



ATIVIDADE IV

THE SECRET ROOM

SINOPSE: Cheios de energia criativa os CIV *Young Storytellers* meteram mãos à obra e recuperaram uma pequena sala de arrumos que, albergando todo o seu tesouro, se transformou num laboratório de ideias.

PARTICIPANTES: CIV *Young Storytellers* e Teresa Alexandrino

TEMPO: Outubro e novembro de 2011.

OBJETIVOS:

- Criar no CIV um espaço para erguer um repositório aberto, onde os contadores de histórias possam guardar e viver todos os seus livros e objetos performáticos.
- Dinamizar o *Secret Room* enquanto um laboratório de ideias.

MATERIAIS:

- Sala.
- Estante, mesa, cadeiras, sofá, tapetes e almofadas.
- Livros (até maio de 2012 este repositório aberto conta já comlivros).
- Material para a criação de histórias (jogos de cartas com imagens, brinquedos, máscaras, objetos sono-musicais, fotografias e outras memórias).
- Objetos performáticos criados pelos CIV *Young Storytellers* (Caixas com Alma, Teatrinho de Marionetas, Teatrinho de Sombras Chinesas, Carrinho Contador, Guarda-Histórias e Caixas-Tesouro)

AValiação: A motivação interna demonstrada pelos CIV *Young Storytellers* durante esta atividade, a cooperação e a empatia entre todos veio reforçar o forte sentido de pertença a um grupo. A criação deste espaço de liberdade foi fundamental para o desenvolvimento da sua criatividade.

4.3.4. Atividade IV – *The Secret Room*

No início do ano letivo de 2011/2012 os CIV *Young Storytellers* contavam já com um largo acervo de material que se encontrava disperso pelas salas do CIV. Este acervo era composto por todos os objetos mágicos por eles construídos, tais como as caixas com alma, os teatrinhos de marionetas e de sombras chinesas, e ainda oferendas de amigos e aquisições várias feitas durante os dois últimos anos, tais como livros, objetos sonoros, máscaras, *guarda-histórias e caixas-tesouro*. Urgia um espaço onde os jovens pudessem guardar e viver todo o seu tesouro.

Dada a autorização para desimpedirmos uma salinha de arrumos, deitámos mãos à obra. Varreu-se, limpou-se, desencantou-se um belíssimo sofá de três lugares, pediu-se uma estante que já não fazia falta na sala de literatura inglesa, devolveu-se à vida uma velha mesinha e 12 cadeirinhas de madeira que já tinham sentado alguns dos CIV *Young Storytellers* no Jardim Infantil e, colocaram-se nas paredes cartazes, desenhos e fotografias de viagens já vividas. De casa trouxeram-se tapetes de retalhos e almofadas coloridas. Tudo se fez no maior segredo, durante os intervalos e nos finais de dia. Era grande o entusiasmo dos jovens contadores que ansiavam por surpreender pais e professores com uma inauguração do *Secret Room*, marcada para a manhã do dia 26 de novembro, durante a realização da *Christmas Fair*²⁵.

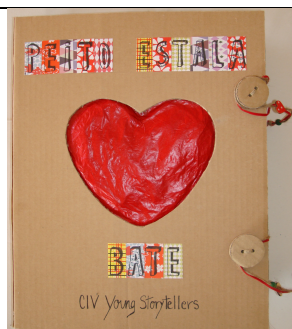
Distribuíram-se convites por toda a comunidade CIV e, dia 26 de novembro pelas 10h 30, durante a *Christmas Fair*, como em ritual de passagem, a *Young Storyteller* Daphne apresentou, pousada sobre o livro *A Big Dream* de Felipe Ugalde, a tesoura com que o Amílcar Martins cortaria a fita vermelha que haveria de abrir ao mundo a porta do *Secret Room*.

Desde a sua criação o *Secret Room* tem sido um laboratório de ideias, onde imaginamos, criamos, contamos, propomos histórias para partilhar e partilhamos histórias.

²⁵ *Christmas Fair* - Feira de Natal, realizada anualmente e na qual participa toda a comunidade CIV. Esta atividade tem como finalidade a angariação de fundos para instituições locais.



Foto 28 – Mafalda, Daphne, Amílcar, Catarina, Miguel, Rafael e Lara, na inauguração do *Secret Room*



ATIVIDADE V

PEITO ESTALA BATE

Foto 29 – Capa do livro PEITO ESTALA BATE

SINOPSE: Respondendo ao desafio lançado pela Fundação Calouste Gulbenkian através do Concurso Pequeno Grande ©, os CIV *Young Storytellers* criaram PEITO ESTALA BATE, uma história na forma de um livro.

PARTICIPANTES: CIV *Young Storytellers* e Teresa Alexandrino

TEMPO: Aulas de *Art & Design* de outubro, novembro, dezembro de 2011 e fevereiro de 2012.

OBJETIVOS:

- Fazer um livro de autor
- Utilizar as linguagens das expressões escrita e plástica como meio de comunicação.
- Sensibilizar os jovens para a criatividade e criação artística.
- Partilhar de momentos de cumplicidade e de descoberta do outro e de si.

MATERIAIS:

- Livros da biblioteca do *Secret Room*.
- Fotografias, Programa e outras memórias de *A Viagem do ArteNauta*, *Contadores de Histórias e Criatividade*, Ponte de Lima.
- Cartão, cartolinas, papel de cenário e papéis estampados, lápis de cor, canetas de feltro, pastéis de óleo, tesouras e colas.

AVALIAÇÃO: A retroação elaborada pelos CIV *Young Storytellers* e que conduziu à construção coletiva da história PEITO ESTALA BATE reapropriou-se da experiência vivida pelos jovens contadores em Ponte de Lima. A criatividade constituiu o elo de ligação entre a realidade de uma vivência e a ficção e foi a energia suscetível de dar sentido à experiência vivida, pelo imenso prazer que proporcionou.

4.3.5. – Atividade V – PEITO ESTALA BATE

PEITO ESTALA BATE é uma história na forma de um livro da autoria dos CIV *Young Storytellers*. Este livro participou, em fevereiro de 2012, no Concurso Pequeno Grande ©, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian²⁶ em parceria com a AGE COP – Associação para a Gestão da Cópia Privada. A participação neste concurso concretizou-se através da criação de um Livro de Autor.

Nos dias 5, 12 e 19 de novembro de 2011 realizei, na Fundação Calouste Gulbenkian, respetivamente, as formações *Livro de Autor*, *Construção da Narrativa e Ilustração*. O contacto com outros professores participantes no projeto e todo o material disponibilizado pelos formadores foram fortes estimuladores da minha criatividade.

Apresentei o Projeto Pequeno Grande © aos CIV *Young Storytellers*, dia 11 de novembro. Foi grande o seu entusiasmo com a perspectiva de virem a ser autores de um livro. Depois de algum tempo dedicado à escolha da história a contar, os jovens decidiram que queriam contar a história da sua última viagem como contadores de histórias. Iriam, assim, escrever uma história inspirada na viagem de três dias que recentemente tínhamos realizado a Ponte de Lima, para participarmos no evento *A Viagem do ArteNauta – Contadores de Histórias Criatividade*.

Foi assim que partimos para uma grande aventura de cerca de quatro meses. A rota desta viagem tinha três etapas, a construção de uma narrativa, a sua ilustração e a construção do objeto livro.

A construção da narrativa foi iniciada através da retroação da viagem a Ponte de Lima, feita na forma de um Mapa Mental. No Mapa Mental avivavam-se memórias das pessoas que conhecemos, locais que visitámos, ações desenvolvidas e, colava-se um conjunto multicolorido de fotografias, desenhos e recordações. Para além do desenho deste mapa os jovens contadores estenderam, de parede a parede no *Secret*

²⁶ Ver <http://pequenograndec.org/o-que-e-o-pequeno-grande-c>

Room uma corda, qual estendal de roupa, onde penduraram programas, menús, cartazes e outras imagens. Depois, sugeri-lhes um jogo²⁷ baseado na estrutura do conto popular. Identificámos *funções*, tais como «a partida do herói», «a missão», «a aparição do antagonista», «o encontro com o doador», «os presentes mágicos», «as provas difíceis», «a vitória» e «o regresso». Familiarizados com a estrutura do conto popular, reenergizaram a retroação reapropriando-se da experiência e aliando a realidade de uma vivência à ficção. Ponte de Lima transformou-se em “Pontimá”, Amílcar Martins, *maître de cérémonies* do evento, transformou-se no “Mago Mamiucá”, personagem de grandes poderes mágicos. E, com grande entusiasmo e criatividade os jovens contadores continuaram (re)inventando gentes, locais, acontecimentos, (re)criando enredos, dilemas e segredos.

Concluída a narrativa, os jovens contadores dedicaram-se à pesquisa de uma técnica para a ilustração. Mais uma vez, entre almofadas e comodamente instalados no tapete do *Secret Room*, os jovens mergulharam nos seus álbuns ilustrados, procuravam inspiração. As preferências recaíram sobre a técnica de recorte e colagem, por duas fortes razões. Primeiro porque estavam encantados com as ilustrações do livro *A Nena e o Grilo*, com ilustrações de Iván Prieto. Segundo porque esta seria uma técnica que lhes permitiria trabalharem em simultâneo. Procuraram-se papéis estampados em revistas, junto dos familiares e amigos e deitaram-se as mãos à arte. Escolhendo padrões e cores todos os jovens se recortaram como personagens da história. Livres para criar, divertiram-se (re)inventando-se em indumentárias e penteados imaginados.

No campo da plástica, são muitas as vezes em que o mundo que nos rodeia se materializa em soluções. Foi o que nos aconteceu quando estávamos já próximo da data de entrega do livro e ainda nos faltava a última etapa desta viagem, que era a construção do livro objeto. Uma manhã, ao entramos no *Secret Room*, vimos o Sr. Norte a desmontar caixas de cartão que tinham servido de embalagens a equipamento, recentemente adquirido para o Jardim Infantil. Os cartões que, no interior das caixas, protegiam o material, eram já perfeitos *leporellos*²⁸. Tivemos só de lhes reduzir o tamanho e procurar, para o que viria a ser a capa, um cartão mais forte. A Ksenia

²⁷ Gramática da Fantasia de Rodari

²⁸ Leporellos são livros em harmônio

dedicou-se à construção de um grande coração vermelho em *papier machê* que foi, posteriormente, embutido na capa. Enquanto isso os colegas faziam uma maquete em papel de cenário de modo a estudarem a paginação, a selecionarem as imagens recortadas e a desenharem os cenários no cartão.

Inesperadamente, contámos ainda com a generosidade do MAE Luisinho Leal que, sabendo da criação do livro nos enviou, para incluirmos na história, a pauta da toada-canção PEITO ESTALA BATE.

O livro PEITO ESTALA BATE ficou concluído e foi enviado para a Fundação Calouste Gulbenkian no dia 17 de fevereiro de 2012. Desde esse dia os jovens contadores, através do sítio do Projeto Pequeno Grande © no facebook, tiveram oportunidade de seguirem as partilhas de todas as obras a concurso.



Foto 30 – Laura, João, Carolina, Daphne e Ksenia, construindo a narrativa do livro PEITO ESTALA BATE



Foto 31 – Mafalda, Lara e Ksenia, concebendo as ilustrações do livro PEITO ESTALA BATE



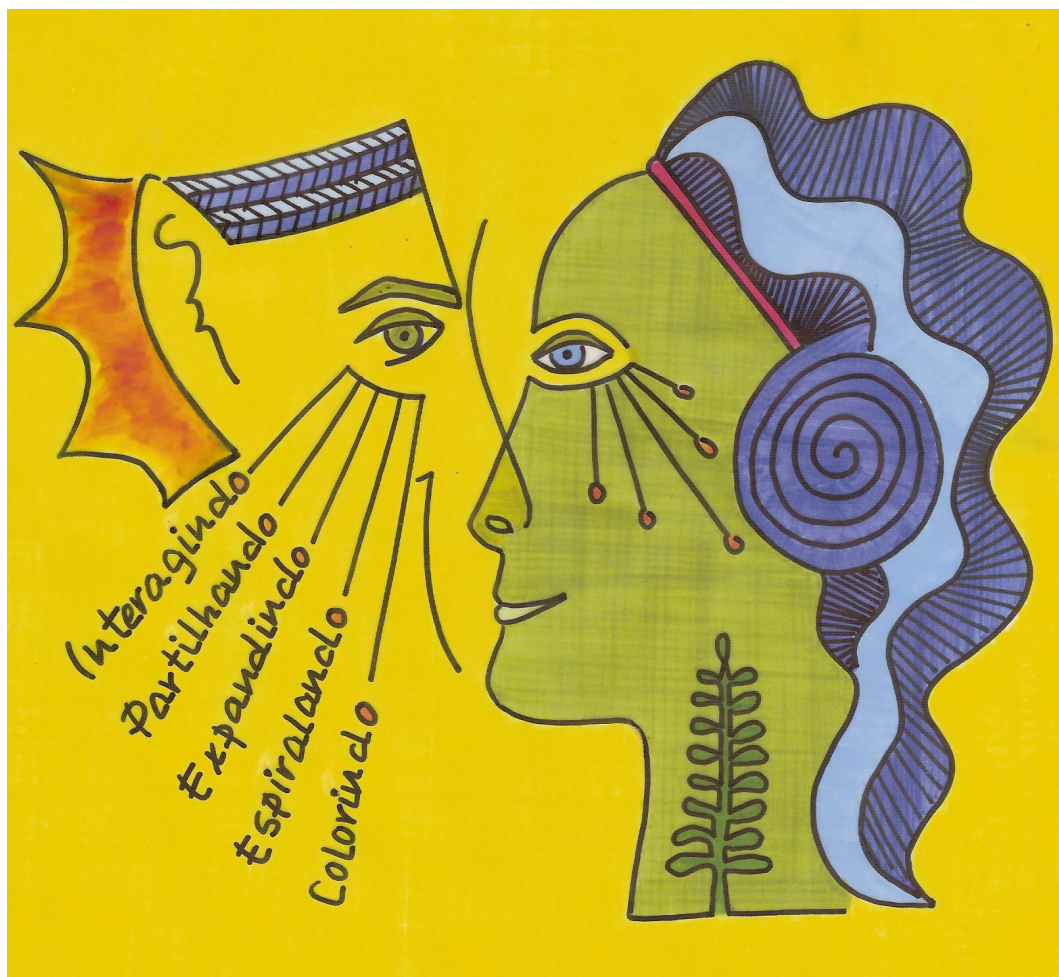
Foto 32 – Carolina e Natasha com o livro PEITO ESTALA BATE concluído

Resumo do capítulo

Foi particularmente intensa e envolvente a descrição deste capítulo. Podemos dizer que encontramos nele o epicentro do “fogo vulcânico da ação pedagógica e artística” desta Viagem de Encontro, a qual desenvolvemos em conjunto com os CIV *Young Storytellers*. A escolha que fizemos das atividades aqui desenvolvidas com detalhe, pretenderam que o leitor tivesse a possibilidade de sentir e apreciar a narrativa e os meandros desta contação, ela própria feita de histórias contadas, cruzadas, sempre imaginadas e criadas de forma original.

Esta foi, e continua sendo, uma experiência que flui com os seus fragmentos e os seus sinais na vivência dos CIV *Young Storytellers*, dos vários colaboradores de proximidade que viveram este fogo da ação pedagógica e artística de contar, preparar, construir, projetar, fruir... e voltar de novo a contar, experimentar, preparar, construir, projetar, fruir...

O capítulo seguinte procurará aproximar-se do impacto suscitado por um olhar retroativo de vários atores neste processo do projeto dos CIV *Young Storytellers*. Convido o leitor a seguir o próximo andamento da nossa narrativa.



Desenho 15: ArteNautas²⁹ Persas:
Se não respirarmos um no outro não pode haver jardim³⁰

CAPÍTULO V RETROAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROJETO

²⁹ ArteNauta = Arte-Viajante + Arte-Contador + Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Investigador.

³⁰ ArteNautas Persas: *Se não respirarmos um no outro não pode haver jardim*, representa a iconografia que criei para testemunhar a leitura que faço desta expressão do poeta, jurista e teólogo sufi persa do século XIII Rumi (1207-1273), da Pérsia, hoje Irão. Esta representação iconográfica associada à expressão de Rumi foi utilizada em vários contextos formativos e artísticos do MAE da UAb.

Introdução do Capítulo

Procurarei neste capítulo focar-me no processo de retroação, reflexão e avaliação, à luz das recomendações propostas por Martins (2002: 181-218). Para o autor este processo de auscultação e análise deverá ter lugar em momentos diversos das atividades desenvolvidas, cujos dados gerados deverão ser posteriormente recolhidos, organizados, cruzados e interpretados. Ora, foi sempre minha convicção que deveríamos envolver neste processo de retroação, reflexão e avaliação os diversos grupos gerados na dinâmica do projecto, tanto o que diz respeito mais diretamente aos CIV *Young Storytellers* (os fazedores do ato de acontecer do projecto), mas também aqueles que, de fora, tiveram a função de apreciar os resultados parcelares estético-artísticos e educativo-culturais que os diversos momentos proporcionaram.

Assim sendo, organizei este capítulo auscultando a diversidade dos grupos envolvidos no projecto dos CIV *Young Storytellers*.

5.1. Relevância e Participação do Projeto “CIV *Young Storytellers*”

Foi a investigadora Anne Bamford (2007) que na sua comunicação inaugural da Conferência Nacional de Educação Artística realizada na Casa da Música, no Porto, alerta para a importância dos indicadores de “relevância” e de participação” a serem apreendidos nas práticas de arte-educação e de educação artística. Para a autora, que se baseia num estudo internacional de carácter transversal de perto de 60 países (Bamford, 2006), importa identificar os impactos das práticas de arte-educação junto das populações envolvidas pelas experiências que são desenvolvidas. É, por isso, que decidimos filiar a recolha e auscultação das populações envolvidas no Projeto CIV *Young Storytellers*, através de dispositivos qualitativos, alguns deles de natureza mais espontânea com a fluidez das conversas e a sua imprevisibilidade, outros de carácter mais estruturado, previsível e documental. Umas e outras formas de recolha e auscultação tiveram as suas virtualidades próprias e ajudaram a dar maior inteireza à

leitura que pudemos produzir sobre os “impactos” do Projeto na sua vivência e aprendizagens. Escolhemos, naturalmente, a “voz” dos próprios CIV *Young Storytellers*, mas também a dos encarregados de educação, de professores do CIV e de outros observadores de proximidade da experiência, como foi o caso das auxiliares de educação. Como não poderia deixar de ser a minha própria visão expressa-se aqui, procurando dar nota das dinâmicas de ação desenvolvidas e da minha leitura sobre as aprendizagens essenciais que procurei elencar como linha conducente deste Projeto CIV *Young Storytellers*: a Viagem, a Liberdade, a Criatividade, o Prazer, o Tornar-se Pessoa.

5.1.1. Ao nível dos Sujeitos *Young Storytellers*

Quadro VI – Elementos da Retroação dos CIV *Young Storytellers*

Jornais de Bordo e Portfólios dos CIV <i>Young Storytellers</i>	
ATIVIDADE III – ABRIR-SE AO MUNDO	
1º Momento	Quem nos inspira?
Notas e Retroações	<p>Adorei realizar a oficina <i>CONTAR MIMAR E SENTIR</i> em conjunto com os rapazes e raparigas de Albufeira. (Catarina)</p> <p><i>He is the best storyteller I've ever known. I love his story A Semente and I tell it many times and I never forget it. / Ele é o melhor contador de histórias que eu já conheci. Adoro a sua história A Semente, conto-a muitas vezes e nunca a esqueço. (Laura, referindo-se a Tim Bowley)</i></p>
2º Momento	Tertúlia de Contadores de Histórias no SPGL
Notas e Retroações	<p><i>Wow! So much good art for a day. / Wow! Tanta arte de qualidade num só dia! (Carolina)</i></p> <p><i>It was my best school trip ever! / Foi a melhor viagem de sempre. (Carolina)</i></p> <p><i>As nossas viagens ajudam muito a conviver. (Beatriz e Catarina)</i></p> <p><i>Adoro as nossas viagens. (Lara e Catarina)</i></p>

<p>Notas e Retroações</p>	<p><i>Esta foi a primeira vez que contei histórias à frente de tanta gente desconhecida, mas como estava com os meus amigos até contei muito bem. (Daphne)</i></p> <p><i>Gostei muito de conhecer o grupo de meninas que contavam histórias a dançar. Afinal não somos só nós que contamos histórias. (Catarina)</i></p> <p><i>Gostei de ouvir o Paulo Renato a contar histórias da Ajudaris. Ele conta de uma maneira muito diferente da nossa. Faz muitas caras e ri e mexe muito as mãos. (Catarina)</i></p>
<p>3º Momento</p>	<p>A Viagem do ArteNauta: Contadores de Histórias e Criatividade, Ponte de Lima</p>
<p>Notas e Retroações</p>	<p><i>... we told stories in the library for little children and after lunch we did our own workshop, in which we taught them how to make Caixas com Alma which was very cool and great fun. / Contamos histórias na biblioteca aos mais pequeninos e depois do almoço orientamos um workshop, no qual os ensinamos a fazer as Caixas com Alma, o qual foi muito divertido. (Carolina)</i></p> <p><i>Me and my awesome friends told the story A Árvore Generosa using Chinese shadows at the Library, and the kids loved us! / Eu e as minhas fantásticas amigas contámos, na biblioteca, a história A Árvore Generosa em sombras chinesas, e as crianças adoraram-nos! (Cláudia)</i></p> <p><i>Ponte de Lima was basically one of the best experiences I ever had. / Ponte de Lima foi simplesmente uma das melhores experiências que eu já tive. (Natasha)</i></p> <p><i>I was a new storyteller and it was my first trip. I went to know other storytellers and new people. / Eu era uma contadora de histórias recém chegada ao grupo e esta foi a minha primeira viagem. Fui para conhecer outros contadores de histórias e pessoas novas. (Matilde)</i></p> <p><i>On day 2, in the morning, we went to the library again to do what we know best: storytelling. / No segundo dia, de manhã, fomos novamente à biblioteca para fazermos aquilo que melhor sabemos fazer: contar histórias. (Cláudia)</i></p> <p><i>At night we went to Tertúlia de Contadores at Mercearia da Vila. It was extraordinary to see the three generations of Rodrigues' telling their stories. / À noite fomos à Tertúlia de Contadores na Mercearia da Vila. Foi extraordinário ver as três gerações de Rodrigues contarem as suas histórias. (Matilde)</i></p>

	<p><i>Em Ponte de Lima visitámos a Livraria Histórias com Bicho. A livraria é maravilhosa! Descobri que em tempos tinha sido uma escola primária e isso ainda lhe traz mais magia.</i> (Matilde)</p>
<p>4º Momento</p>	<p>Seminário Cineasta Oppidum, Óbidos</p>
<p>Notas e Retroações da Sessão no Convento das Gaeiras + Realização e produção de uma curta cinematográfica</p>	<p><i>I loved Óbidos and the school trip was great fun. / Adoro Óbidos e a visita de estudo foi muito divertida.</i> (Vários)</p> <p><i>It was very hard work, but it was a lot of fun doing the film. / Foi muito trabalhoso mas também foi muito divertido realizar o filme.</i> (Carolina)</p> <p><i>My story was called 'O Pássaro de Fogo' and I was VERY nervous! / A minha história chamava-se o 'Pássaro de Fogo' e eu estava MUITO nervosa.</i> (Natasha)</p> <p><i>There was quite a lot of people, so I was very nervous, but we had a lot of fun.</i> (Lara) / Estava muita gente e por isso eu estava muito nervosa, mas divertimo-nos muito. (Lara)</p> <p><i>Não consegui contar a minha história na Igreja das Gaeiras. Estava tudo muito assustador.</i> (Daphne)</p> <p><i>Primeiro não queria contar a minha história pois estava muito nervosa. Mas depois quando vi as minhas amigas a contarem tão bem a sua história também quise contar a minha e até acho que contei muito bem. Toda a gente bateu muitas palmas.</i> (Lara)</p> <p><i>Adorei filmar e nunca me vou esquecer desta experiência.</i> (Cláudia)</p> <p><i>O Prof. António Valente ajudou-nos muito! Deu-nos dicas e emprestou-nos a câmara de filmar. Foi fantástico!</i> (Matilde e Mariana)</p> <p><i>Na carrinha, de regresso, nós as três não parávamos de cantar. Adoramos a viagem!</i> (Cláudia, Matilde e Mariana)</p> <p><i>No regresso a Prof. Teresa contou-nos duas histórias tão lindas que até fizeram a Matilde chorar.</i> (Cláudia)</p> <p><i>Chegámos a Vilamoura, apesar de querermos ficar em Óbidos. A viagem ficará para sempre nos nossos corações.</i> (Matilde)</p> <p><i>No terceiro dia só o nosso grupo é que apresentou o filme concluído. Adorei fazê-lo!</i> (Matilde)</p>

ATIVIDADE V – PEITO ESTALA BATE

Fazer um Livro de Autor

Notas e retroações

Das várias coisas magníficas que os CIV Young Storytellers fizeram, esta foi uma das mais giras. Demos asas à nossa imaginação para produzir este livro. Passámos muitas aulas a encontrar a história perfeita e também criámos os nossos próprios desenhos. (Carolina)

Making this book was quite hard work and took quite a long time but I really enjoyed it! / Fazer este livro foi muito trabalho e levou muito tempo, mas gostei muito de o fazer! (Natasha)

ATIVIDADE II ERA UMA VEZ...	1º Momento: Caixas com Alma	2º Momento: Quem quer uma História?	3º Momento: De onde vêm as histórias que queremos contar?
Viagem	<p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelo encontro com o livro <i>Histórias da Ajudaris</i></p> <p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelas histórias a contar</p> <p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelo prazer de experimentar ser outro</p>	<p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelo encontro com os outros</p> <p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelo criar de histórias de forma espontânea</p>	<p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelo encontro com os outros</p> <p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelo encontro com o livro inspirador (Contos do Mundo, Contos Populares Portugueses, Russos e Chineses e Contos e Lendas de África)</p> <p style="text-align: center;">Viagem proporcionada pelo livro como elo de ligação entre as culturas</p>
	<p style="text-align: center;">O prazer da partilha do livro <i>Histórias da Ajudaris</i> 10</p> <p style="text-align: center;">O prazer de pela 1º</p>		

Prazer	<p>vez contarem histórias aos pequeninos no Jardim Infantil</p> <p>O prazer proporcionado pelos pedidos de repetição das histórias, pela parte dos mais pequeninos</p> <p>O prazer do reconhecimento do seu esforço (educadoras e professores)</p> <p>Prazer das trocas entre gerações da rica experiência de contar histórias</p> <p>Prazer da cooperação entre os jovens contadores</p>	<p>Prazer proporcionado pelo ato de criar histórias</p> <p>O prazer demonstrado aquando de pedidos de repetição da atividade</p> <p>Prazer sentido por se verem apreciados</p> <p>Prazer aliado ao reconhecimento dos outros (professores, colegas e funcionários do CIV)</p> <p>Prazer de prender disfrutando do momento</p>	<p>Prazer proporcionado pelo apreciar das histórias de outros contadores</p>
Liberdade	<p>Liberdade aliada à recriação das Histórias da Ajudaris.</p> <p>Liberdade de poderem utilizar as línguas portuguesa, inglesa, francesa e espanhola</p> <p>Liberdade sentida por saberem contar uma história</p>	<p>Liberdade aliada à descoberta do <i>binómio fantástico</i> para a criação e histórias</p>	<p>Liberdade de tornarem suas as histórias escutadas</p>
Criatividade	<p>Criatividade na reinvenção das histórias a contar</p>	<p>Criatividade como resposta a um estímulo proposto</p>	<p>Criatividade na reinvenção das histórias a contar</p>
	<p>A alegria da partilha e de se sentirem pertença de um grupo</p>	<p>Aceitação das suas limitações e das dos outros (tanto no ato de improvisar um história</p>	<p>A empatia proporcionada pelo</p>

Tornar-se pessoa	O desenvolvimento pessoal e do grupo (superando medos e receios, com os outros)	como no momento de ter de o fazer para o outro) O desenvolvimento pessoal e do grupo (superando medos e receios, com os outros)	contar de histórias O desenvolvimento pessoal e do grupo (superando medos e receios, com os outros)
------------------	---	--	--

ATIVIDADE III ABRIR-SE AO MUNDO	1º Momento: Quem nos inspira?	2º Momento: Tertúlia de Contadores de Histórias no SPGL	3º Momento: A Viagem do ArteNauta: Contadores de Histórias e Criatividade, Ponte de Lima	4º Momento: Seminário Cineasta <i>Oppidum</i>, Óbidos
Viagem	<p>Viagem proporcionada pelo encontro com os outros</p> <p>Viagem pela voz dos contadores de histórias</p> <p>Viagem pelas histórias que os outros têm para contar</p>	<p>Viagem proporcionada pelo encontro com os outros</p> <p>Viagem pela arte de contar e escutar histórias</p>	<p>Viagem proporcionada pelo encontro com os outros</p> <p>A viagem como descoberta de Ponte de Lima, dos seus lugares, dos seus habitantes, das suas histórias</p> <p>A viagem como expressão de um sentimento de liberdade</p>	<p>Viagem proporcionada pelo encontro com os outros</p> <p>A viagem como descoberta da linda vila de Óbidos, seus lugares, seus habitantes e suas histórias</p> <p>Viagem pela arte de contar histórias, pela arte do cinema e pela literatura (Livraria histórias com Bicho)</p>

<p>Prazer</p>	<p>Prazer proporcionado pelo ludismo das oficinas (Amílcar Martins, Elisa Vilaça e Rudolfo de Castro)</p> <p>Prazer de se sentirem valorizados por interagirem com profissionais</p>	<p>Prazer de pela primeira vez dormirem juntos na Pousada de Juventude</p> <p>O prazer da partilha com os familiares do momento no SPGL (pais do João; pais e irmão da Inês...)</p> <p>O prazer proporcionado pelo reconhecimento do seu esforço (professores e audiência)</p>	<p>O prazer da partilha das noites dormidas juntos, das refeições tomadas juntos e das atividades desenvolvidas juntos.</p> <p>Prazer que proporcionou a partilha da construção das caixas com alma (oficinas) com outras crianças</p> <p>O prazer do encontro com outros jovens da Escola Secundária de Ponte de Lima</p> <p>O prazer de participar ativamente</p> <p>Prazer da apropriação de uma expressão livre e espontânea</p> <p>Prazer proporcionado pelo reconhecimento do seu esforço (audiência e professores)</p> <p>Prazer demonstrado através da repetida expressão “se pudesse faria tudo de novo”</p>	<p>O prazer da partilha das noites dormidas juntos, das refeições tomadas juntos e das atividades desenvolvidas juntos</p> <p>Prazer que proporcionou o intercâmbio entre gerações da rica experiência de realizar uma curta em equipa</p> <p>Prazer da participação ativa em oficinas (fabrico e criação de curtas e outras no <i>Epic centre</i>)</p> <p>Prazer proporcionado pelo reconhecimento do seu esforço (audiência e professores)</p> <p>Prazer demonstrado através da expressão “quem me dera ainda estar agora a começar a viagem”</p>
----------------------	--	--	---	---

<p>Liberdade</p>	<p>Liberdade de se apropriarem de uma forma de expressão livre e espontânea (oficina Contar, Mimar e Sentir)</p>	<p>Liberdade de aprenderem de forma “diferente”</p> <p>Liberdade de escolherem a forma de expressão em que querem comunicar (palavra, drama, dança, música)</p> <p>Liberdade aliada à recriação das Histórias da Ajudaris.</p> <p>Liberdade de utilizarem as línguas portuguesa, inglesa, francesa e espanhola</p> <p>A liberdade de brincarem com as histórias</p> <p>Liberdade de se autoavaliarem e avaliarem entre pares para a construção de um grupo que se quis sempre a crescer</p>	<p>Liberdade de decisão e escolha sobre as histórias a contarem</p> <p>Liberdade associada a aprendizagens que não são desenvolvidas na escola</p> <p>A liberdade de se relacionarem com outros jovens</p> <p>Liberdade associada à criatividade na apropriação de uma expressão livre e espontânea</p> <p>Liberdade de se transformarem em protagonistas e agentes da ação formativa desenvolvida</p> <p>Liberdade de se autoavaliarem e avaliarem entre pares para a construção de um grupo que se quis sempre a crescer</p>	<p>Liberdade de decisão e escolha sobre as histórias a contarem</p> <p>Liberdade de fazerem uso da sua criatividade no ato de contar</p> <p>Liberdade da partilha de sentimentos</p> <p>A liberdade de se autoavaliarem e avaliarem entre pares para a construção de um grupo que se quis sempre a crescer</p> <p>Liberdade de se transformarem em protagonistas e agentes da ação formativa desenvolvida</p>
-------------------------	--	---	--	---

<p>Criatividade</p>	<p>Criatividade proporcionada pela participação ativa em oficinas</p> <p>(Contar Mimar e Sentir com o Amílcar Martins e oficinas de escrita criativa e improvisação de histórias com a Elisa Vilaça)</p>	<p>Criatividade na improvisação de momentos nas histórias</p> <p>Criatividade na expressão facial e corporal (Inês e Tomás)</p>	<p>Criatividade associada à adaptação a novos dados (grande número de crianças para as oficinas e espaços curtos para o desenvolvimento das atividades)</p> <p>Criatividade associada à improvisação de histórias</p> <p>Criatividade demonstrada através da crescente liberdade de contar</p> <p>Criatividade demonstrada por alguns jovens contadores de histórias através da crescente liberdade de contar (aumento de expressão linguística e corporal)</p>	<p>Participação ativa e criativa no encontro (realização de curtas e contação de histórias)</p> <p>Criatividade demonstrada por alguns jovens contadores através da crescente liberdade de contar (aumento da expressão linguística e corporal)</p>
<p>Criatividade</p>				

<p>Tornar-se Pessoa</p>	<p>As oficinas como forma de os jovens se ajudaram a tomar consciência de si e dos outros, assim como das suas potencialidades</p>	<p>A viagem foi percebida como um caminho para o seu crescimento como contadores de histórias, ou seja viram sentido nela.</p> <p>A motivação como força impulsionadora do projeto</p>	<p>Experiencia que proporcionou um grande enriquecimento pessoal e coletivo aos jovens contadores</p> <p>Os jovens contadores tinham os seus sentidos a operar no máximo. Sentiam-se vivos! Os jovens foram vivenciadores de experimentação lúdica, criadores de cultura</p> <p>Grande envolvimento pessoal e de grupo dos jovens contadores, com forte empatia e intuição</p> <p>A liberdade e a criatividade associadas a uma forma “diferente” de aprender</p>	<p>Oportunidade para melhor se conhecerem (o que conseguem e não conseguem fazer)</p> <p>Grande envolvimento pessoal, empatia e intuição dos jovens contadores de histórias</p> <p>A liberdade e a criatividade associadas a uma forma “diferente” de aprender</p> <p>Os jovens foram vivenciadores de experimentação lúdica, criadores de cultura</p>
--------------------------------	--	--	---	--

<p>ATIVIDADE IV</p> <p><i>THE SECRET ROOM</i></p>	<p>Momento: Criar um Espaço</p>
<p>Viagem</p>	<p>Viagem com os outros na transformação de um espaço</p>
<p>Prazer</p>	<p>Prazer de chamar seu a um espaço que transformaram com esforço</p>

Liberdade	Liberdade de criar (viagens, histórias, amizades) num espaço que lhes pertence
Criatividade	Criação de um espaço de liberdade fundamental para o desenvolvimento da sua criatividade
Tornar-se Pessoa	Motivação interna, cooperação e empatia entre todos Reforço do sentido de pertença a um grupo

ATIVIDADE V PEITO ESTALA BATE	Momento: Fazer um livro de autor
Viagem	Viagem pela retroação das experiências em Ponte de Lima
Prazer	O prazer aliado à liberdade de brincar com a realidade ficcionando-a O prazer de construir coletivamente um livro de autor
Liberdade	Liberdade de brincar com a realidade, transformando-a e recreando-a
Criatividade	A criatividade surgindo da apropriação da experiência vivida pelos jovens contadores em Ponte de Lima e a sua posterior transformação em conto ficcional
Tornar-se Pessoa	A criatividade como elo de ligação entre a realidade de uma experiência vivida, e a ficção foi a energia suscetível de dar sentido à experiência, pelo imenso prazer que proporcionou.

A retroação, a reflexão e a avaliação constituíram, e constituem ainda, componentes essenciais desenvolvidas ao longo de todo o projeto. Neste sentido, posso dizer que a regularidade e a continuidade estiveram e estão presentes como fluxo integrante da prática pedagógica implementada ao longo do projeto. Ou seja, pretendo que a retroação, a reflexão e a avaliação a elaborar pelos CIV *Young Storytellers* constitua o modo de auscultação permanente que me permita ajustar, indicar, infletir, enriquecer e iluminar o caminho já seguido e o devir. Para isso elegi como indicadores desta auscultação sobre os níveis de pertinência, de fecundidade e de validade que os Sujeitos da Aprendizagem (os CIV *Young Storytellers*) atribuem à sua experiência, ou

seja, essencialmente à sua vivência na ótica das suas Aprendizagens.

Disse antes que o projeto deveria significar uma viagem educativa, cultural e artística capaz de gerar uma multiplicidade de aprendizagens.

Pois será o momento de me perguntar, enquanto dados extraídos dos vários momentos continuados do projecto, através de conversas espontâneas e/ou apoiadas pela criação de mapas mentais, tendo em vista a explicitação e a partilha de sentimentos, emoções, reflexões sobre a dinâmica de aprendizagens desenvolvidas, de questionários específicos individuais, de diários de bordo individuais ou de portfólios individuais:

– **Quais foram as aprendizagens que os Sujeitos CIV *Young Storytellers* obtiveram?**

A auscultação e leitura do cruzamento que fazemos sobre a multiplicidade dos vários traços e registos elaborados pelos jovens contadores, evidenciam as seguintes aprendizagens que, em síntese, aqui condenso:

No que diz respeito ao sentido da viagem, ela foi uma constante. O sentido da viagem alimentou o que de mais desafiador e profundo inventámos como método e ação indutora do ato visível ou mais recôndito de aprender. A viagem permitiu-nos cartografar uma trajetória vivida nas suas três fases de um autêntico ritual de passagem:

a fase pré-liminar da viagem – como ativação do desejo na direção dos espaços novos, ou revisitados, e as populações outras a quem nos dirigimos e com quem atuámos;

a fase liminar da viagem – que coloca o epicentro numa ecologia do lugar e das pessoas;

a fase pós-liminar da viagem – que valoriza o regresso a casa e a mobilização *pós-facto* dos recursos capturados e angariados, a memória desses registos e os processos de retroação como fonte de aprendizagens.

No que toca à dimensão da **Liberdade** ela conduziu a uma descoberta, a um *élan* apelativo de exploração constante, a uma intensa expansão dos territórios do eu, a um

querer mais mundo dentro de cada um(a). Pode-se dizer que há um arquétipo camoniano dentro de cada um(a) dos(as) CIV *Young Storytellers*: *O mundo todo abarco e nada aperto*. Luís de Camões, *in Os Lusíadas*.

Sobre a **Criatividade** é realçada por vários CIV *Young Storytellers* uma grande compreensão por este núcleo central do desenvolvimento pessoal, social e artístico-cultural. A criatividade amplia o mundo existente, ilumina-o, dá-lhe sentido, traz para ele o mundo que não existia antes. O exercício da criatividade esteve sempre à mercê das experiências a realizar, quer individualmente, quer na dinâmica intrínseca do grupo, quer ainda no seu relacionamento e adaptabilidade às pessoas que as viagens permitiram estar em contato. Criar é, afinal, acrescentar-se e expandir-se enquanto processo de ser, de estar, de se transformar.

O **Prazer** é sublinhado por todos os estudantes que este sentimento esteve presente nas diversas actividades. Como poderia ser de outro modo, se o prazer está intrinsecamente ligado ao desejo? E não será o desejo que traz consigo, a ele encavalitado, a vontade renascer para a vida?

Finalmente, haverá que conferir um realce especial à dimensão da PESSOA, a que Carl Rogers (1961) chamaria de TORNAR-SE PESSOA. Esta expressão pretende justamente atribuir-lhe o sentido da mudança, da transformação, do ser-se outro permanecendo sendo. O permanecer ser-se, sendo-se já outro, numa dialética possível quando às aprendizagens se atribuem, realmente sentidos, significados. A voz corpórea dos CIV *Young Storytellers* manifestou e partilhou este desenho e vivência sobre a “morada do ser” em vários momentos da nossa trajetória. Ora esta dimensão inscreve-se no conjunto das aprendizagens transversais e ao longo da vida propostas pela UNESCO: aprender a conhecer; aprender a saber; aprender a viver com os outros; aprender a ser. Aprender a criar, sim. Porque esta dinâmica de criação ecoa e ensina a ser Pessoa.

5.1.2. Ao nível de Educadores e Professores

Conversas com Educadoras e Professoras do CIV

Vê-se que os miudos gostam mesmo de contar histórias. (Maria da Luz)

Contaram muito bem as suas histórias da Ajudaris. Os pequeninos adoraram as caixinhas e elas deixaram-nos ver as caixinhas e pegarem nos bonequinhos. A técnica é muito interessante porque até os pequeninos conseguem contar as histórias com os bonequinhos. (Didier)

Vocês têm de vir ao Jardim Infantil mais vezes. As contadoras de histórias têm imenso cuidado com os pequeninos. Param as histórias, respondem às perguntas. Repetem as histórias. Correu mesmo muito bem. (Ana Luisa)

Da próxima vez vamos ouvir os CIV Young Storytellers à Biblioteca pois isto é um acontecimento e os pequeninos vão ficar todos contentes. (Maria da Luz)

Nota-se já uma grande diferença nos CIV Young Storytellers. Alguns deles estão mais livres e seguros. Outros ainda têm de trabalhar mais o aspeto do contacto visual com a audiência. Estão um pouco presos à história, sobretudo se é longa, e esquecem-se de olhar para as crianças que estão à sua frente. (Dina)

É muito interessante esta técnica de inventar histórias. Até me esta a dar algumas ideias para uma aula. (Selma)

Ao ouvi-los inventar histórias até parece que é fácil, mas depois quando quiz experimentar é que percebi que não é tão fácil assim. Fiquei muito impressionada com a maneira como eles inventam histórias tão facilmente. (Conceição)

Foi um momento muito emocionante ouvir a Marta a inventar uma história. Até me veio a lágrima ao olho. (Dina)

As crianças adoraram ouvir os CIV Young Storytellers a contar histórias. (James)

O Tomás é mesmo impressionante. É feito para isto! Tem uma facilidade de comunicação imensa. Interage e provoca a audiência, crianças e adultos. É um verdadeiro animador. (Dina)

Os testemunhos obtidos de Educadores e Professores evidenciam uma leitura atenta, a qual foi capaz de ler e apreciar, em vários momentos de atividades de contação de histórias pelos CIV *Young Storytellers*, o seu valor pedagógico, artístico e comunicacional.

Estes comentários tiveram o valor de apoio, de estímulo e de encorajamento de um percurso dos estudantes, bem como da sua capacidade, da sua competência, da sua atitude, do seu ludismo e à vontade para contarem histórias. É sublinhado o sentido da surpresa por inventarem histórias no momento “aqui e agora”. Afinal aproximando-se muito da prática de uma arte do momento, própria afinal dos saltimbancos, dos contadores de histórias, dos ArteNautas.

5.1.3. Ao nível dos Auxiliares de Educação

Conversas com os Auxiliares de Educação

Foi tão bonito professora. Eles contam tão bem... Fez-me lembrar a minha infância quando a minha avó me contava histórias.

Aquele carrinho com os bonequinhos é mesmo muito giro. Não imaginava que se podia inventar uma história assim. Até me apeteceu experimentar.

Da próxima vez também quero contar uma história. Sei muitas que a minha avó me contava.

Quando o meu filho era pequeno estava sempre a pedir-me uma história. Não sabia que contar histórias é tão importante.

Adorei ficar ali a ouvi-los contar histórias. Tem de fazer isto mais vezes professora.

É tão engraçado como eles contam histórias para dentro do saquinho. Também aqui levo uma para contar ao meu neto.

Gostava de os ir ouvir à biblioteca pois eles disseram-me que amanhã vão lá contar histórias. Vamos lá a ver se consigo...

As histórias de Natal que o Tomás inventou são muito lindas. Até me deu vontade de o abraçar.

Os depoimentos manifestados pelos Auxiliares de Educação, por norma atentos às práticas dos estudantes, são de imensa relevância nas suas apreciações. Eles evidenciam uma leitura atenta, capaz de apreciar e de fruir. Vários momentos de atividades de contação de histórias pelos CIV *Young Storytellers*, são partilhados em espaços interiores, nas salas, ou então em espaços do exterior e ao ar livre.

Estes comentários tiveram o valor de apoio, de estímulo e de encorajamento de um

percurso dos estudantes. É sublinhado o sentido da surpresa, dos afetos, das emoções, das relações de proximidade pela capacidade de desencadear uma arte do momento dos ArteNautas e Contadores CIV *Young Storytellers*.

5.1.4. Ao nível dos Encarregados de Educação

Conversas com os Encarregados de Educação dos CIV *Young Storytellers*

Estas atividades têm feito muito bem à Catarina. Está muito mais espontânea e opina sobre tudo. Já não é a menina envergonhada que era. (Mãe da Catarina)

O João dantes não gostava de participar nas visitas de estudo, mas desde que começou este projeto não quer perder uma. Tem-lhe feito muito bem. (Mãe do João)

A Daphne agora está várias vezes ao espelho a fazer caretas e exercícios de voz. Diz que tem de se preparar para as viagens onde irá contar histórias. (Mãe da Daphne)

Tenho pena de não ter oportunidade de vos ir ver em Ponte de Lima. Tenho muito interesse em saber o que fazem nestas viagens, pois os miudos ficam sempre muito excitados com a antecipação das viagens. (Mãe da Laura)

Desta vez que a atividade é em Silves vou lá estar para ouvir a Natasha a contar uma história. Ela prepara-se muito bem para estas viagens. (Mãe da Daphne)

Não sei o que é que a professor faz para eles quererem tanto ir nestas viagens? (Mãe da Laura)

Chegam sempre cansados destas viagens, mas muito contentes por terem conhecido outros lugares, outros jovens e artistas. (Mãe da Catarina)

Da próxima vez também quero ir. Isto deve ser muito bom, pois em casa a Carolina só fala da viagem. (Pai da Carolina)

É muito interessante a mudança nela. Agora está muito interessada por histórias e por contadores de histórias. Fala das diferentes técnicas de contar e dos exercícios que tem de fazer para melhorar a sua forma de contar. (Mãe da Catarina)

Chegam sempre muito satisfeitos destas viagens e cheios de vontade de ir a mais... (Mãe da Lara)

Nunca pensei que ela se interessasse tanto por histórias. Deve ser por causa das viagens... (Pai da Carolina)

Fico muito contente que ela goste de contar histórias, mas agora é melhor começar a concentrar-se mais nos estudos... (Pai da Carolina)

Os encarregados de educação centram-se naturalmente nos seus filhos, mas têm claramente a perceção que o valor do grupo e da dinâmica do conjunto é decisiva para o bem-estar e a forte motivação dos seus educandos. O valor pedagógico e formativo das viagens, associadas à preparação do ato de contar histórias é realçado. Mas há também a perceção sobre o valor fundacional do ato de contar, contagiando aspetos que consideram importantes, como o “estar bem na sua pele”, sem vergonha e um maior à vontade.

5.1.5. Ao nível da Comunidade Exterior (*Local, Regional, Nacional e Internacional*)

Conversas com a Comunidade Exterior ao CIV

Já se nota neles a preocupação com o corpo. É claro que nem todos conseguem a empatia que o Tomás tem com o público. Mas nota-se o esforço para o conseguirem.

A oficina com o Amílcar deve tê-los ajudado bastante. Alguns deles já conseguem projetar a voz e parecem mais à vontade.

É impressionante como conseguiste mobilizar um grupo tão grande de contadores de histórias.

Continuam a gostar de contar histórias? Não é muito vulgar os jovens desta idade gostarem de contar histórias.

O grupo da comunidade exterior ao CIV foi, de facto, muito variado nos perfis daqueles(as) que, de forma espontânea e livre de qualquer indagação *à priori* suportada por indicadores extrínsecos à apreensão de cada um(a), quiseram partilhar os seus sentimentos, as suas apreciações, os seus julgamentos. Estes breves excertos manifestam uma apreciação fortemente positiva, ligada ao fator surpresa, e até de encantamento, do ato de contar histórias.

5.2. Síntese da Retroação e Avaliação do Projeto *CIV Young Storytellers*

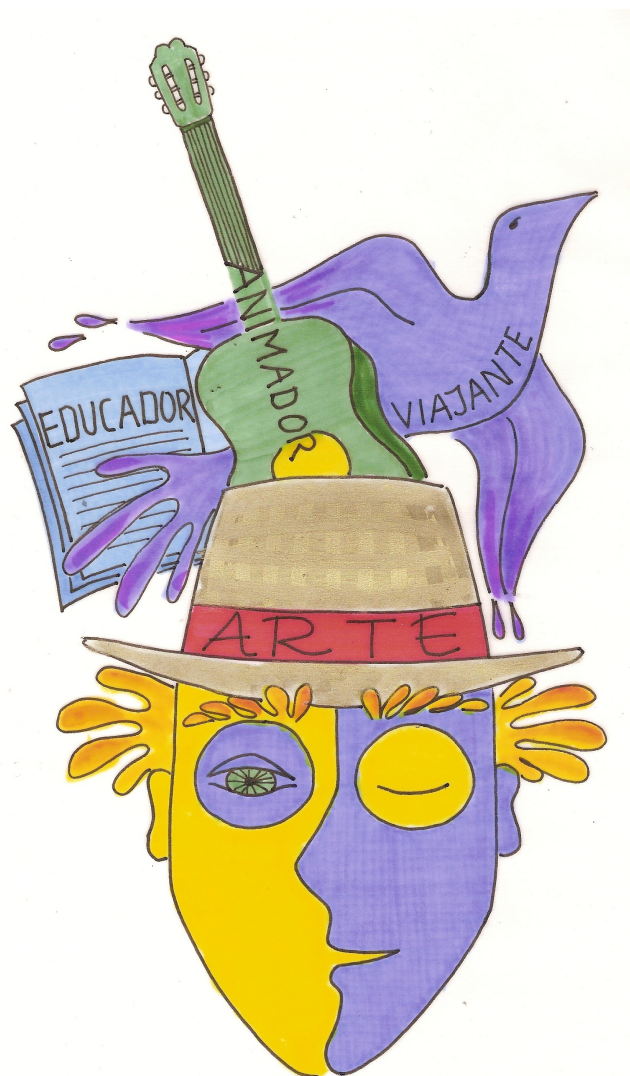
A retroação e auto-avaliação expressa pelos *CIV Young Storytellers*, à qual se adicionaram várias manifestações de outros grupos, confirmam os indicadores da

participação e da relevância realçados por Anne Bamford (2006 e 2007). A de que as experiências pedagógicas e artísticas desenvolvidas através do núcleo central que é o de contar de histórias, evidencia os enormes progressos desenvolvidos pelo grupo, e por cada um(a) individualmente.

Estes indicadores da participação e da relevância ganham uma expressão ainda mais significativa ao ampliarem as avenidas que elegemos como essenciais numa constelação estrelada de sentidos expansivos que alimentou este projeto: a Viagem; a Criatividade, a Liberdade, o Prazer, o Tornar-se Pessoa.

Resumo do capítulo

Percorremos as manifestações espontâneas, ou provocadas, sobre o projeto dos CIV *Young Storytellers*. Os depoimentos dos próprios sujeitos, bem como de outros grupos de proximidade manifestaram-se de forma generosa, encorajadora e mesmo encantada com o percurso, as formas utilizadas, a alegria de partilhas diferenciadas, mas convergentes nos seus dizeres tão estimulantes e encorajadores de uma prática de busca de sentidos e amplos significados para o desenvolvimento pessoal, social e artístico-cultural dos CIV *Young Storytellers*. Vamos procurar uma nova busca, a da interpretação e das conclusões deste estudo provisório de investigação-ação.



Desenho 16 – ArteNauta³¹ Educador, Animador e Viajante³²

CAPÍTULO VI INTERPRETAÇÃO E CONCLUSÕES

³¹ **ArteNauta** = Arte-Viajante + Arte-Animador + Arte-Educador + Arte-Curador + Arte-Investigador. (Amílcar Martins - ver notas anteriores nos separadores desta dissertação).

³² **ArteNauta Educador, Animador e Viajante** representa a iconografia que criei para sublinhar a leitura que faço desta trilogia especialmente inspiradora de uma cartografia de Aprendizagens, sempre em devir da vida e da renovação transformadora através das artes. Esta representação iconográfica associada à expressão de José Saramago “O final de uma viagem é sempre o princípio de outra”, foi utilizada em vários contextos formativos e artísticos do curso de Mestrado em Arte e Educação (MAE) da Universidade Aberta.

Chegámos a uma finalização parcial deste Projeto CIV *Young Storytellers*, apenas para efeitos desta dissertação no Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta. Dizemos finalização parcial, uma vez que um projeto desta natureza deixa marcas, impulsos, sinais indutores que importa prosseguir, aprofundar, enriquecer, divulgar, partilhar. De resto, esta é a minha convicção partilhada com Amílcar Martins. A de que valerá a pena erguerem-se projetos de ação-investigação numa instituição escolar, de modo a que a *práxis* e a reflexão emergente, sobre o processo e os resultados da Viagem de Aprendizagens, originadas pelos projetos intensamente vividos, nos conduza a uma cartografia emergente e inspiradora de sinais futurantes para o imediatamente presente na proximidade temporal, mas também para o devir necessariamente renovador e criativo. A vida é, afinal, um fluxo de renovação permanente e constante.

Nesta perspectiva podemos dizer que um projeto de investigação, sobretudo daqueles que mergulham e colhem os dados da sua narrativa pedagógica na conjugação do binómio processo-resultado, real-ficção, arte-ciência, tornar-se-ão pragmaticamente inovadores, se e quando, se partilham e se refletem sobre as *nuances* dos indicadores gerados através de uma real Viagem de Aprendizagens. Chegar-se ao fim neste caso trata-se, apenas, de uma finalização provisória do Projeto CIV *Young Storytellers*. Porque a Viagem de Aprendizagens continua.

É tempo de relembrar os guias orientadores desta pesquisa e procurar seguir o que, então, definimos como ciclorama e mapeamento cartográfico a imprimir nesta ação-investigação. Como seus focos geradores de ação estruturante e de pesquisa, definimos deste modo a questão principal:

Quais foram as aprendizagens desenvolvidas pelos CIV *Young Storytellers* através do projeto com o mesmo nome?

Formulámos o objetivo principal deste modo:

Descrever o processo de ligação pedagógica, didática e artística, através das vivências proporcionadas pelo Projeto CIV *Young*

Storytellers.

Para dar uma resposta ao objetivo principal comecei por expor o tipo de pesquisa e o desenho da metodologia qualitativa que desenvolvi, a qual correspondeu a uma abordagem teórico-concetual de fundamentação do percurso (Capítulo I), seguindo-se uma concertada abordagem empírica (Capítulos II, III, IV e V).

É possível considerar que tanto o enquadramento metodológico apresentado, bem como os instrumentos (modelo de Legendre interpretado por Martins, 2002, 2009), os recursos gerados na multiplicidade das suas formas expressivas, bem como a diversificada recolha de dados que pulsou de forma abundante ao longo do projeto, se revelaram de forma global e/ou mais fina, especialmente adequados às características da pesquisa.

Os objetivos mais específicos da pesquisa procuraram encontrar respostas através dos vários andamentos desta narrativa artística e pedagógica:

Fundamentar o Projeto CIV *Young Storytellers* na perspectiva das suas Aprendizagens. (Capítulo II)

Conceber atividades de carácter interdisciplinar, ligando as várias formas de expressão artística. (Capítulos III e IV)

Implementar atividades dirigidas aos jovens contadores de histórias. (Capítulo V)

Retroagir, refletir e avaliar o Projeto CIV *Young Storytellers*. (Capítulos V e VI).

Guiei-me neste projeto por uma constelação de conceitos-guia, os quais elencámos como ciclorama de fundo e linha de orientação pedagógica envolvente desta experiência formativa. Refiro-me à *Viagem*, à *Criatividade*, à *Liberdade*, ao *Prazer* e ao *Tornar-se Pessoa*.

Em todos estes conceitos pude sentir, apreender e fruir um crescendo muito significativo de aprendizagens dos CIV *Young Storytellers*. É esta dinâmica de valor criado e partilhado por todos(as) os(as) diretamente implicados nesta fantástica *Viagem*, que a tornou capaz de gerar uma

‘boa prática’ artística-cultural-educativa, assente numa pedagogia e didática minuciosamente fundamentada, planeada, implementada e avaliada. O devir desta Viagem dos CIV *Young Storytellers* deverá prosseguir na vida de cada um(a) deles(as).

Imaginámos uma pedagogia da arte, realizando um percurso de forma inter e transdisciplinar. Fizemo-lo ligando, encontrando pontes, fazendo convergir ideias, disciplinas e territórios abertos.

Quero continuar a participar neste processo no CIV, na escola, nos métodos utilizados, fazendo desta pedagogia um indutor da Alegria e da Inteligência Viva, da Criatividade e da Liberdade como forma de Ser e Estar, com o direito ao Prazer de Aprender para se Tornar Pessoa do Mundo, com Solidariedade, com Partilha, com Amor.

Finalmente, algumas recomendações:

(1) Recomendações para os CIV *Young Storytellers*:

- a. Continuar a aprofundar, através do exercício da experimentação, do estudo e da criação, o universo fabuloso da contação de histórias;
- b. Propor e implementar iniciativas com momentos de contação de histórias;
- c. Planear e partilhar eventos com atividades geradas através do projeto CIV *Young Storytellers*;
- d. Continuar a Viajar, a Criar, a Libertar-se, a buscar e sentir o Prazer de estarmos juntos, a Expressar, a Comunicar, a Imaginar e a Inventar, a Partilhar, a Superar e a Transcender.

(2) Recomendações para o CIV:

- a. Apoiar de forma ainda mais explícita o projeto CIV *Young Storytellers*;
- b. Atribuir um horário para a orientação das atividades geradas pelo projeto CIV *Young Storytellers*;
- c. Integrar os CIV *Young Storytellers* em manifestações internas e externas de expressão artística, de comunicação através da contação de histórias;
- d. Analisar a integração progressiva da contação de histórias, ligando-a à

possibilidade de renovação do projeto do CIV, tendo presente este contributo do valor da magia da palavra corpórea, enquanto dinâmica comunicacional e metodologia de intervenção pedagógica (cf intenção e desejo manifestados por Renato Costa, diretor do CIV até 2011.

(3) Recomendações para outras Escolas:

- a. Fomentar a criação de grupos de crianças e jovens contadores de histórias.

(4) Recomendações de Amílcar Martins e Teresa Alexandrino para a Investigação:

- a. Prosseguir a trajetória da pesquisa, centrando-a na abordagem de ação-investigação, baseando-a no epicentro de uma prática pedagógica e artística, linguística e cultural criadora, desenhando-a numa ótica de intervenção inter e transdisciplinar;
- b. Produzir materiais pedagógico-didáticos apelativos, estimulantes e clarificadores que auxiliem outros animadores, artistas, professores e educadores, a ampliarem os dispositivos e os modos de contar, designadamente através de técnicas e dispositivos indutores, simples e experimentados em contextos multiculturais e educacionais *lato sensu*.
- c. Contribuir para trazer à luz da pedagogia e da didática, o valor reforçado da contação de histórias, por crianças e jovens, como valor de inscrição do “eu” e do “nós” num cotidiano de afirmação cidadã, pela via da palavra livre, em busca de infinitos mundos a criar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO AJUDARIS (2009). *Histórias da Ajudaris 2009*. Porto: Associação Ajudaris.
- ASSOCIAÇÃO AJUDARIS (2010). *Histórias da Ajudaris 2010*. Porto: Associação Ajudaris.
- ASSOCIAÇÃO AJUDARIS (2011). *Histórias da Ajudaris 2011*. Porto: Associação Ajudaris.
- BAMFORD, Anne (2006). *The Wow Factor: Global Research Compendium on the Impact of the Arts in Education*. Münster, Germany: Waxmann.
- BAMFORD, Anne (2007). “Aumento da participação e relevância na educação artística e cultural”. In *Conferência Nacional de Educação Artística*, Porto, Casa da Música 29-31 outubro 2017. Porto: Casa da Música, Ministério da Educação e Ministério da Cultura.
- BARRET, Gisèle (1986a). *Pédagogie de l’expression dramatique*. Montréal: Université de Montréal.
- BARRET, Gisèle (1986b). *Essaie sur la pédagogie de la situation en expression dramatique*. Outremont (Québec): Recherche en expression.
- BLANCO, Magín e PRIETO, Iván (2010). *A nena e o grilo*. Pontevedra. OQO Editora.
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- BUZAN, Tony (2003). *O Poder da Inteligência Criativa*. Lisboa: A Oficina do Livro.
- CARMO, Hermano e FERREIRA, Manuela Malheiro (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- COSTA, Renato (2010). *Uma Educação Para a Vida, Um Projeto de Educação Internacional no séc. XXI*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- DELORS, Jacques *et al* (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto: Edições ASA.
- DURAND, Gilbert (1996). *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.
- FARIAS, Carlos Aldemir (2006). *Alfabetos da Alma, histórias da tradição na escola*. Porto Alegre: Editora Sulina.

- FARIAS, Carlos Aldemir (2011). “Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade”, in Prieto, Benita (Org), *Contadores de Histórias: Um exercício para muitas vozes*, pp 17-22. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas.
- GIL, José (2004). *Portugal, Hoje: O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d’Água.
- Governo de Portugal (Ministério da Educação e Ministério da Cultura). (2007). *Conferência Nacional de Educação Artística. Roteiro*. Porto: Casa da Música, Ministério da Educação e Ministério da Cultura.
- LEGENDRE, Renald (2005). *Dictionnaire actuel de l’éducation* (3e édition). Montréal: Guérin.
- MARCOS Adérito, TAVARES, Mirian, MARTINS, Amílcar *et al.* (2014). *Programa do 2º Retiro Doutoral em Média Arte-Digital, “Poéticas Digitais em Al Mutamid”*, Silves, 12 a 18 de julho 2014. Silves: Universidade Aberta e Universidade do Algarve, Câmara Municipal de Silves e CELAS – Centro de Estudos Luso-Árabe.
- MARTINS, Amílcar (2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARTINS, Amílcar (1998). *Actividades dramáticas nos jardins de Infância Luso-chineses de Macau*. Macau: Fundação Macau e Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.
- MARTINS, Amílcar (2007a). “ ‘Cuentos del Espíritu’ num Jogo de Espelhos Virtual”, in *Revista “... à Beira”*, nº 7 , vol. 1, pp. 183-194. Covilhã: Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior.
- MARTINS, Amílcar (2007b). *Educar, Educando-se – Arte e Educação*. Entrevista concedida ao Programa Televisivo Destaque da FGF/TV, Canal Universitário de Fortaleza, em 18 de Dezembro de 2007. (7 vídeos). Fortaleza: Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF). Vídeos acedidos em 30 de outubro 2014: <https://www.youtube.com/watch?v=ab4Utsi55Vc&list=PL54C8C44A78ED7B29>
- MARTINS, Amílcar. (2007). “ ‘Cuentos del Espíritu’ num Jogo de Espelhos Virtual”, in *Revista “... à Beira”*, nº 7 , vol. 1, pp. 183-194. Covilhã: Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior.
- MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2008). *Arte e Educação: A Magia da Palavra*. Lisboa: Universidade Aberta. (Duração do vídeo: 40’) <http://zappiens.pt/Z2787>
- MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2009a). *Arte e Educação: A Magia da Música*. Lisboa: Universidade Aberta. (Duração do vídeo: 40’) <http://zappiens.pt/Z2788>
- MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2009b). *Arte e Educação: A Magia da Expressão Plástica*. Lisboa: Universidade Aberta. (Duração do vídeo: 40’) <http://vimeo.com/93977482>

- MARTINS, Amílcar (2009). *Voz e Dicção*. Lisboa: Universidade Aberta.
<https://www.youtube.com/watch?v=TK3aEizLvFY&list=PL5E56D4924FCC6EEB>
- MARTINS, Amílcar (2011). “Prefácio”, in *Histórias da Ajudaris’11: Pequenos gestos, Grandes corações*. Porto: Associação Ajudaris.
- MARTINS, Amílcar e MACARA, Ana (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2011). *Arte e Educação: A Magia da Dança*. Lisboa: Universidade Aberta. (Duração do vídeo: 40’) <http://zappiens.pt/Z2786>
- MARTINS, Amílcar e ALEXANDRINO, Teresa (2014). “ArteNautas: Um Perfil de Intervenção para Animadores e Arte-Educadores”. In PEREIRA, José Dantas, VIEITES, Manuel Francisco e LOPES, Marcelino de Sousa (Coords). *As Artes na Educação*, pp 245-252. Chaves: INTERVENÇÃO – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- MELLO, Maria Fernanda (2014). Conferência “Transdisciplinaridade: Uma Utopia Pragmática”, Teatro Mascarenhas Grégorio, Silves, em 18 de julho 2014. In MARCOS, Adérito, TAVARES, Mírian, MARTINS, Amílcar et al. *Programa do 2º Retiro Doutoral em Média Arte-Digital, “Poéticas Digitais em Al Mutamid”*, Silves, 12 a 18 de julho 2014. Silves: Universidade Aberta e Universidade do Algarve, Câmara Municipal de Silves e CELAS – Centro de Estudos Luso-Árabe.
- ONFRAY, Michael (2009). *Teoria da Viagem – Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal Editores.
- PEREIRA, José Dantas, VIEITES, Manuel Francisco e LOPES, Marcelino de Sousa (Coords). *As Artes na Educação*. Chaves: INTERVENÇÃO – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- PRIETO, Benita (Org.) (2011). *Contadores de Histórias: Um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas.
- READ, Herbert (1958). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- RILKE, Rainer Maria (2009). *Da natureza, Da Arte e da Linguagem*. Lisboa: Editora Largebooks.
- ROBINSON, Ken (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.
- RODARI, Gianni (1993). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ROGERS, Carl (2009). *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Padrões Culturais Editora.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de (2011). “Contaçon de estórias. Vida e realidade”, in Prieto, Benita (Org), *Contadores de Histórias: Um exercício para muitas vozes*, pp 12-16. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas.

SOARES, Inês Rocha (2008). *O Clube de Pais Leitores do Agrupamento Vertical de Maria Lamas*. Dissertação de Mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares. Lisboa: Universidade Aberta.

STERN, Arno (1978). *Iniciação à Educação Criadora*. Porto: Socicultur.

WALLENSTEIN, Madalena et al (2014). *Se não havia nada, como e que surgiu alguma coisa?* Lisboa: Centro Cultural de Belém, Fábrica das Artes.

LIVROS EXPLORADOS PELOS CIV YOUNG STORYTELLERS

Associação Ajudaris (2009). *Histórias da Ajudaris 2009*. Porto: Associação Ajudaris.

Associação Ajudaris (2010). *Histórias da Ajudaris 2010*. Porto: Associação Ajudaris.

Associação Ajudaris (2011). *Histórias da Ajudaris 2011*. Porto: Associação Ajudaris.

BOWLEY, T. e VILLÁN, Ó. (2010). *Contos do Mundo*. Matosinhos: Kalandraka Editora Portugal.

BURTON, T. (1997). *The Melancholy Death of Oyster Boy*. UK: Butler and Tanner.

CAREY, C. e GEARY, R. (1981). *Contos e Lendas de África*. Lisboa: Melhoramentos.

CARNAVAS, P. (2010). *A Sara Tem Um Grande Coração*. Lisboa: Editorial Presença.

COELHO, Adolfo (2009). *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Leya.

IMAI, A. (2011). *O Gato das Botas*. Leça do Balio: Alfragide: Editora Gato na Lua.

LACOMBE B. (2008). *Los Amantes Mariposa*. Luis Vives Editorial.

MOUTINHO, V. (2002). *Contos Populares Russos*. São Paulo: Landy.

SILVERSTEIN, S. (2008). *A Árvore Generosa*. Figueira da Foz: Bruaá.

S/A. [*Contos Populares Chineses, Volume I*. Tradução Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim, República Popular da China]. São Paulo: Landy.

WEBGRAFIA

BAMFORD, Anne. (2007). “Aumento da participação e relevância na educação artística”, in *Conferência Nacional de Educação Artística*. Conferência de

Abertura. Porto, Casa da Música: Ministério da Educação, Ministério da Cultura *et al.* Acedido em outubro 2014:

<http://www.educacao-artistica.gov.pt/index.htm>

BASTOS, Glória (2010). *Mediação Leitora e Animação para a Leitura – Uma Tipologia*. Lisboa: Universidade Aberta, Mestrado em Arte e Educação, Unidade Curricular Literatura Infantil e Mediação Leitora. Tema 4. Acedido em junho 2010: <http://www.moodle.univ-ab.pt/moodle/mod/resource/view.php?id=115709>

Comissão Nacional da UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Acedido em outubro 2014: <http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Roteiro.pdf>

Fundação Calouste de Gulbenkian. *Concurso Pequeno Grande c*. Acedido em outubro 2014: <http://pequenograndec.org/o-que-e-o-pequeno-grande-c>

Fundação Calouste Gulbenkian (Facebook). *Concurso Pequeno Grande c*. Acedido em outubro 2014:

<http://www.facebook.com/#!/pages/Pequeno-Grande-C/220587777997148>

Lenda *As Unhas do Diabo*. Ponte de Lima. Acedido em outubro 2014:

<http://www.youtube.com/watch?v=AguKoJIIDos>

MBUYAMBA, Lupwishi (2006). *Sessão de encerramento da Conferência Mundial sobre Educação Artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Acedido em outubro 2014:

<http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Relat%C3%B3rio.pdf>

Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas (1994).

Acedido em 12 de outubro 2008: www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm

MARTINS, Amílcar (autor), ESTEVES, Elisa (realizadora) e RIBEIRO, Teresa (tecnóloga) (2008). *Arte e Educação: A Magia da Palavra*. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido em outubro 2014: <http://zappiens.pt/Z2787>

MARTINS, Amílcar, LIMA, Catarina e ALEXANDRINO, Teresa (Coord.) (2011). Programa *A Viagem do ArteNauta: Contadores de Histórias e Criatividade* Ponte de Lima, 17 a 22 outubro 2011. Ponte de Lima: Centro Local de Aprendizagem de Ponte de Lima da Universidade Aberta *et al.* Acedido em outubro 2014:

http://issuu.com/clapontedelima/docs/programa_a_viagem_do_artenauta_17_a_29_de_outubro

ANEXOS

ANEXO 1: Exemplo de Carta de Autorização dos Encarregados de Educação para a Captura e Divulgação de Imagens dos seus Educandos

ANEXO 2: Exemplos de Cartas de Autorização dos Encarregados de Educação para a Participação dos seus Educandos nas Viagens fora do CIV

- Viagem a Ponte de Lima
- Viagem a Óbidos

ANEXO 3: Exemplos de Cartazes e Programas de Atividades no CIV

ANEXO 4: Exemplos de Cartazes, Crachás, Programas e Oficinas de Atividades fora do CIV

ANEXO 5: Exemplos de Retroações das Viagens dos CIV *Young Storytellers*

ANEXO 6: Exemplos de Certificados de Participação dos CIV *Young Storytellers*, em eventos fora do CIV

ANEXO 1: Exemplo de Carta de Autorização dos Encarregados de Educação para a Captura e Divulgação de Imagens dos seus Educandos

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Estimados Pais/Encarregados de Educação

Serve a presente para pedir a Vossa autorização para a utilização de imagens e sons ligados ao Projeto CIV *Young Storytellers* e que dizem respeito à Vossa filha/educanda _____.

Este projeto está a ser investigado no Colégio Internacional de Vilamoura pela Prof^a. Teresa Alexandrino e tem a supervisão do Prof. Dr. Amílcar Martins, coordenador do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta de Lisboa.

O Projeto CIV *Young Storytellers* é um trabalho de investigação-ação que tem como objetivo principal o de descrever o processo de ligação pedagógica, didática e artística entre os saberes de tradição e os saberes artísticos, científicos e tecnológicos, através do próprio projeto.

Do ponto de vista científico, a ação pressupõe a captura de alguns dos momentos de experimentação direta com vários públicos, apenas possível através do registo de imagens e vídeos. Imagens e vídeos estes que serão objeto de análise de conteúdo.

Para viabilizar o nosso projeto vimos, assim, pedir a Vossa colaboração na forma de uma autorização.

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome) _____, abaixo assinado, Encarregado de Educação da/do estudante _____, autorizo a utilização de imagens e sons ligadas ao projeto CIV *Young Storytellers*, em investigação no Colégio Internacional de Vilamoura.

Vilamoura, de julho de 2012

Assinatura _____

ANEXO 2: Exemplos de Cartas de Autorização dos Encarregados de Educação para a Participação dos seus Educandos nas Viagens fora do CIV

VIAGEM A PONTE DE LIMA

(imprimir em papel timbrado)



CIV Young Storytellers

Educational Trip to

Ponte de Lima

17th, 18th and 19th of October

We propose to take the **CIV Young Storytellers**, Year 8, Year 9 and Year 10, from the English Studies, on a **three day** trip to Ponte de Lima. The purpose is that these students experience and participate on a Storytellers gathering.

Students will have 4 meals (dinner on the 17th, lunch and dinner on the 18th and lunch on the 19th) at **restaurant Katekero** in Ponte de Lima and will spend the 2 nights in the **Pousada da Juventude in Ponte de Lima**, (breakfast included).

Pousada site: http://microsites.juventude.gov.pt/Portal/pt/PPonte_Lima.htm

For the overnight stay students need to bring:

- ✓ Bath towel
- ✓ Night wear
- ✓ Toiletries
- ✓ Flip-flops to shower with (optional)

On **Monday the 17th** of October the bus will depart from the school at **08:00** and will arrive, approximately, in Ponte de Lima at 16:00. During the journey students will have the opportunity to have lunch.

At 18:00 the students will participate with the *Vernissage* of the Exhibitions *ArteNauta-O Viajante da Arte* and *Ilustrações do Livro Histórias da Ajudaris 2010* in the Biblioteca of Ponte de Lima.

2 | *Educational Trip to Ponte de Lima*

On the morning of **Tuesday the 18th** the CIV *Young Storytellers* will participate in the event – *A Viagem do ArteNauta, Contadores de Histórias e Criatividade*. Students will be telling stories from the book “Histórias da Ajudaris 2010” in English and Portuguese using their *Caixas com Alma* and *Puppet Theatre*.



After lunch, at 15:00, the CIV *Young Storytellers* will present a Workshop - *Construção de Caixas e Objetos Mágicos* and, after dinner, they will participate in the storytellers' gathering – *Histórias de Vida e da Terra, Poesia e Lendas* at *Mercearia da Vila*.



On **Wednesday the 19th**, at 10:00, the CIV *Young Storytellers* will participate in a beautiful event – *Criar Histórias com Flores*, at *Festival Internacional de Jardins* and, to create their stories, they will be using their *Carrinho Contador*.

The full programme of the event is available at :

http://issuu.com/clapontedelima/docs/programa_a_viagem_do_artenauta_17_a_29_de_outubro

During the afternoon the students will depart from Ponte de Lima and return to school, arriving approximately at **22:30**.

Students should ensure they have enough money for snacks and drinks during the bus trips (at least 10 €).

The cost of the trip has been calculated according to the number of students and it will be **180 €**. This includes transport, the 2 overnights and 4 meals.

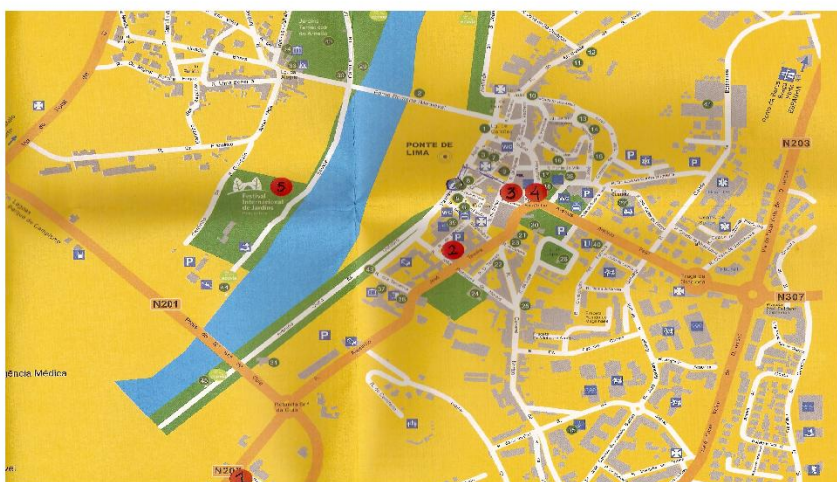
If you wish your educand to be included in this class visit, please complete the authorisation form below and return, with payment, to **secretaria** by **Tuesday the 11th** of October.

For any queries please contact Teresa Alexandrino on 966 671 471 or t_alexandrino@yahoo.com

3 | *Educational Trip to Ponte de Lima*

Refer to the map above for the location of:

1. Pousada da Juventude de Ponte de Lima
2. Restaurante Kátekero
3. Biblioteca de Ponte de Lima
4. mercearia da vila
5. Festival Internacional de Jardins



STUDENTS DO NOT NEED TO WEAR UNIFORM. Please ensure they have warm, waterproof clothes and comfortable shoes.

PARENTS ARE MOST WELCOME TO ATTEND A VIAGEM DO ARTENAUTA IN PONTE DE LIMA.

Paula Ferreira (*Principa*)

Conceição Gomes (*French teacher*)

Teresa Alexandrino (*Art teacher*)

4 | *Educational Trip to Ponte de Lima*

Authorisation

I, _____ responsible for the
student _____,

from year _____, hereby give permission for the above mentioned student
to participate in a study trip to Ponte de Lima on the 17th, 18th and 19th of
October 2011. I enclose payment of 180 €.

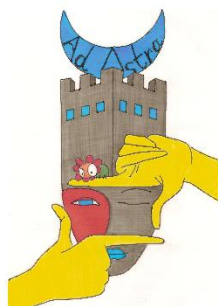
Date _____, October 2011

Signature

VIAGEM A ÓBIDOS



COLÉGIO
INTERNACIONAL DE
VILAMOURA
INTERNATIONAL
SCHOOL



CIV Young Storytellers

Educational Trip to

ÓBIDOS

4th, 5th and 6th of May

We propose to take the **CIV Young Storytellers**, Year 8 and Year 9 from the English Studies, on a **three day** trip to Óbidos. The objective is for students to experience and participate in a Storytellers gathering.

Students will have 5 meals (lunch and dinner on the 4th and 5th of May and lunch on the 6th) at restaurant **Muralhas** in Ponte de Lima: <http://www.restaurantesdeobidos.com/>

They will spend 2 nights in **Casa do Relógio**, Ponte de Lima (breakfast included): <http://www.casadorelogio.com/index.php?id=12>

For the overnight stay students need to bring:

- ✓ Night wear
- ✓ Toiletries

On **Friday** the 4th the bus will depart from the school at **07:30** and will arrive in Óbidos approximately at 12:00.



HISTÓRIAS COM BICHO

At 21:00 the students will participate with the other storytellers - **Contos ao Luar** – at *Livraria Histórias com Bicho* in Óbidos: <http://www.obichinhodeconto.pt/?livraria/livraria>

On **Saturday** the 5th, at *Museu Abílio de Matos e Silva*, the *CIV Young Storytellers* will participate in the workshop – SABERES DO CINEASTA OPPIDUM. The objective of this workshop is to give students the ability to tell stories and produce these on short films using basic technology.

At 09:30, on **Sunday** the 6th, the students will be at the *Museu Abílio de Matos e Silva* for the *Cineasta Oppidum* award ceremony.

2 | *Educational Trip to Óbidos*

In the afternoon the students will depart from Óbidos and return to school, arriving approximately at **20:30**.

Students should ensure they have enough money for snacks and drinks during the bus trips (at least 10 €).

The cost of the trip has been calculated according to the number of students, 150 €. This includes transport, 2 overnight stays and 5 meals.

If you wish your educand to be included in this class visit, please complete the authorisation form below and return, with payment, **to the secretary's office** by **Wednesday** the 28th of March.

For any queries please contact Teresa Alexandrino on 966 671 471 or t_alexandrino@yahoo.com

STUDENTS DO NOT NEED TO WEAR SCHOOL UNIFORM. Please ensure they have warm clothes, water resistant item, in case of rain and comfortable shoes.

PARENTS ARE MOST WELCOME TO ATTEND **CINEASTA OPPIDUM** AWARD CEREMONY IN ÓBIDOS.

Teresa Alexandrino (*Art teacher*)

Conceição Gomes (*French teacher*)

Paula Ferreira (Principal)

Authorisation

I, _____ responsible for the
student _____,

from year _____, hereby give permission for the above mentioned student
to participate in a study trip to Óbidos on the 4th, 5th and 6th of May 2012.

I enclose payment of 150 €.

Date _____ March, 2012

Signature _____

ANEXO 3: Exemplos de Cartazes e Programas de Atividades no CIV




COLÉGIO
INTERNACIONAL
DE VILAMOURA

HISTÓRIAS DA AJUDARIS

NA BIBLIOTECA

sexta-feira, 29 de outubro
Das 11:00h às 12:00h
e
Das 13:00h às 13:30h

Contadas pelos alunos do Year 7, Year 9 e pelo
Professor Amílcar Martins



COLÉGIO
INTERNACIONAL
DE VILAMOURA

Caixas com Histórias da Ajudaris

29 De Outubro na **BIBLIOTECA**

Das 11:00h às 11:30h e das 14:00h às 14:30h



A Galinha e o Lobo

Catarina, Jessica e Mafalda



Aventuras na Floresta Mágica

João, Inês e Mariano



Os Três Amigos

Tomas; Catarina e Stefan

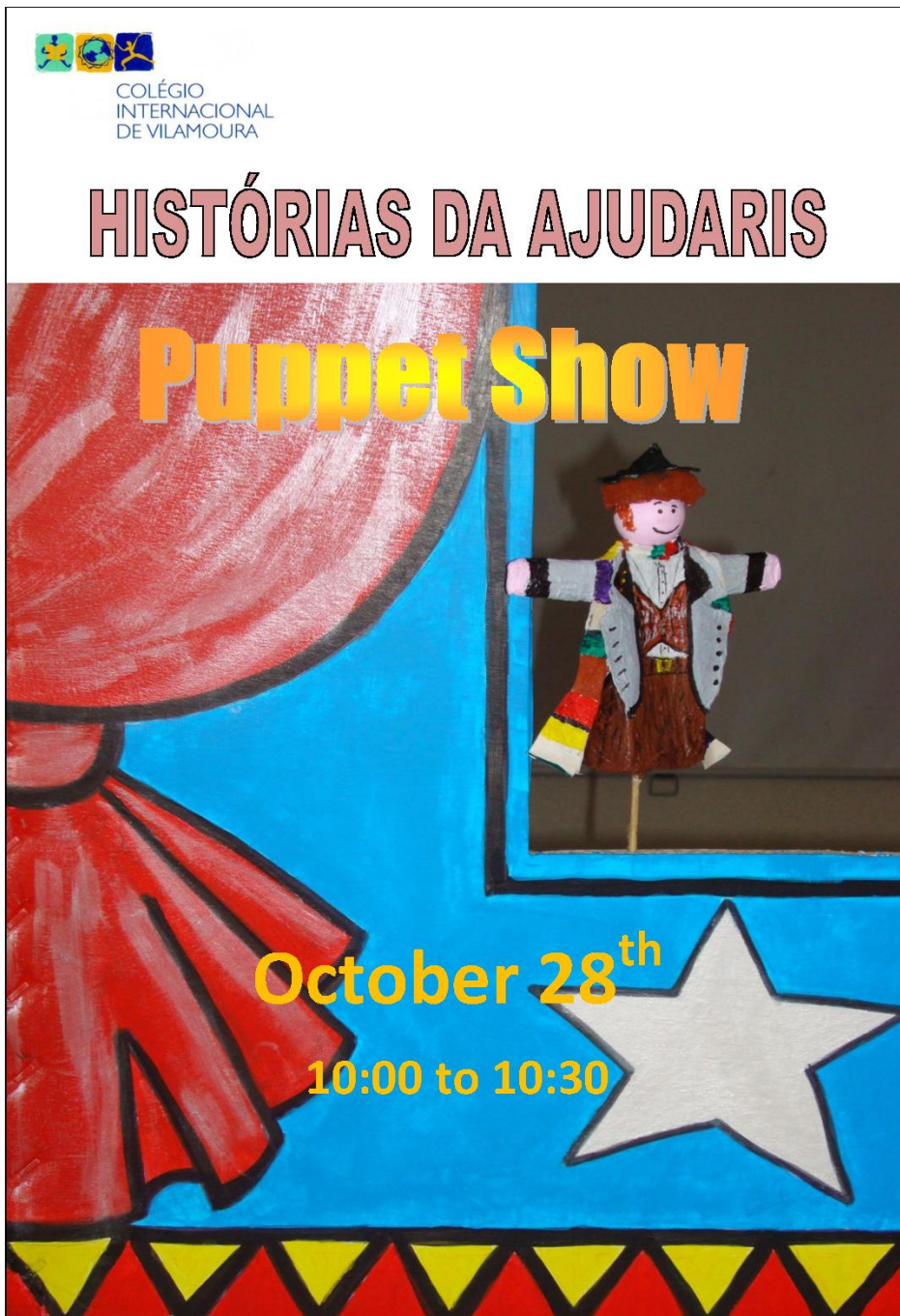
As Amigas

Virna, Lara, Marta e Beatriz

O Bichinho da Música

e o Menino Triste

Brenda, Carolina e Natacha





COLÉGIO
INTERNACIONAL
DE VILAMOURA

Puppet show

10:00 to 10:30

October 28th



Histórias da Ajudaris

1st story – *Os Três Amigos*

Emile; Mathew; André and Peter

2nd story – *Altos Ares*

Mariana; Matilde and Verónica

3rd story – *Uma Aventura na Floresta*

Vanessa and Walter

4th story – *Altos Ares*

Catarina; Courtney and Walter

5th story - *As Amigas*

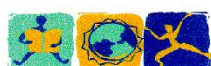
Khira and Cláudia

6th story – *Os Três Amigos*

Tomás and Raquel

EXPOSIÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO HISTÓRIAS DA AJUDARIS'11

19 e 20
abril'12



Biblioteca
Colégio
Internacional
De Vilamoura



MAIS INFORMAÇÕES:
dina.adao@civ.com.pt

Organizadores:

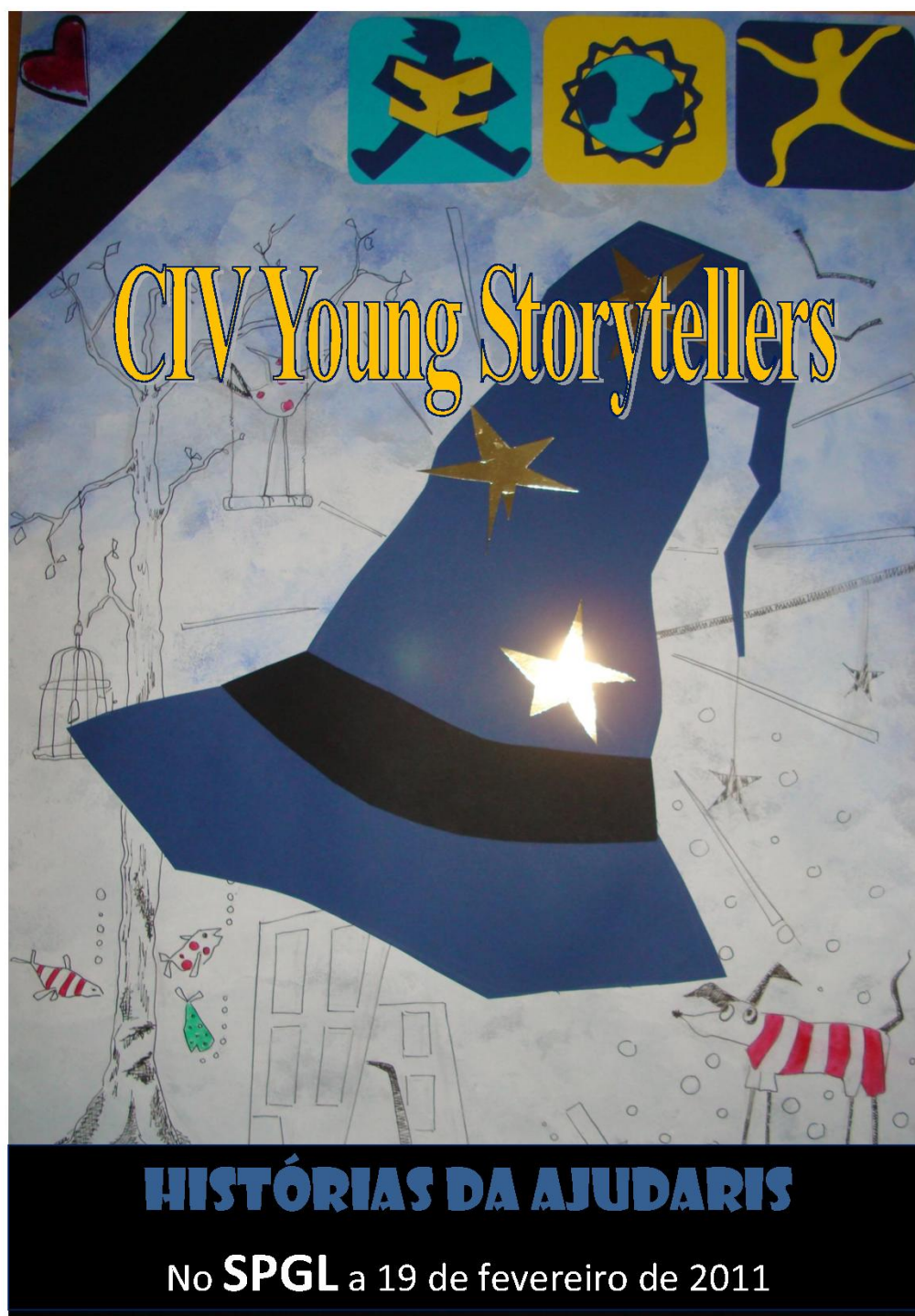


Parceiros:



















ANEXO 4: Exemplos de Cartazes, Crachás, Programas e Oficinas de Atividades fora do CIV

LISBOA – Sindicato de Professores da Grande Lisboa (SPGL)



PONTE DE LIMA

A Viagem do ArteNauta: Contadores de Histórias e Criatividade

 CATARINA ROSA CIV Young Storyteller	 DAPHNE STAMOULIS CIV Young Storyteller	 KSENIA NEDVESTKAYA CIV Young Storyteller	 MAFALDA MECO CIV Young Storyteller
 CAROLINA DAVIDIAN CIV Young Storyteller	 NATASHA VIEIRA CIV Young Storyteller	 MICKAEL GUSTÓDIO CIV Young Storyteller	 MIGUEL NETO CIV Young Storyteller
 JOÃO MEXIA CIV Young Storyteller	 BEATRIZ FAÍSCA CIV Young Storyteller	 DANIELA LOPEZ CIV Young Storyteller	 CATARINA DE SOUSA CIV Young Storyteller
 LAURA SILVA CIV Young Storyteller	 LARA DE BRITO CIV Young Storyteller	 MIGUEL GROSSMANN CIV Young Storyteller	 RAFAEL ESTEVENS CIV Young Storyteller



17
seg

 **Biblioteca Municipal Ponte de Lima**

18h00 Biblioteca de Ponte de Lima

Inauguração das Exposições:

ArteNauta – O Viajante da Arte



Ilustrações do livro Histórias da Ajudaris



18
ter

 **Mercearia da Vila**

10h00 Biblioteca de Ponte de Lima

Sessão de contadores de histórias do livro Histórias da Ajudaris 2010 pelos CIV *Young Storytellers* e muitos outros contadores

15h00 – Oficina

Construção de Caixas e Objetos Mágicos pelos CIV *Young Storytellers* e Teresa Alexandrino

21h30 Tertúlia na Mercearia da Vila

Participação dos CIV *Young Storytellers* na Tertúlia *Histórias de Vida e da Terra, Poesia e Lendas*

19
qua

 **Festival Internacional de Jardins**

10h00 Festival Internacional de Jardins

Participação dos CIV *Young Storytellers* na atividade de contação de histórias *Criar Histórias com Flores*



Ver o programa completo

A Viagem do ArteNauta: Contadores de Histórias e Criatividade:

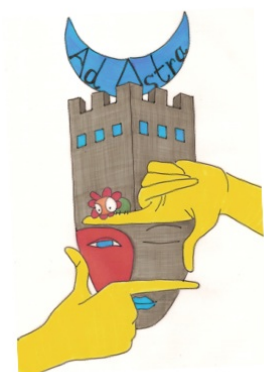
http://issuu.com/clapontedelima/docs/programa_a_viagem_do_artenauta_17_a_29_de_outubro/9

 <p>18 de Outubro de 2011</p> <p style="font-size: 2em; font-weight: bold; background-color: #e91e63; color: white; padding: 5px; display: inline-block;">OFICINAS</p> 		
<p>I. Construção de caixas e objetos mágicos</p>	<p>II. Contação de histórias "Paper Theatre" & Chinese Shadows"</p>	<p>III. Improvisação de histórias "Carrinho contador"</p>
<p>Orientação: Teresa Alexandrino</p> <p>Grupo princesses Natasha Lloyd-Vieira, Carolina Davoudian e Yasmin Safar</p> <p>Grupo preliminar-pim-pim Catarina Rosa e Daphne Stamoulis</p> <p>Grupo abracadabra Laura Silva, Victoria Bonina e Lisa Little</p> <p>Grupo fairies Lara Koch de Brito, Mafalda Meco e Ksenia Nedvetskaya</p>	<p><i>Grupo Il était une fois...</i></p> <p>Orientação: Conceição Gomes Cláudia Zhu Catarina Sousa Matilde Caetano Mariana Mendes Maria Mello</p>	<p><i>Grupo Aqui e Agora!</i></p> <p>Orientação: Amílcar Martins Tomas Santos Miguel Grossmann Rafael Esteves Stefan Mendes</p>

ÓBIDOS

Seminário Cineasta *Oppidum*

 <p>MAFALDA MECO</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>	 <p>CATARINA ROSA</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>
 <p>LAURA SILVA</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>	 <p>MATILDE CAETANO</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>
 <p>CLAUDIA ZHU</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>	 <p>MARIANA MENDES</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>
 <p>OLGA BUTENKA</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>	 <p>VICTORIA BONINA</p>  <p>CIV <i>Young Storyteller</i></p>



ArteNauta Cineasta *Oppidum* ¹



Mandala Cineasta *Oppidum* ²

PROGRAMA ³

Seminário

CINEASTA *OPPIDUM*

Óbidos, 5 e 6 de maio de 2012

Museu Abílio Mattos Silva

Organização ⁴



Apoios ⁵



¹ Criação de Teresa Alexandrino

² Criação de Ana Margarida Mira

³ Coordenação do programa: Amílcar Martins (Universidade Aberta)

⁴ Organização: Amílcar Martins, Maria do Céu Marques, Teresa Alexandrino e Luízinho Leal (Universidade Aberta); António Valente (Universidade de Aveiro)

⁵ Apoios: Miguel Silvestre e Ana Calçada (Município de Óbidos)



Canção-Hino ArteNauta Cineasta

Texto: Amílcar Martins

Música: Júlio Viana

Maestro: Luízinho Leal

Ar - te Nau - ta Ci - ne - as - ta Vou a Ó - bi - dos Cas - tel - lar...
 15 Com a Ca - mara de fil - mar...
 24 In - ven - to um mo - do de con - tar...

I
*ArteNauta Cineasta...
Vou a Óbidos castelar
Com a câmara de filmar
Invento um modo de contar*

II
*ArteNauta Cineasta...
Imagino o meu filmar
Com o infinito Ad Astra
Vou contar vou contar*

III
*ArteNauta Cineasta...
Tanta arte a transbordar
Vejo bichos de contar
Vou amar vou amar*

IV
*ArteNauta Cineasta...
Conto conto a bicharar
Bicharoco do meu conto
Leva longe o meu sonhar*

V
*ArteNauta Cineasta...
Telemóveis de filmar
Com o infinito Ad Astra
Vou contar vou contar*

VI
*ArteNauta Cineasta...
Leva a escola a filmar
Tanto canto e mais conto
Os meninos vão contar*



Enquadramento

O seminário CINEASTA *OPPIDUM*, integra-se no programa do "Maio Criativo" e na "Fábrica da Criatividade", uma iniciativa promovida pelo Município de Óbidos e que coloca o conceito e a dinâmica do processo criativo no centro da ação a desenvolver, através da convergência de múltiplas modalidades e dispositivos artísticos de natureza e origem local e internacional. Do programa do "Maio Criativo" pode ler-se:

(...)

QUEREMOS QUE O MAIO CRIATIVO SEJA MAIS UMA ETAPA DO PROCESSO DE DISSEMINAÇÃO DA CRIATIVIDADE ENQUANTO VALOR FUNDAMENTAL DO NOSSO POSICIONAMENTO. É UM EVENTO QUE PROCURA ENSINAR A LER O MUNDO, NAS LINHAS E NAS ENTRELINHAS, PROCURANDO ANTECIPAR MUDANÇAS QUE SE AFIGURAM E QUEM SABE, CRIAR ALGUMAS.

O PROGRAMA É AMBICIOSO, VASTO, EXPERIMENTAL E NÃO PROCURA ESPETADORES... QUEREMOS QUE AQUELES QUE AQUI CHEGAM SAIAM INSPIRADOS, PELO MENOS... A SE TORNAREM CRIADORES, EXPERIMENTADORES, REALIZADORES DE ALGUM SONHO OU PROJETO.

In programa do "Maio Criativo": <http://www.cm-obidos.pt/>

É com este espírito que o seminário CINEASTA *OPPIDUM* convida e acolhe um público diversificado, designadamente de estudantes dos 1º, 2º e 3º ciclos da Universidade Aberta e da Universidade de Aveiro, de 16 *Young Storytellers* do Colégio Internacional de Vilamoura (CIV), e está igualmente aberto a pessoas de Óbidos e de outras localidades interessadas na temática a abordar e seus objetivos.



Objetivos

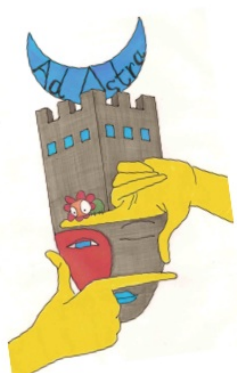
A atividade do seminário CINEASTA *OPPIDUM* será centrada no processo criativo da produção e nos aspetos técnicos dos equipamentos de captura áudio-visual, bem como na expressão e interpretação de contação de histórias, e ainda na montagem e apreciação de narrativas vídeo-cinematográficas.

A abordagem metodológica será essencialmente prática privilegiando-se um roteiro operativo que responda às seguintes questões sobre o ATO DE FILMAR:

- Filmar COM QUÊ? (*equipamentos: telemóvel; câmeras; cartões*)
 - Filmar O QUÊ? (*storyboard, guião*)
 - Filmar ONDE? (*espaços e locais de Óbidos*)
 - Filmar COM QUEM? (*pessoas, personagens e objetos*)
 - Filmar COMO? (*contar uma história para ser partilhada e apreciada*)

Focar-nos-emos em SABERES:

- SABER-PRODUZIR
 - SABER-CAPTURAR
 - SABER MONTAR
 - SABER-CRIAR
 - SABER-CONTAR
 - SABER APRECIAR



Equipamentos e materiais necessários

- Telemóvel e/ou câmara de filmar e/ou fotografar (1 por 4/5 pessoas)
- Cartões de memória (vários)
- Tripé (1 por 4/5 pessoas)
- Computador portátil com um programa de edição de vídeos (1 por 4/5 pessoas)
- Extensão elétrica (1 por 4/5 pessoas)
- Cabo de ligação entre o telemóvel (e/ou câmara de filmar) e o computador portátil (1 por 4/5 pessoas)



Atividades

	DIA 5 DE MAIO — SÁBADO	DIA 6 DE MAIO — DOMINGO
10h-13h Museu Abílio e Exterior	<p>ÓBIDOS CRIATIVA Miguel Silvestre e Ana Calçada (<i>Atarquia de Óbidos</i>)</p> <p>CINEASTA <i>OPPIDUM</i> Amílcar Martins e Maria do Céu Marques (<i>Universidade Aberta</i>)</p> <p>ÁUDIO-VISUAL, TECNOLOGIA E CRIATIVIDADE António Valente (<i>Universidade de Aveiro</i>)</p> <p>CRIAÇÃO DE GUIÕES / EQUIPAMENTOS / FILMAGENS Trabalho de Equipas</p>	<p>MONTAGEM DOS FILMES Trabalho de Equipas</p> <p>Apoio Amílcar Martins, Maria do Céu Marques e António Valente</p>
13h-15h	Almoço	Almoço
15h-19h Museu Abílio e Exterior	<p>FILMAGENS Trabalho de Equipas</p> <p>Apoio Amílcar Martins, Maria do Céu Marques e António Valente</p>	<p>(15h-16:30h)</p> <p>APRESENTAÇÃO DOS FILMES Trabalho de Equipas</p> <p>ENTREGA DE CERTIFICADOS (<i>ver anexo</i>)</p>
19h-21h	Jantar	ENCERRAMENTO
21:30h-23h EPIC Espaço da Promoção da Inovação e Criatividade	<p>CONTOS AO LUAR</p> <p>CIV <i>Young Storytellers</i> (<i>ver anexo</i>) (<i>Colégio Internacional de Vilamoura</i>)</p> <p>Coral Nascente Infanto-Juvenil (<i>Olho Marinho, Óbidos</i>)</p>	



Era uma vez...

OS

CIV Young Storytellers

Por Teresa Alexandrino

O grupo de jovens contadores de histórias do Colégio Internacional de Vilamoura - *CIV Young Storytellers*, presentemente com idades entre os 12 e os 15 anos, foi criado em outubro de 2010 e tem na sua génese a animação para a leitura do livro *Histórias da Ajudaris 2009*.

Tendo como objetivos estimular o interesse dos jovens pelo livro *Histórias da Ajudaris* e despertar a sua sensibilidade para este projeto de cariz social e artístico, propus-lhes a recriação das histórias expressa plasticamente. Para fazer viver a palavra escrita e compreender como funciona, os jovens contadores deram alma a caixas de cartão que ficaram conhecidas pelas *Caixas com Alma* dos *CIV Young Storytellers*.

Desde então os jovens contadores criam objetos plásticos para a recontação das histórias do livro *Histórias de Ajudaris* (2009, 2010 e 2011) e fazem deles trampolim para a criação pessoal de histórias.

Para que os *CIV Young Storytellers* exercitem a oralidade, compartilhem sensações e experiências, tenho organizado alguns encontros com contadores de histórias, dentro e fora da escola. Na escola, deslocam-se com alguma frequência ao Jardim Infantil e à biblioteca, para contarem histórias aos mais pequeninos. Fora da escola participaram já, em fevereiro de 2011, na *Tertúlia de Contadores das Histórias da Ajudaris* no

SPGL (Sindicato dos Professores da Grande Lisboa) e, em outubro do mesmo ano, na *Tertúlia na Mercearia da Vila*, por altura do evento *Contadores de Histórias e Criatividade* em Ponte de Lima.




No dia 19 de abril último, para a inauguração da exposição - *Ilustrações do Livro Histórias da Ajudaris'11*, os *CIV Young Storytellers* receberam no Colégio, com uma sessão de *Contos do Mundo*, um grupo de jovens da Escola Diamantina Negrão de Albufeira. Retribuíram a visita uma semana depois, levando para partilhar os mesmos *Contos do Mundo*.






Serão de Contos ao Luar, em Óbidos

Em noite de lua cheia vamos viajar por contos do mundo. Seguir os trilhos de narrativas fantásticas e ficar a saber porque vivem no céu a lua e o sol, deleitar-nos com o canto de um rouxinol. Tremer de medo do Barba Azul e arrepiar-nos com Baba Yaga. Ter compaixão por uma pobre mulher esqueleto e simpatia por uma menina Voodoo. Tudo isto são visões, desejos, conflitos e valores tornados possíveis pela palavra e que brotam da vontade de partilha dos *CIV Young Storytellers*.

1. **Por Que o Sol e a Lua Vivem no Céu** por Beatriz Faisca
2. **A Mulher Esqueleto** por Catarina Quintas Rosa
3. **Barba Azul** por Carolina Davoudian
4. **O Pássaro de Fogo** por Natasha Lloyd-Vieira
5. **Baba Yaga** por Ksenia Nedvetskaya
6. **O Imperador e o Rouxinol** por Cláudia Zhu
7. **Voodoo Girl** por Matilde Caetano
8. **Stick Boy and Match Girl in Love** por Mariana Mendes
9. **O Gato das Botas** por João Mexia
10. **A Mulher Minúscula** por Laura Nascimento
11. **Um dia um Guarda Chuva** por Lara Koch de Brito
12. **A semente** por Daphne Stamoulis
13. **Porque a Cobra Muda de Pele** por Teresa Alexandrino

ANEXO 5: Exemplos de Retroações das Viagens dos CIV *Young Storytellers*

CIV <i>Young Storytellers</i> 2010/2011	
Retroação de 2010/2011	
	
	
	
	



CINEASTA OPPIDUM

4, 5 e 6 de maio 2012



Organização:



Apoio:



COLÉGIO
INTERNACIONAL DE
VILAMOURA
INTERNATIONAL
SCHOOL

A atividade do seminário CINEASTA OPPIDUM decorreu centrada no processo criativo da produção e nos aspetos técnicos dos equipamentos de captura áudio-visual, bem como na expressão e contação de histórias, e ainda na montagem e apreciação de narrativas video-cinematográficas. (Amílcar Martins in Programa do Cineasta *Oppidum*).

Quadro I – SABERES

SABER-PRODUZIR	SABER-CAPTURAR
SABER-MONTAR	SABER-CRIAR
SABER-CONTAR	SABER-APRECIAR

Quadro II - OBJETIVOS

Filmar COM QUÊ?	<i>telemóvel, câmara</i>
Filmar O QUÊ?	<i>guião, storyboard</i>
Filmar ONDE?	<i>espaços e locais de Óbidos</i>
Filmar COM QUEM?	<i>pessoas, personagens, objetos</i>
Filmar COMO?	<i>contar uma história para ser partilhada e apreciada</i>

Quadro III- EQUIPAS

	EQUIPA I	EQUIPA II	EQUIPA III	EQUIPA IV
CIV <i>Young Storytellers</i>	Cláudia Zhu Matilde Caetano Mariana Mendes	Carolina Davoudian Daphne Stamoulis Miguel Neto Natasha Lloyd-Vieira Olga Butenko Victoria Bunina	Beatriz Faisca Ksenia Nedvetskaya Lara Jorge Laura Silva	Catarina Rosa João Mexia Mafalda Meco
Estudantes MAE (Mestrado em Arte Educação da Uab)	Antónia Azevedo Luisinho Leal Maria Pinheiro	Teresa Alexandrino	Margarida Mira	Rosa Montez Ana Ambrósio
Estudantes de Comunicação e Cinema		Victor	Ricardo Rui	Gustavo
Professores de Comunicação e Cinema/ Literatura e Cinema	António Valente M ^a Céu Marques			
Colaboradores	José Marques			Rafaela Ana (?)

Quadro IV – RETROAÇÃO EQUIPAS *Cineasta Oppidum*

EQUIPA	
TÍTULO DA CURTA	
OBJETIVOS	
Filmar COM QUÊ?	
Filmar O QUÊ?	
Filmar ONDE?	
Filmar COM QUEM?	
Filmar COMO?	



SERÃO DE CONTOS AO LUAR

5 de maio 2012

Apoio







HISTÓRIAS COM BICHO



Quadro V – RETROAÇÃO *Contos ao Luar*

(Fotos de Dina Adão e Manuel Azevedo)

<i>CONTOS DO MUNDO na Igreja do Convento das Gaeiras</i>	
<p>Por que o sol e a lua vivem no céu <i>Conto africano</i> <i>por Beatriz Faisca</i></p>	
	<p>A Mulher Esqueleto <i>Conto do Mundo de Tim Bowley</i> <i>por Catarina Quintas Rosa</i></p>
<p>Barba Azul <i>Conto russo</i> <i>por Carolina Davoudian</i></p>	
	<p>O Pássaro de Fogo <i>Conto russo</i> <i>por Natasha Lloyd-Vieira</i></p>

	<p>Voodoo Girl <i>Poema de Tim Burton</i> por Matilde Caetano</p>	
<p>Stick Boy and Match Girl in Love <i>Poema de Tim Burton</i> por Mariana Mendes</p>		
	<p>The Girl With Many Eyes <i>Poema de Tim Burton</i> por Cláudia Zhu</p>	
<p>A Mulher Minúscula <i>Conto russo</i> por Laura Nascimento</p>		
	<p>Um dia um Guarda Chuva <i>Conto de Davide Cali (Suíça)</i> por Lara Koch de Brito</p>	
<p>O Imperador e o Rouxinol <i>Conto chinês</i> por Cláudia Zhu</p>		

ANEXO 6: Exemplos de Certificados de Participação dos CIV *Young Storytellers*, em eventos fora do CIV





A VIAGEM DO ARTENAUTA CONTADORES DE HISTÓRIAS E CRIATIVIDADE

Portugal
Ponte de Lima





CERTIFICADO

Certifica-se que _____, membro do CIV *Young Storytellers* do Colégio Internacional de Vilamoura, participou ativamente, e com grande sucesso, em várias das sessões integradas no programa do evento A VIAGEM DO ARTENAUTA: CONTADORES DE HISTÓRIAS E CRIATIVIDADE, as quais tiveram lugar em Portugal, na vila de Ponte de Lima, nos dias 17, 18 e 19 de Outubro de 2011.

Ver o programa no link: http://issuu.com/clapontedelima/docs/programa_a_viagem_do_artenauta_17_a_29_de_outubro#download

Ponte de Lima, 19 de Outubro de 2011

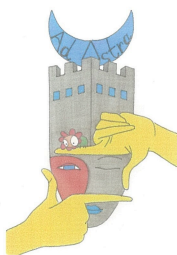


 Prof. Dr. Amílcar Martins
 Universidade Aberta
amilcarmartins1@gmail.com



 Dr.ª Catarina Lima
 CLA de Ponte de Lima
 Universidade Aberta
cla_ponl@univ-ab.pt



 Prof.ª Teresa Alexandrino
 CIV *Young Storytellers*
 Colégio Internacional de Vilamoura
t_alexandrino@yahoo.com



ArteNauta Cineasta Oppidum¹



Mandala Cineasta Oppidum²





CERTIFICADO


Para os devidos efeitos se declara que JOÃO MEXIA, frequentou, com aproveitamento e sucesso, o Seminário CINEASTA OPPIDUM, integrado no “Maio Criativo” e na “Fábrica da Criatividade” do Município de Óbidos, o qual se desenvolveu nos dias 5 e 6 de maio de 2012 no Museu e Casa Abílio Mattos Silva, nas componentes teórico-práticas e técnico-artísticas, ao longo de 15 horas e em modalidades convergentes e articuladas de produção, de contação de histórias e de criação de narrativas vídeo-cinematográficas.

Óbidos, 6 de maio de 2012

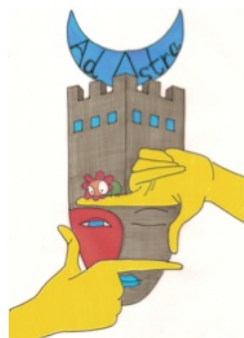
A Comissão Científica do CINEASTA OPPIDUM


 Prof. Doutor António Valente
 (Cinema e Comunicação)
 Departamento de Comunicação e Arte
 Universidade de Aveiro


 Prof.ª Doutora Maria do Céu Marques
 (Literatura e Cinema)
 Departamento de Humanidades
 Universidade Aberta


 Prof. Doutor Amílcar Martins
 (Teatro e Arte e Educação)
 Departamento de Educação e Ensino a Distância
 Universidade Aberta

¹ Criação de MAE Teresa Alexandrino
² Criação de MAE Ana Margarida Mira



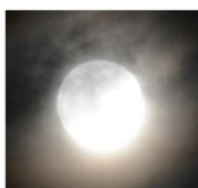
ArteNauta Cineasta *Oppidum* ¹



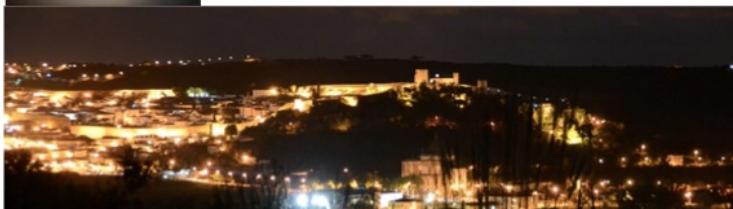
Mandala Cineasta *Oppidum* ²



CERTIFICADO



Para os devidos efeitos se declara que os **CIV *Young Storytellers*** do Colégio Internacional de Vilamoura, o **CORAL NASCENTE** da Freguesia de Olho Marinho do Concelho de Óbidos e a contadora de histórias **MAFALDA MILHÕES** da Livraria Bichinho do Conto, atuaram com elevado espírito artístico, cultural e de partilha no serão **CONTOS AO LUAR**, realizado no Convento de S. Miguel das Gaeiras, na noite do dia 5 de maio de 2012. O evento representou um dos momentos fecundos de intercâmbio e de criatividade do Seminário **CINEASTA *OPPIDUM***, organizado pelas Universidade Aberta e Universidade de Aveiro, e inserido na programação do “Maio Criativo” e “Fábrica da Criatividade” do Município de Óbidos.



³

Óbidos, 5 de maio de 2012

Pel' A Comissão Científica do Seminário **CINEASTA *OPPIDUM***



Prof. Doutor Amílcar Martins
(*Coordenador do Mestrado em Arte e Educação*)
Departamento de Educação e Ensino a Distância
Universidade Aberta
amilcamartins1@gmail.com

¹ Criação de MAE Teresa Alexandrino

² Criação de MAE Ana Margarida Mira

³ Contos ao Luar – Fotos de Manuel Moreira Azevedo